

12ª edição

DF

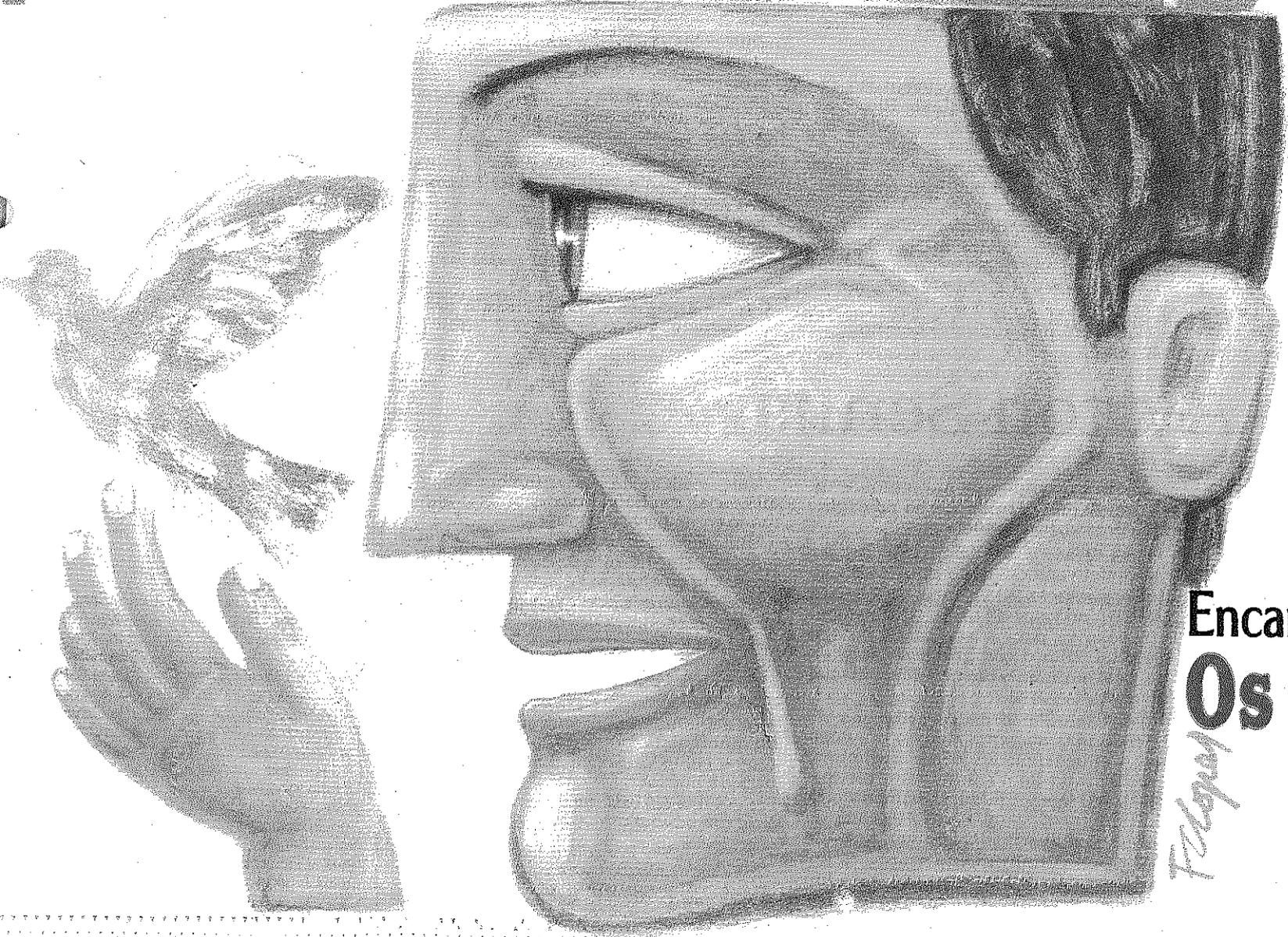
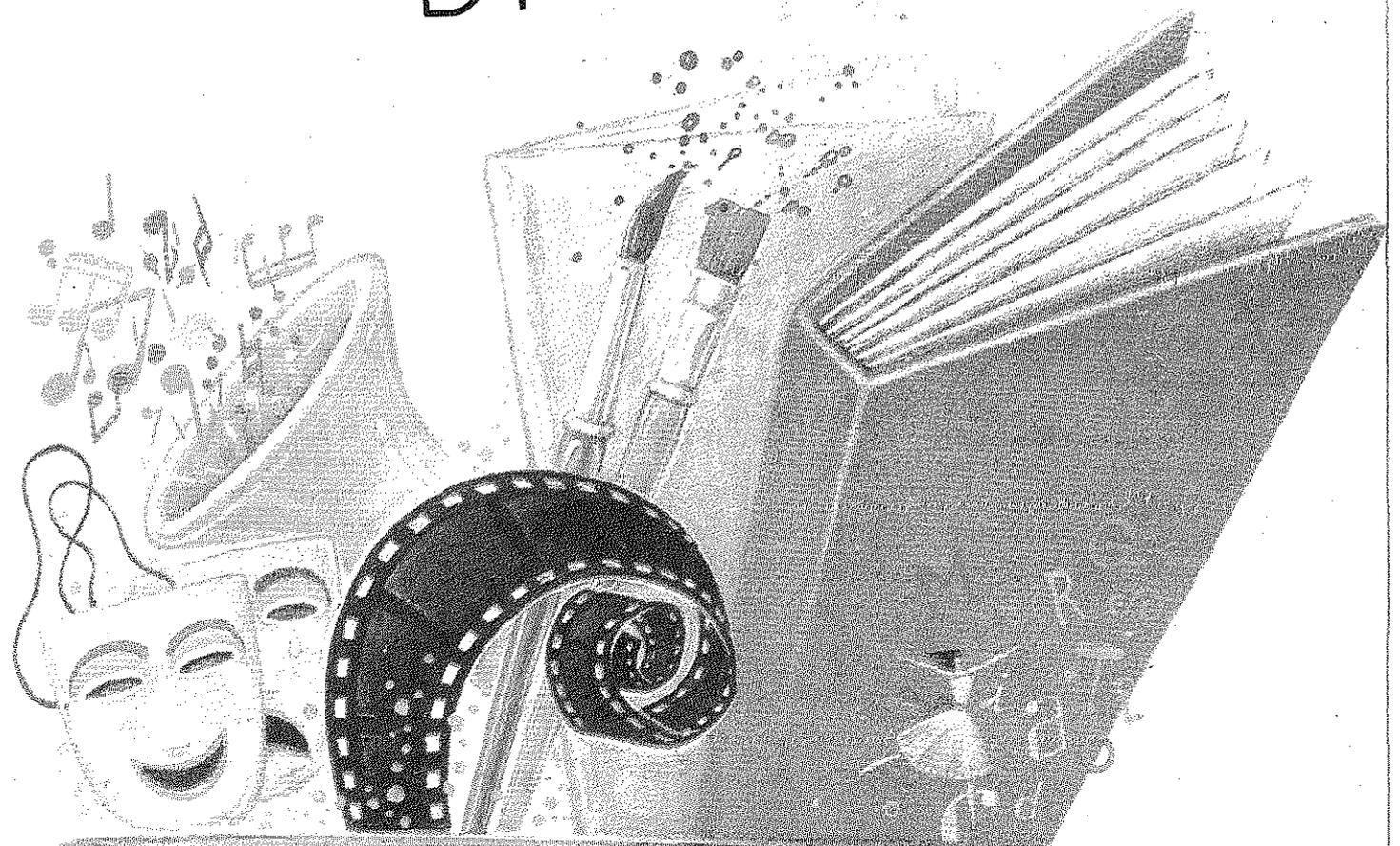


L • E • T • R • A • S

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

SUPLEMENTO CULTURAL ANO I Nº 12 Brasília, 30 de junho de 1994

**Idéias,
Imagens,
palavras**



Encarte especial
Os poetas

Felipe

Editorial

Um "grande jornalzinho"

Quando assumimos a vice-presidência da Câmara Legislativa para o biênio 93-94 encontramos o "DF Letras" dando seus primeiros passos. Compreendemos, de pronto, a importância da publicação e, de imediato, estabelecemos uma programação editorial de forma a consolidá-lo. Hoje, com mais de quatro mil assinaturas, o nosso "grande jornalzinho" é uma realidade inquestionável.

É grande a nossa satisfação pessoal e estética em saber que o "DF Letras" já é hoje uma referência cultural de Brasília. Além de valorizar e divulgar escritores, poetas, ensaístas e estudos do Distrito Federal, o tablóide, a cada número, recebe colaboração de todo o País e,



Rose Mary

Miranda

- PP

Vice-presidente
da Câmara Legislativa

não raro, do exterior. Cumpre assim o papel pelo qual foi criado: estimular e divulgar a cultura.

Nesta 12ª edição, numa demonstração clara de que está aberto a todas as tendências, o "DF Letras" caprichosamente publica um encarte dedicado aos nossos poetas. Um caderno que procura tirar das gavetas os sentimentos encardidos pelo tempo. É como diz o nosso editor, jornalista **Nelson Pantoja**: "Ai de nós, sem os poetas!"

O "DF Letras" vem cumprindo também um importante papel didático: está sendo distribuído por toda a rede pública de ensino no DF. A cultura está de parabéns!

Nesta Edição

- 1 — Capa
2 — Opinião Artigos
3 e 4 Entrevista Paulo Bertran
5 e 6 Fotonovelas Wilson Rossato
7 e 8 A História do Serviço Postal Cesar Lustosa
9 10 e 11 Murilo Mendes Rita Cassia Pereira dos Santos
12 Clarice Lispector Carlos Alberto Santos
13 e 14 Conversa ao Pé do Fogo Valter Pedrosa
15 16 17 e 18 A Pergunta Dioclecio Luz
19 e 20 A MPB está com a Bola Cheia Renato Vivacqua
21 e 22 A Caminho do Reino Sergio Ricardo Coutinho
23 24 25 e 26 A História de uma Fazenda Ramir Curado
27 Cartas
28 Ortega Marcelo Perrone
Acompanha o Encarte os Poetas

Expediente

Suplemento Cultural do Diário da Câmara Legislativa do Distrito Federal Editado sob a responsabilidade da Coordenadoria de Editoração da Vice-Presidência com a colaboração da Coordenação de Comunicação Social da Presidência.

Vice-presidente: Rose Mary Miranda
Chefe de Gabinete: Sebastião Cunha
Assessores especiais: Chico Nóbrega e Ivan Carvalho
Coordenador de Editoração e Produção Gráfica: Nelson Pantoja
Programação Visual: Marcos Lisboa
Fotografia: Jane Neves
Editoração: Antônio Eufrauzino E. Neto, José Antônio de Brito, Luis Augusto Gomes, Marcelo Perrone, Dino Souza, Sebastião Peres.
Editor-Responsável: Nelson Pantoja
Revisão: Nelci Stein e Luis Augusto Gomes
Colaboraram nesta edição: Paulo Bertran, Wilson Rossato, Cesar Lustosa, Rita Cassia Pereira dos Santos, Carlos Alberto Santos, Valter Pedrosa, Dioclecio Luz, Renato Vivacqua, Sergio Ricardo Coutinho, Ramir Curado, Marcelo Perrone
DF-Letras tem assinatura gratuita. Os pedidos devem ser enviados para endereço abaixo constando o nome do assinante, profissão, endereço completo e telefone para contato.
DF-Letras/Diário da Câmara Legislativa do Distrito Federal
Redação: SAIN — Parque Rural Norte
70086-900 Brasília-DF Telefone: (061) 347-5128

As colaborações são publicadas sem contrapartida pecuniária.

Composição da Câmara Legislativa do DF

Mesa diretora (biênio 93/94)	Eurípedes Camargo
Benício Tavares	Fernando Naves
Presidente	Geraldo Magela
Rose Mary Miranda	Gilson Araújo
Vice-presidente	Jorge Cauhy
Lúcia Carvalho	José Edmar
1ª Secretária	Lúcia Carvalho
Peniel Pacheco	José Ornellas
2ª Secretária	Manoel Andrade
Cláudio Monteiro	Maria de Lourdes Abadia
3ª Secretária	Maurílio Silva
Agnelo Queiroz	Padre Jonas
Aroldo Satake	Pedro Celso
Benício Tavares	Peniel Pacheco
Carlos Alberto	Rose Mary Miranda
Cláudio Monteiro	Salviano Guimarães
Edimar Pireneus	Tadeu Róz
	Wasny de Roure

Artigos

Em defesa de Brasília

■ Carlos Chagas

Virou moda, ou melhor, sempre foi moda, desde a inauguração de Brasília, denegrir a Capital Federal. Considerá-la a ilha da fantasia, uma cidade desligada da realidade nacional, onde todos vivem em festas, orgias, boa vida, gazetas, corrupção e nenhum trabalho.

É mentira. Aqui se trabalha, e muito. Se deputados e senadores que deveriam vir de seus estados e não vêm, a culpa não é de Brasília, mas desses parlamentares e talvez, até, de seus estados, de suas capitais, e das facilidades, atrativos e sinecuras que ofereçam.

Alguns patetas até escrevem em favor da volta da capital ao Rio. São apenas patetas. Outros, por conta de terem que vir a Brasília com frequência, porque é em Brasília que se tomam as grandes decisões políticas, econômicas e administrativas, especializam-se em apontar a capital como a causa de todos os males do Brasil. Não se conformam em ter que vir aqui, mesmo que seja em seus jatinhos luxuosos.

Aqui para nós, tudo é ressentimento e inveja.

Em Brasília pode-se andar tranquilamente pelas ruas. Não somos a capital do bicho, dos sequestros, dos assaltos e dos pivetes.

Como não somos a capital da corrupção. Essa vem de fora, até porque, de todos os parlamentares acusados de roubar o orçamento ou de receber propinas do jogo do bicho, não há um só eleito por Brasília.

Em suma, Brasília é uma realidade irreversível, e a história se encerra com aquela lembrança: "A caravana passa..."

Carlos Chagas é jornalista e comentarista político da TV Manchete

Ayrton Senna

Lições e exemplos de humanidade de Ayrton Senna permanecerão no espírito e coração dos brasileiros.

Uma lição: a de doação de pessoa física efetivada em favor da Associação de Assistência à Criança Defeituosa (AACD), no valor de US\$ 100.000 (cem mil dólares) para a edificação do seu hospital, com o compromisso cumprido pela entidade de não fazer a sua divulgação.⁴

Um exemplo: o da contribuição de US\$ 65.000 (sessenta e cinco mil dólares), em benefício da jovem Regiana, a brasileira de 17 anos, que recuperou o seu fígado, já quase minado pela doença grave, com a realização de cirurgia, que lhe restituiu a condição de viver.

Ayrton Senna mereceu todas as homenagens, inclusive as honras de Chefe de Estado, quando o seu corpo descia à terra abençoada dos Bandeirantes.

Vale a idéia de construção do seu memorial, em São Paulo. É preciso cultuá-lo como herói nacional.

Um símbolo que não poderá ser esquecido. Um herói que deve estar entronizado no altar da Pátria.

André Malraux escreveu que a França se reencontrava nos momentos marcantes dos seus filhos, mormente nas grandes tragédias.

O Brasil voltou a ser o de sempre, com o sacrifício de Ayrton Senna. Vivo — o sabíamos ser o maior desportista do automobilismo mundial. Morto — o temos como presença ilimitada do cidadão e patriota.

Redivivo ele está na emoção evocada pelo povo brasileiro e na eternidade de sua glória.

João Batista Cascudo Rodrigues, Chefe da Consultoria Jurídica da Câmara Legislativa do Distrito Federal

□ João Batista Cascudo Rodrigues

Era daqueles que — mortos — ficam expostos na sala de visitas de nossa casa, à imagem e semelhança dos Kennedy.

Serve a alegoria da Rainha Juliana, da Holanda, para sintetizar a nossa dor e angústia. O brasileiro — o herói da Silva significa um familiar de todos nós.

Um familiar, no conceito de Rui Barbosa. Porque soube encarnar "o heroísmo da coragem", projetado sobre a "família amplificada": a Pátria.

Um cidadão, na plenitude do conteúdo humano, porque fez o exercício da cidadania, cotidianamente.

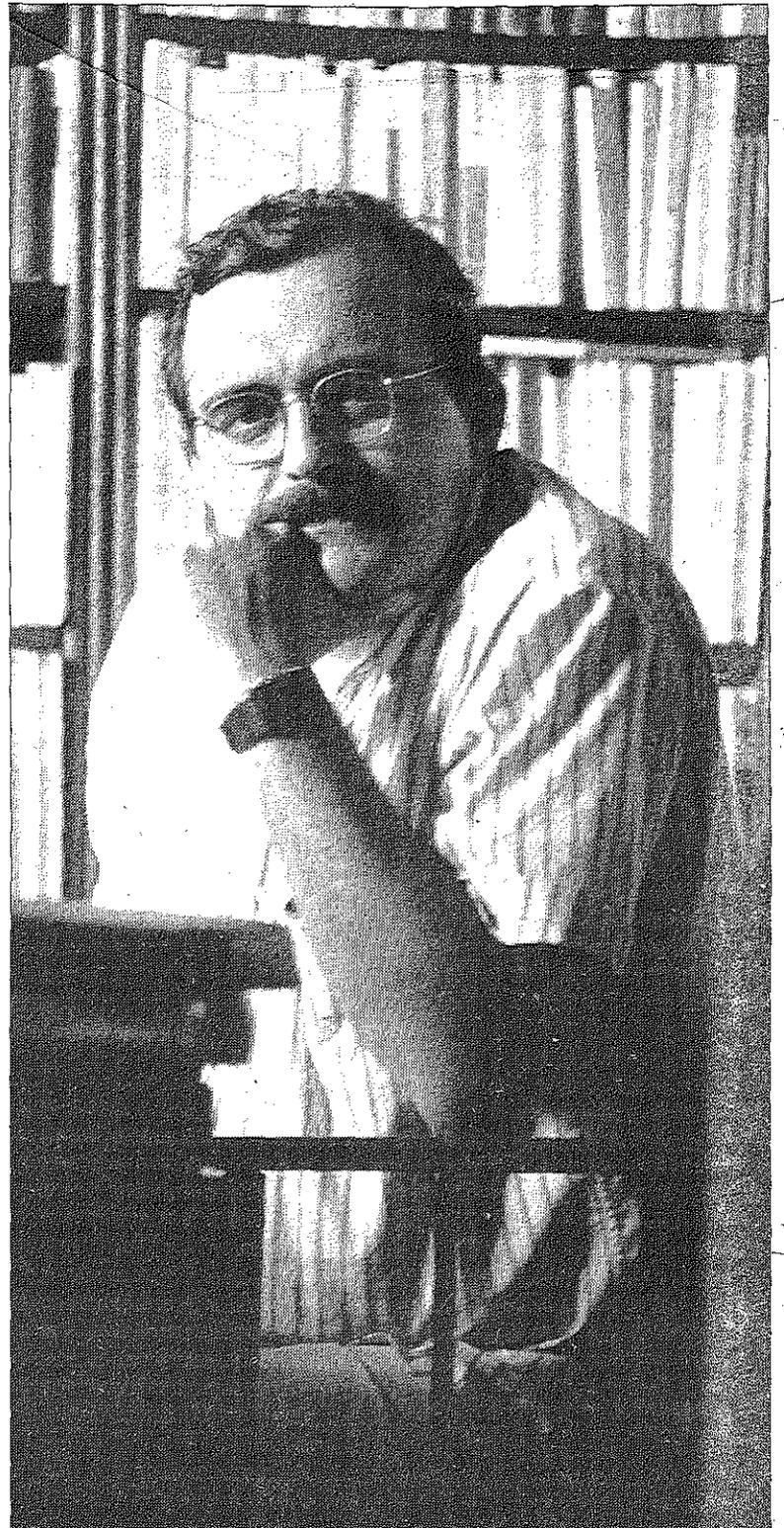
Um patriota, na vivência de cada instante da vitória, em nome do Brasil. Porque pôde superar o quadro amorfo de evasão da identidade nacional.

O DF Letras é uma necessidade sócio-cultural

“A velha compulsão literária da vida inteira” levou o escritor e historiador Paulo Bertran a sugerir a criação do “DF Letras”. Em sua 12ª edição o tablóide, segundo seu inspirador, demonstra “vitalidade” e tem tudo para dobrar em pouco tempo a sua tiragem de quatro mil exemplares. “O DF-Letras é uma necessidade sócio-cultural não só de Brasília, mas de um País inteiro ávido por expressões culturais e literárias”, observa.

Autor do livro “História da

Terra e do Homem do Planalto Central” que será lançado nos próximos dias, Bertran acha que “a plena identidade cultural de Brasília deve vir depois da virada do século”. Hoje, enfatiza, já se detecta uma prosódia peculiar na Capital do País. “Já há uma identidade linguística, que é uma condição fundamental da socialização da cultura, da identidade global”, teoriza. Bertran, nesta entrevista, fala também de suas pesquisas históricas.



“O DF Letras é uma necessidade sócio-cultural do País”

Paulo Bertran

O que o inspirou a sugerir a criação do DF Letras?

Acho que foi primeiramente a velha compulsão literária da vida inteira... E a preocupação com a identidade cultural de Brasília e com a região do cerrado, que a qualquer momento desses rompe a crisálida e consolida-se culturalmente. Aí o DF-Letras está a postos na sala de parto, imagino. Ajudou muito na criação do DF-Letras a predisposição favorável — até mesmo entusiástica do Salviano Guimarães quando

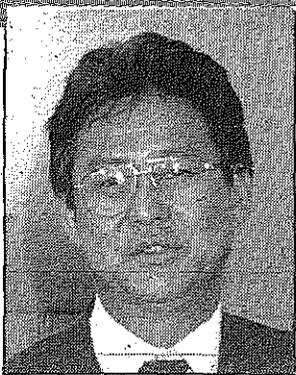
presidente da Câmara e na consolidação foi uma sorte contar com a deputada Rose Mary Miranda, que é escritora, poetisa, do ramo...

Como o Sr. analisa hoje a publicação que, em sua 12ª edição, já passa de mais de quatro mil assinaturas em todo o País?

O DF-Letras é uma necessidade sócio-cultural não só de Brasília, mas de um País inteiro ávido por expressões culturais e

literárias. Acompanhei o projeto até o sexto ou sétimo número e já tinha uns dois mil assinantes. Depois o Nelson Pantoja segurou firme e dobrou o número. Sinal de vitalidade do diabo do jornalzinho. Quando melhorar a crise nacional e as pessoas tiverem tempo de ler, as assinaturas devem dobrar, triplicar. Na minha opinião, o importante hoje é que o DF-Letras cresça e sobreviva, se possível com qualidade, aos percalços e colisões deste estranho País.

O Sr. está publicando um



Aroldo Satake
- PP

Cultura candanga identifica Brasília

Brasília ainda não descobriu sua identidade cultural. Para cá vieram brasileiros de todas as regiões e com eles as tradições. O gaúcho trouxe os Centros de Tradições Gaúchas com seu folclore peculiar; o pantaneiro chegou com seus boitatás e curupiras; o nordestino com o seu artesanato de grande originalidade; o amazonense com a lenda do boto e seus descendentes; o carioca com sua ginga e seu samba no pé; e o mineiro veio com seu jeito matreiro,

nada disse e tudo observou para só então tomar conta da cidade. Tudo isso aconteceu no centro do Planalto Central, de domínio goiano. Desta mistura é que vem a cultura candanga, que deverá ser a mais rica do País por ser mescla de todas essas influências, além daquelas que chegam através das representações oficiais dos países que mantêm relações diplomáticas com o Brasil. Esta cultura candanga só se manifestará se as autoridades locais

começarem a difundir, através das Fundações Cultural e Educacional do Distrito Federal, as histórias e estórias que fazem do DF um pólo congregador de manifestações artísticas e regionais. A cultura local sofre com as interferências de alguns homens que não têm compromisso com a cidade. Mas os verdadeiros candangos, aqueles que amam a cidade, saberão transformá-la na capital do terceiro milênio e, com certeza, farão florescer a nossa verdadeira cultura.

livro. Qual é a abordagem? Qual o tema? Quando ele sai?

Chama-se "História da Terra e do Homem no Planalto Central". Tem subtítulo que explica um pouco a abordagem, que é uma maneira de contar a história humana em interação com a história do meio ambiente "Eco-História do Distrito Federal". Meu livro resulta de uma pesquisa enorme de sete anos e responde um pouco ao que ocorre às pessoas em matéria da história regional. Tem história geológica, história do indígena, arqueologia, bandeirantes, história da colonização pecuária e aurífera, a toponímia histórica, as sesmarias e os viajantes coloniais, etc... O livro tem umas 400 páginas e só consegui ir neste volume até o fim do período colonial, até 1821, com a independência.

A TERRACAP está custeando a publicação, que surge também em comemoração aos 21 anos da empresa, talvez a maior agência imobiliária do País, ao longo desse tempo.

Costo desse livro. Tanto foi trabalhoso quanto prazeroso de escrever. O Distrito Federal e o Entorno surgem da pesquisa com uma densidade histórica insuspeitada, entrelaçada inteiramente com a história brasileira. Imagine que por todo lado no DF passavam estradas coloniais demandando lugares tão extremos como Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, Cuiabá, Recife, São Luís e até Santa Maria de Belém do Grão Pará! Por sobre o Plano Piloto passava desde 1736 a Estrada Real demandando desde Salvador da Bahia até Vila Bela da Santíssima Trindade, no Rio Guaporé, fronteira com a Bolívia...

Nos anos de 1700 houve mais de 40 sesmarias de terras no Distrito Federal. Nos de 1800 algo como duas centenas de fazendas e toda essa movimentação agropecuária sumiu com a desapropriação das terras do DF por ocasião da construção da Capital. Daí a impressão que todos fínhamos de um deserto humano... ledor engano, aí do lado estão Planaltina, Brazlândia e Luziânia — para não falar em Pirenópolis e Corumbá — todas com populações tradicionalíssimas, que ainda conservam muitos traços culturais de dois séculos atrás. Para não dizer da herança indígena, que vem de uns 12.000 anos atrás...

Desculpe falar tanto, mas de fato estou no maior tesão com este livro... O lançamento sai na

primeira semana de agosto, não sei exatamente quando e onde...

Discute-se muito a identidade cultural de Brasília. Na condição de historiador, de uma pessoa que é muito ligada ao setor cultural, como o Sr. analisa esta questão?

Uma questão das mais complexas, que carece de pesquisas, de parâmetros, de maiores estudos. Há uns tempos atrás entrevistei para o DF-Letras uma filóloga, elegantíssima senhora, que pesquisou lá pelos anos 70, o falar de alunos das cidades-satélites. E todos já falavam uma prosódia peculiar a Brasília. Ou por outra, em casa falavam o sotaque dos pais e nas ruas o sotaque geral televisivo. Vinte anos depois daquela pesquisa a prosódia de Brasília já deve ter se consolidado. A gente não nota porque se acostuma... é mesmo estudo para especialista... Mas então já há uma identidade linguística, que é uma condição fundamental da socialização cultural, da identidade global.

Agora, não podemos exigir demais. São raríssimos os brasileiros com mais de 30 anos e a maturidade cultural costuma sobreviver em gerações com mais de 40.

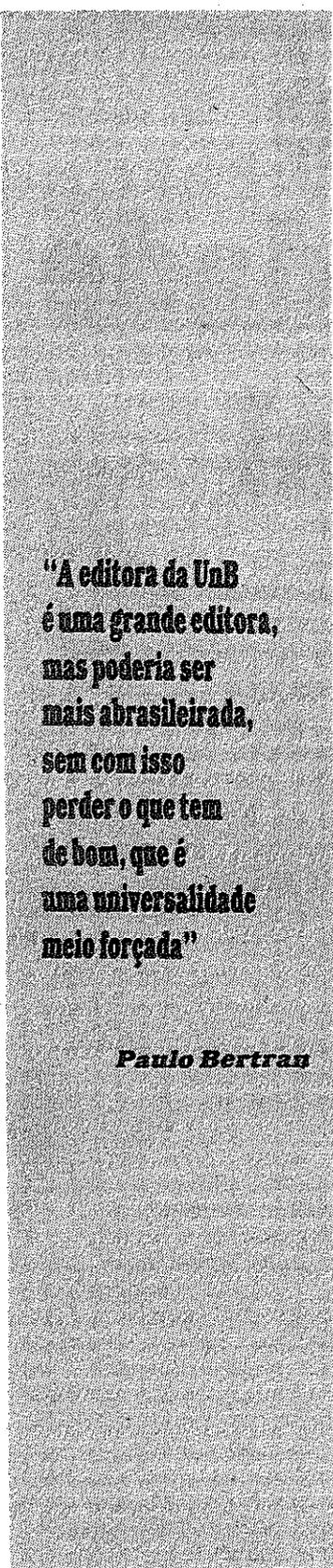
Tem até a contraprova disto que nos leva a uma hipótese fascinante. É o caso da música em Brasília, que vem se revelando nacionalmente e que é uma questão histórica geracional. Acontece que a música se revela muito mais cedo que as outras artes, é coisa para gerações de 20 anos. Aí o sucesso de Brasília nessa área antecipa grandes esperanças para outras artes, quando as gerações brasilienses entram nos 40 anos.

Temos que ver também que a Capital, se comparada com outras cidades brasileiras do mesmo porte, é muitíssimo bem servida de meios educacionais e culturais... Tem uma coisa ao mesmo tempo cosmopolita e provinciana. Tem uma veia mística pronunciada, um milenarismo arraigado... São bons fermentos para a produção cultural...

Mas pelo fator geracional a que me referi, as gerações de 40 anos, a plena identidade cultural de Brasília deve vir depois da virada do século.

O Sr. é ligado ao meio universitário. O Sr. acha que a UNB está sintonizada com a dinamização da cultura do Centro-Oeste?

Timidamente, através da for-



"A editora da UnB é uma grande editora, mas poderia ser mais abraçoada, sem com isso perder o que tem de bom, que é uma universalidade meio forçada"

Paulo Bertran

mação de alunos que compõem a elite intelectual, senão do Centro-Oeste pelo menos do Distrito Federal.

Não é um problema específico da UNB, mas das Universidades Federais em geral, esse distanciamento do Regional e do local. Gera-se uma crise de comunicação das universidades com a sociedade, em que ambas perdem. E por último, as universidades entraram num corporativismo terrível, num doutoralismo compulsivo, num carreirismo pelo monopólio do saber que só pode agravar o problema de comunicação com a sociedade, esqueci-

da lá atrás, desprezada pelo doutorismo arrogante.

O que há de salutar e esperançoso é que os professores, os melhores entre eles, reconhecem o problema e tentam lutar contra.

Emblemático disto foi o convite que recebi, de um grupo de professores do Departamento de História da UNB, para fazer a aula inaugural da sua pós-graduação. Quer dizer, eu um simples escritor sendo ouvido pela elite de nossos historiadores...

Mas são coisas episódicas. Depois vem a estrutura rígida e abafa tudo. Tanto é sério esse problema que o Cristovam Buarque, no seu tempo de reitor criou os Núcleos de Estudos Multidisciplinares, para funcionar como um oxigenador do academicismo.

Tenho a felicidade de pertencer ao mais bem sucedido deles que é o Núcleo de Estudos da Amazônia, bem sucedido porque o pessoal vai a campo, convive com índios e ribeirinhos e acabou agenciando para eles projetos de desenvolvimento comunitário que já devem estar somando 1 milhão de dólares. Não é muito, mas é promissor. A grana é das ONGS, e acho que temos nessas Organizações Não-Governamentais um fato novo, estimulador de agenciar coisas, a um meio caminho entre as universidades e as comunidades.

Ainda sobre a UnB. O que o Sr. acha do papel desempenhado pela editora? Ela corresponde ao anseio cultural de Brasília? Não é muito acadêmica e por ser muito acadêmica não está distante das manifestações espontâneas de Brasília?

A editora da UnB é uma grande editora, tem publicado títulos de grande importância, mas é eminentemente acadêmica e nisso reflete a própria estrutura universitária da qual falei antes. Na minha opinião, vindo de fora, ela podia abrir uma linha editorial anexa mais flexível, mais democrática, mais regionalizada, até mesmo mais abraçoada, sem com isso perder o que hoje tem de bom, que é uma universalidade meio forçada.

Não diria que atendesse ao varejo, ao espontâneo, mas devemos, não só a EDUNB quanto as outras editoras universitárias publicar as teses de mestrado e doutorado de seus alunos e professores.

Acho um absurdo o Estado gastar milhões na formação de um mestre ou doutor e você não

ver sua tese publicada, não dar retorno nenhum, confiança nenhuma à sociedade que investiu nele. Não comunica, perde a confiança, trumbica.

Por falta de agilidade das editoras universitárias, professores e alunos passam por um violento jejum de publicações, de comunicabilidade, e o DF-Letras beneficiou-se disso, passou a ser um espaço editorial alternativo para a produção universitária. Até hoje uma metade dos textos do DF-Letras é de extração universitária.

Com a publicação do "DF Letras" descobriu-se uma surpreendente produção literária no DF. O que o Sr. sugere às autoridades para dinamizar ainda mais estas manifestações?

Mais publicações, muitas mais. Com agilidade, simplicidade, eficiência e baixo custo, como é o caso do DF-Letras. Já passa da hora, por exemplo, do governo instituir uma Bolsa de Publicações de Livros que jogasse aí na praça 20, 30 títulos por ano, abastecendo o público e as escolas. Já é para ontem a instituição de concursos literários que premiassem com viagens, publicação de obras, até mesmo dinheiro. Brasília tem toda condição de lançar até concursos nacionais.

Tudo isto é barato, cultura é barato e tem um retorno social e econômico elevadíssimo.

Alguns países europeus firmam substanciais parcelas de suas rendas de vender cultura. E não é dizer que já tinham cultura espontaneamente, mas sim que foi incentivada, até mesmo como estratégia econômica, social e política, gerar cultura é gerar identidade coletiva, bem estar cerebral, qualidade de vida, equilíbrio emocional. Tão substantivo quanto a saúde e segurança e mais adjetivo talvez do que a educação, que na minha visão não é pré-condição de cultura. Educação é produto da cultura de um povo e não o contrário. Não adianta nada educar um povo inculto. Ele não vai saber como usar essa educação.

No século passado a Inglaterra "laureava" seus principais intelectuais com pequenas pensões vitalícias, para estimular os caras a produzirem a vida toda. Isso deve ter contribuído muito para tornar o inglês língua universal... Um exemplo para nós, não é? Mas enquanto não acontece, convide o distinto público do DF-Letras a adquirir meu novo livro, que eu garanto e que é para a gente também ir levando...

"Meu livro resulta de uma pesquisa enorme de sete anos e responde um pouco ao que ocorre às pessoas em matéria de história regional"

FOTONOVELAS

Grande Hotel apresenta

PAOLO CARLINI

"O CONDE DE MONTE-CRISTO"

Baseado no romance homônimo de ALEXANDRE DUMAS. — Redução e encenação de L. GENI.

Interpretados por: PAOLO CARLINI, FABIANA SERRA, CARLO GIUFFRÉ, LOUIS GAFFURI, DINO PERETTI, ALDO ALLEGRAZZA.

Direção de SIRIO MAGNI. — Diretora de produção: ARMIDA TENCALLA. — Secretário de produção: GINO FANANO. — Fotografia: A. DOMINGO. — Cenografia: TONY CAMATTA. — Maquiagem: GRAZIA IRENE. — Cabeleireiro: L. DEJONG. — Vestuário: WERTHER.

PRODUÇÃO UNIVERSO

Exemplo de uma "superprodução" em fotonovelas: nota-se o cuidado de detalhar a ficha técnica. Inclusive o profissional que realizou a redução do romance é destacado.

(Grande Hotel, nº 752, 2/1/1962)

Indústria do Amor

Wilson Rossato

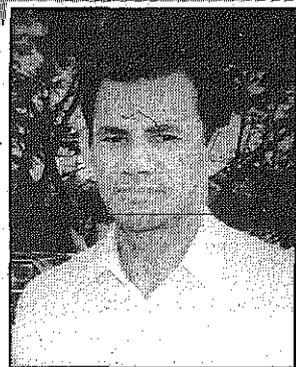
É comum encontrarmos nos jornais e livros, artigos e textos sobre a História em Quadrinhos (HQ). A HQ é largamente estudada e pensada no mundo, fruto do seu reconhecimento cultural como fenômeno da indústria de massa. Uma ampla literatura enfoca a linguagem do balãozinho e o conteúdo de suas mensagens.

O que não acontece com a fotonovela, também uma forma de narrativa em quadrinhos. Existe um clima de desprezo e ironia em torno desse meio de expressão, que já foi o responsável sobre o imaginário de milhões de leitoras (as mulheres sempre foram, predominantemente, as grandes consumidoras do gênero) e que os "críticos" costumavam dizer que é a repetição cansativa das mesmas histórias, o que não é totalmente verdade, pois foram desenvolvidos, nas fotonovelas, os temas mais diversos como a guerra do Vietnã, hippies e assassinatos famosos. O que acontece é que essa diversidade sempre tem como tratamento integrador uma "história de amor", o que torna as fotonovelas tão iguais.

A fotonovela nasceu como um subproduto do ci-

nema. Na Itália, depois da Segunda Guerra Mundial, o sucesso do cinema e as dificuldades econômicas que impediam uma produção e difusão maior da arte fizeram surgir revistas com resumos de filmes. Uma das formas mais popularizadas de apresentação dos resumos era o cine-romance, composto da escolha das fotos do filme e de texto sucinto. Os editores italianos começaram a fazer cine-romance sem cinema.

Em março de 1947, apareceram as primeiras fotonovelas na revista **Sogno** (Editora Rizzoli) e tratava-se de narrar histórias, geralmente em capítulos, utilizando fotos e textos. O interesse de comercialização foi pouco a pouco determinando e padronizando o conteúdo. E o que era uma experiência de linguagem (o cine-romance) transformou-se num produto industrial, reproduzido em série. A fotonovela alcançou a França em 1949, na revista **Festival**, e em seguida a produção começou a ser exportada para os países de língua francesa e depois para a América Latina e África do Norte. Controlada por grupos italianos, a penetração da fotonovela no mundo



Gilson Araújo - PP

Mudança de livro nas escolas

A mudança de livros nas escolas virou um selvagem comércio, nocivo à família brasileira e fonte de enriquecimento de editoras. Com o objetivo de mudar esta situação, o deputado Gilson Araújo (PP) apresentou, à Câmara Legislativa, o Projeto de Lei nº 1355/94, para regularizar o comércio de livros didáticos no Distrito Federal. Pelo projeto, as escolas de 1º e 2º Graus da rede pública de ensino do DF somente poderão mudar os

livros didáticos a cada quatro anos. Isso permitirá a reutilização dos livros pelos alunos em anos subsequentes, implicando em redução substancial dos gastos familiares com material escolar, já que o livro é um dos itens mais caros na educação, e sua aquisição passou a constituir um verdadeiro transtorno no orçamento familiar. "As famílias de baixa renda são, evidentemente, as mais sacrificadas", ressalta o deputado Gilson Araújo.

O projeto retorna o sistema que houve na década de 1970, quando se utilizava o mesmo livro por mais de 10 anos. "Hoje, os livros são utilizados apenas por um ano, tornando-os objeto de especulação comercial", salienta o parlamentar. "O Projeto de Lei Nº 1355/94 já está nas comissões e queremos que em 1995 o livro do irmão mais velho seja usado pelo mais novo, e que as escolas não obriguem mais os alunos a comprarem novos livros a cada ano", finaliza o deputado.

anglo-saxão é nula. A fotonovela resulta ser um produto tipicamente latino, não tendo qualquer penetração nos Estados Unidos (pátria de HQ) e na Inglaterra.

A fotonovela no Brasil Na década de 50 apareceram as grandes revistas "modernas" no País. Traziavam uma apresentação gráfica mais atraente e eram mais informativas. Paralelamente, surgiram as revistas de fotonovelas. Em 1951, a editora Artes Gráficas do Brasil lançou a primeira revista de fotonovelas, **Encanto**. No mesmo ano, **Grande Hotel**, que desde 1947 publicava semanalmente histórias desenhadas, inclusive de efeito mais sensual e erótico, começou, então, a substituí-las por capítulos de fotonovela.

Em 17 de julho de 1952, **Capricho** apareceu pela primeira vez com a realização de uma grande campanha de publicidade para a época. Foram utilizados todos os meios de comunicação com jingles e slogans através do rádio e dos jornais. O fato é que com **Capricho** foi iniciada uma nova fase no mercado editorial brasileiro, o começo de uma imprensa moderna feminina. O interesse da editora Abril era o de obter no Brasil o mesmo sucesso que uma revista semelhante (**Idilio**) vinha tendo na Argentina.

O desenvolvimento das revistas de fotonovelas foi favorecido pelo seu caráter ficcional e romanesco, que lhes deu uma permanência maior. No Brasil, as dificuldades de distribuição, na década de 50, devido à falta de infra-estrutura, pode ter provocado o interesse dos editores por esse tipo de revista. A ausência de atualidades na fotonovela beneficiou, sobremaneira, a sua permanência pois sua durabilidade, como produto, é grande uma vez que pode ficar nas bancas de jornais o período que for necessário até ser consumido.

No mercado editorial, em 1950, dominavam as publicações sobre cinema. Inúmeras revistas publicavam resumos de filmes ao lado de fotos ilustrativas. Pouco depois começa-



Como na televisão, a propaganda pode interromper um momento dramático da narrativa.

(Capricho, nº 262, novembro 1970)

ram a aparecer os "cineromances" (a redução do cinema à linguagem de quadrinhos). O enredo do filme narrado através da justaposição das fotos (das cenas principais) e do texto. Dessa maneira, anunciavam os próximos lançamentos ou prolongavam as sensações dos filmes. As revistas de fotonovelas não chegaram a criar propriamente um imaginário nacional, mas elas contribuíram para a formação de um novo imaginário através da distribuição de um conteúdo romanesco com situações mais ou menos típicos. Somente alguns anos mais tarde passaram a difundir alguns ídolos nacionais construídos em outros meios de comunicação de massa, como o rádio e a televisão, que começaram a ter junto à população (principalmente a tevê) uma participação muito mais incisiva do que, até então, quaisquer outros meios.

O conteúdo sentimental O conteúdo romanesco e sentimental predomina em todas as revistas de fo-

tonovelas. Mesmo a aproximação que se faz do mundo do consumo ligeiro dos seus ídolos é imposta através de uma ótica romanesca e sentimental. Ao mesmo tempo essa imposição significa a introdução do cotidiano nas revistas, contribuindo para transformar as relações criadas pelo mundo romântico e histórico com o público de fotonovela.

O cotidiano intervindo

nas revistas representa um tom mais dinâmico e menos moralista nas histórias. Se não fossem as reportagens e artigos com os ídolos nacionais, jamais o público brasileiro poderia identificar-se com negros e mulatos, tão ausentes das fotonovelas até então. Só dessa maneira pôde existir identificação com ídolos procedentes de grupos sociais semelhantes, e por isso mesmo, preencher melhor seus ideais de ascensão social. Nas revistas há sempre uma aproximação pelos sentimentos. Todo ídolo é objeto de atenção enquanto um "ser que ama". Eles são "românticos", "sentimentais" e "amantes das coisas simples". Um significado mais sofisticado, mais intelectual ou mais político, jamais é atribuído aos ídolos. Por isso, geralmente, são os "ídolos da juventude" — aqueles que mais fazem a imagem sentimental — o alvo das revistas de fotonovelas. Os artigos, reportagens e entrevistas constroem essa imagem ou a sustentam. Em geral, esses ídolos são a própria figura do "bom mocismo".

Outro ponto interessante é o das "soluções mágicas" nos enredos. Elas são numerosas nas revistas de fotonovelas e surgem da necessidade de manipulação e de solução do real por parte dos leitores. Ao mesmo tempo, são consequência de uma visão de mundo onde se mesclam a compreensão do mundo como um destino (uma

força determinista) e a noção de pronto e estático. São introduzidas nas revistas, geralmente, como previsões de felicidade e controle da vida sentimental, acrescidas por vezes de leves tópicos sobre negócios, saúde e vida familiar.

Existe ainda nessas revistas uma série de outros apelos à necessidade de manipulação do real por parte do leitor. Uma mistura do fantástico com o cotidiano — a oportunidade dos leitores resolverem seus problemas com soluções mágicas. Sob a forma de anúncios de cursos por correspondência se delinea o acesso ao êxito ou à conquista de uma posição. A busca de melhoria de vida na sua expressão mais próxima do leitor se reduz à possibilidade de fazer cursos e tudo se aprende por correspondência.

A fotonovela é um fenômeno de comunicação de massa dos mais típicos. Envolve o indivíduo com o apelo aos sentimentos básicos e lhe fornece, ao mesmo tempo, um mundo equilibrado e sem conflito. No mundo criado pelas revistas de fotonovelas afirma-se que a única felicidade é o amor e que o trabalho é necessário como forma de integração na sociedade. O mundo da fotonovela não varia nunca, pois ela é um produto de uma indústria cultural que se sustenta no lucro e que faz do amor a mercadoria por excelência.

Wilson Rossato é jornalista, assessor de imprensa do Detran-DF e autor de livros de bolso

NÃO FAÇA ISTO! Seus, Seus Sensacionais Artigos do Instituto Americano de Cursos Modernos (curso e paralelo "desenvolvedor suco")

SEU DINHEIRO DE VOLTA SE NÃO NOTAR RESULTADOS SATISFATORIOS EM APENAS DUAS SEMANAS

O preço NC# 38,40 e para o Curso Completo (incluindo Fotografia, incluindo também o laboratório aparelho científico "DESENVOLVEDOR SUECO")

O seu busto será sensual e voluptuoso como o das mais fabulosas artistas de cinema. Sinta-se segura a respeito do seu corpo imenso.

Instituto Americano de Cursos Modernos
Caixa Postal 1153 - São Paulo

Favor enviar-me o Curso Completo (incluindo o I.A.C.M. e o aparelho desenvolvido do curso "DESENVOLVEDOR SUECO") e eu lhe enviarei o material necessário para a realização do curso. O curso contém uma série de pacotes contendo preparações e acessórios com o famoso aparelho denominado "desenvolvedor suco". É um processo eficiente e seguro, e que lhe permite obter resultados reais para o mesmo e CERTO QUE QUALQUER MULHER DEBILITADA POR AS MEDIDAS DEBILITANTES DAS ATRIZES DE CINEMA NÃO É IMPOSSÍVEL obter que qualquer mulher alcance facilmente os resultados desejados. Entretanto, com certeza, a melhor e mais agradável que existe, sendo sempre as melhores do curso. Em muitas cases de mulheres sendo mesmo melhoradas a respeito de sentimentos e resultados de sucesso sendo alcançados em poucas semanas.

MERCIA FRAGA antes do curso do I.A.C.M. usa 48
MERCIA FRAGA depois do curso do I.A.C.M. usa 48

MERCIA FRAGA de São André - São Paulo conta com o aumento do meu busto através do Instituto Americano de Cursos Modernos meus seios que eram de nº 40 passaram a 46 e isto em apenas 8 semanas. Alias, meu marido também ficou satisfeíssimo com a mudança.

Para mais informações sobre este curso, escreva para: Instituto Americano de Cursos Modernos, Caixa Postal 1153, São Paulo, SP.

A vida com que você sempre sonhou...

VIDA DE ARTISTA!

Successo... Fama... Fortuna

Torne-se artista de cinema, teatro, televisão ou rádio, fazendo o curso moderno, prático e rápido

A ACADEMIA AMERICANA DE CINEMA lhe oferece o curso de **ARTE DRAMÁTICA - CINEMÁTICA - DIREÇÃO - ARGUMENTO - ROTEIRO - MAQUILAGEM - ETC.**

Escalas e métodos ensinados de prática de estudo com suas ilustrações. Envie sua hoje mesmo e capture o sucesso.

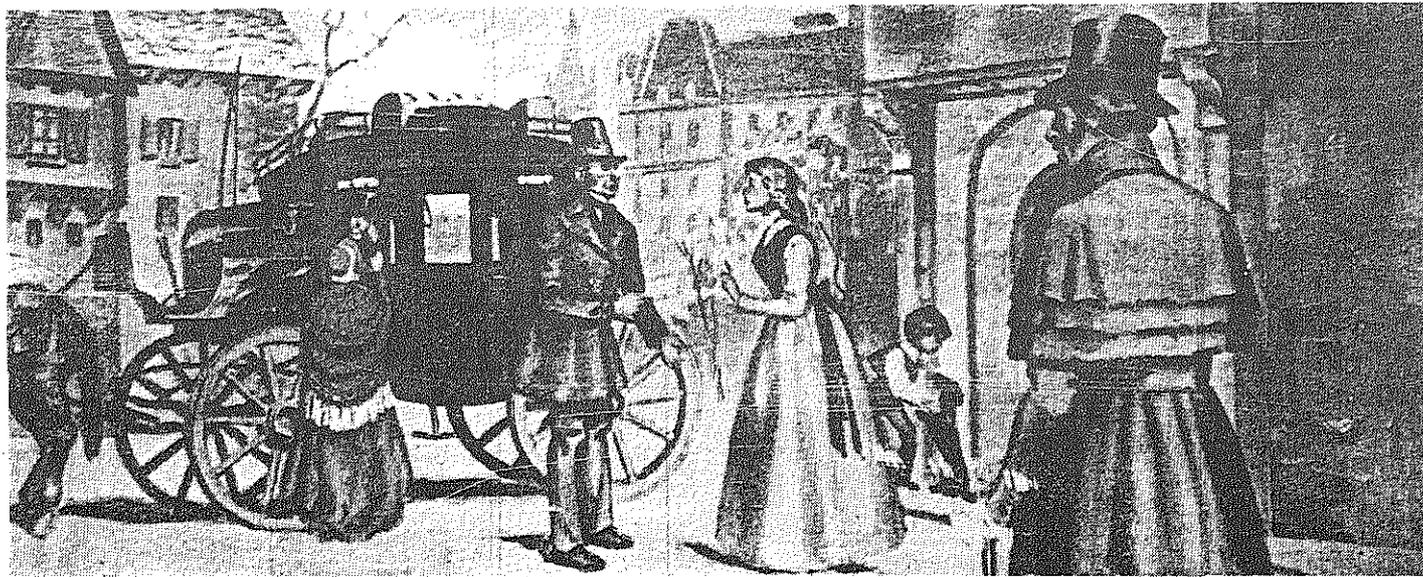
A ACADEMIA AMERICANA DE CINEMA
Caixa Postal 18.045 - São Paulo

Envie-me sem compromisso, dados de informações sobre o curso para ARTISTAS DE CINEMA, TEATRO, TELEVISÃO e RÁDIO.

NOME _____
ENDEREÇO _____
CIDADE _____
ESTADO _____

(Envie Cr\$ 10,00 sob selo para resposta)

Os anúncios presentes nas revistas de fotonovela podem oferecer ao leitor mais sonhos do que a própria ficção



Nascimento do selo postal: o inglês Rowland Hill, vendo uma jovem recusar uma carta, a fim de não pagar a taxa postal, concebeu e a seguir realizou a idéia do selo postal

A história do Serviço Postal

um elo de intercâmbio cultural

□ César Lustosa

É indiscutível que uma das primeiras necessidades do homem foi a de poder comunicar-se com seus semelhantes, quando longe destes. Mas, entre os vários povos da Antiguidade, Assírios, Babilônios, Egípcios, não se sabe a quem atribuir a iniciativa de uma primeira e regular troca de correspondência.

Pode-se afirmar, com certeza, porém, que há três mil e quinhentos anos, já existia uma organização dessa natureza. De fato, durante escavações efetuadas no Egito, no século passado, foram encontrados invólucros, de argila, contendo correspondência permuta entre os Faraós e os príncipes de Babilônia e Mesopotâmia.

A respeito dos Gregos, há poucos testemunhos de sua organização postal, não acontecendo, entretanto, com os romanos, dos quais sabemos como um Serviço Postal, denominado 'Cursus Publicus',

foi aperfeiçoado pelo Imperador Augusto, que pôs na chefia do mesmo o Prefeito do Pretório, o qual, coadjuvado por vários Magistrados era responsável pela eficiência e celeridade do Serviço.

O 'Cursus Publicus' era organizado por mensageiros a pé e a cavalo dispostos em várias distâncias, nas estradas de comunicação, junto a repartições Adrede construídas e ali desenvolvia o serviço semelhante ao jogo de estafetos.

IDADE MÉDIA E ERA MODERNA

Na Europa, depois do ano 1000, após a queda do Império Romano e cessadas as invasões dos bárbaros, firmou-se, no campo postal, a iniciativa privada. Carlos Magno, por sua vez tentara reviver o 'Cursus Publicus' dos Romanos, mas sem consegui-lo. Assim, por iniciativa da Igreja, das Universidades e das Associações do Comércio, e dos Mercadores, nasceu uma organização postal chamada 'Serviço de Correios', financiada por particulares.

Justamente a uma família de empreendedores privados está ligada, desde essa época, a história deste serviço: os Tassos. Estes, oriundos de Bergamo, especializaram-se na criação de vários sistemas para a permuta de correspondência, conquistando, cada vez mais, fama e notoriedade, chegando até a obter a confiança do Imperador da Áustria, Maximiliano I (1459-1519), o qual lhes confiou a exclusividade do serviço em seus imensos domínios.

Um descendente dos Tassos, Frances, uniu-se aos Torriani, outra família de empreendedores postais, formando, assim, a casta Torre-Tassos, que dominou com sua magnífica organização, o correio em toda a Europa. Também aos Torre-Tassos é devida a iniciativa de um serviço regular, entre Viena e Bruxelas, que estabeleceu as bases dos correios modernos, não só a serviço das autoridades militares, políticas e culturais (os poetas do século), que já dispunha do serviço postal. Mas de todos.



Eurípedes Camargo - PT

A questão cultural no país

Durante a passagem da Caravana da Cidadania por Brasília, no último dia 1º de junho, o candidato da Frente Brasil Popular à Presidência da República, Luiz Ignácio Lula da Silva, demonstrou que a questão cultural não é mero enfeite no programa de governo do PT. Falando para dezenas de artistas e produtores culturais do DF em encontro realizado na cidade de Sobradinho, Lula pregou uma verdadeira revolução democrática no país, e colocou a política cultural de seu futuro governo como a grande mola desta transformação.

Lula pregou que o Estado assumira sua

efetiva função de fomentador das atividades culturais e defendeu o investimento maciço de verbas para a formação cultural das crianças e adolescentes matriculados nas escolas públicas do país. "O filho do rico que quer aprender a tocar um instrumento, ou fazer um curso de dança, paga um professor ou vai estudar na Europa. O filho do pobre não tem qualquer oportunidade nesse sentido. Defendemos que cada escola pública seja um espaço privilegiado para a formação cultural de nossos jovens, como já foi um dia", afirmou Lula.

Aparentemente simples, a proposta de

Lula toca num ponto fundamental: a questão da cultura não é prioridade para o atual governo - como de resto não foi para os sucessivos governos desde o Golpe Militar de 64 - porque a elite nacional criou um mercado cultural privado, desprezando a produção popular e a democratização das artes.

Iniciativas como esta do **DF Letras**, que ajudam na democratização da cultura local, vão ao encontro das propostas defendidas por Lula em Sobradinho. Afinal, a gente não quer só comida. A gente quer saída, e a saída para o Brasil sem dúvida que passa pela questão da cultura.

Além de transporte da correspondência, os Torre-Tasso iniciaram a expedição valores; substituíram os postilhões pelos correios e introduziram o uso das diligências.

Infelizmente, com o advento das estradas de ferro e navios a vapor esta grande organização se desenvolveu, e alguns países, seguindo o exemplo de outros, entregaram à autoridade de Governo o controle e a iniciativa postal.

OS SELOS

Desde quando foi introduzido o serviço postal à disposição dos particulares, o pagamento da taxa para transporte e entrega de correspondência era indispensável. Era calculado de maneira diferente, que variava em razões de distância, da dimensão e da forma da encomenda e até conforme o número de páginas expedidas.

Estas diversidades provocaram muitos inconvenientes e, desde 1608, a 'Compagnia Dei Corrieri Della Signoria', tinha a concessão do serviço nas linhas Veneza-Roma e Veneza-Milão, instituiu folhas timbradas, que podem ser consideradas precursoras dos selos.

O exemplo foi imitado, quase duzentos anos depois, pelo pequeno Reino da Sardenha e pelo da Duas Sicílias, poucos anos antes que o Inglês Rowland Hill inventasse o verdadeiro selo postal, semelhante ao que está em uso até hoje. Naquela época já se cobrava ou já era vigorado o sistema de pagamento de uma taxa postal por parte do destinatário.

Conta-se que Rowland Hill, passeando por uma aldeia, viu uma rapariga renunciar à missiva que lhe enviara um irmão, alegando a sua impossibilidade de pagar a taxa relativa. Hill ofereceu-se para pagar mas, a moça chamou-o de lado e confiou-lhe que não tinha mais interesse algum em receber a carta, porque ela e o irmão se correspondiam mediante sinais prestabelecidos, na sobrecarta, que ambos decifravam num só relance de olhos.

O inglês estudou o problema em seus mínimos detalhes e teve a idéia de mandar aplicar nas sobrecartas, pelo remetente, pequenos retângulos de papel, correspondente à taxa devida com o que se eliminariam muitos inconvenientes. Após estudar bem o assunto, publi-



O Soldado de Maratona, ao chegar a Atenas, cai morto, após haver anunciado a vitória de Milcíades



O "uniforme" dos antigos carteiros chineses, chamados "homens fortes", era constituído de uma lanterna e de uma sombrinha adornada de campainhas



Na Idade Média, o "correio do rei" cavalgava velozmente, pelas estradas ensolaradas ou lamacentas, e tinha sempre precedência sobre os demais viajantes.

cou-o num opúsculo, lançado à sua própria custa, em 1837.

Naturalmente, não faltaram contraditores e polémicas, mas a reforma, sobretudo pela tenacidade demonstrada pelo seu idealizador, dois anos depois, isto é em 1839, foi aprovada e, no dia 6 de maio do ano sucessivo, foram oficialmente postos à venda os primeiros selos postais. Dentro em pouco, a inovação foi adotada em quase todos os países do mundo.

Cumprir notar que o Brasil e a Suíça foram os segundos países a adotar os selos. O nosso primeiro selo postal foi o famoso, e hoje raríssimo e caríssimo (OLHO DE BOI), assim chamado pelo seu formato.

CORREIOS, POSTILHÕES E CARTEIROS

Após termos falado sobre o desenvolvimento do serviço postal, através dos tempos antiguíssimos até à invenção do selo postal, devemos referir-nos àqueles que mantiveram tal serviço em eficiência. Quantos atos de heroísmo, quantos sacrifícios, de anônimos poder-se-iam enumerar!

Desde o pobre soldado, que tanto correu para anunciar aos Atenienses sua vitória sobre os Persas até tombar morto às portas da cidade, aos postilhões das intermináveis planícies das Américas, em perene luta contra índios cruéis e salteadores de estradas, que não tinham o mínimo respeito pela vida humana.

Na China, conta Marco Polo, nem sempre eram conferidos privilégios e honrarias aos correios; de um documento, datado de 1408, soubemos realmente, como na França os correios não podiam dormir pela estrada e eram obrigados a percorrer pelo menos cinco milhas por hora, no verão, e quatro no inverno; ao passo que aqueles a pé tinham a obrigação de percorrer, respectivamente, quatro e três milhas.

E, para cada milha percorrida a menos, recebiam uma cacetada! Outros car-

teiros eram verdadeiras agências postais ambulantes, obrigados a carregar às costas caixas de coleta, cestas, ou enormes pastas.

Quando algum deles devia atravessar um rio a vau, além daqueles apetrechos, tinham que levar consigo grossas bexigas, cheias de ar, para não correr o risco de se afogar ou molhar a correspondência.

Aqui no Brasil, é considerado como primeiro correio, ou o primeiro carteiro, PAULO BREGARO, que trouxe a correspondência enviada por D. Leopoldina ao seu marido D. Pedro I, que estava em São Paulo. Foi ao receber tais notícias que o nosso primeiro Imperador, às margens do Ipiranga, proclamou a Independência.

Felizmente, os carteiros de hoje não são obrigados a arcar com tantas dificuldades, embora muitos deles ainda tenham que percorrer mais de 25 ou 30 quilômetros diários.

O progresso do serviço postal acompanhou cada velocidade: uma carta que há cinquenta anos levava, digamos, 6 dias para ser entregue, hoje o é em poucas horas. Selos especiais demonstram a urgência solicitada e tais cartas confiadas a portadores especiais de bicicletas ou mesmo motorizadas.

Em 1858, foi inaugurada em Londres a primeira instalação para a carta Pneumática, baseada num sistema de tubos coligados às agências postais da cidade. Tal sistema está em vigor desde muito tempo no Brasil.

Temos, ainda, a correspondência chamada 'Fone-Postal', ou carta falada, que é gravada em cabinas especiais e remetida ao seu destinatário com maior urgência possível. Com o advento do correio Aéreo, as distâncias diminuíram bastante, aliás.

Sem sombra de dúvida, é hoje um dos serviços mais bem prestados a nós poetas, escritores etc.... o famoso serviço de correio.

César Lustosa, 24 anos, Poeta, Revisor de manuscrito, historiador.

G L O S Á R I O

Pretório — Tenda do General em campanha, na Roma Antiga qualquer tribunal no uso moderno.

Adrede — De propósito; por acinte.

Carlos Magno — Imperador do sagrado Império Romano (Fundador da Dinastia dos Carolíngios).

Postilhões — Homem que transporta a cavalo notícias e correspondências; mensageiro.

Estafetas — Mensageiro Postal

Rapariga — Moça

Missiva — Carta, bilhete que se manda a alguém.

Olho de Boi — Selo do Correio, da 1ª emissão, feita em 1843, com desenho que lembrava um olho.

Vau — Lugar fundo do rio ou mar e onde pode-se transitar a pé a cavalo.

Opúsculo — Pequeno livro, folheto.

Paulo Bregaro — O primeiro carteiro do Brasil.

Carta Pneumática — Carta que vai de uma agência a outra por meio de tubos de ar comprimido.

Carteiro — entregador de correspondência.

Ars Longa Vita Brevis — A arte é longa e a vida, breve...

Murilo Mendes

Poeta Visual e Sonoro

□ Rita de Cássia Pereira dos Santos

A viagem no universo muriliano equivale a um mergulho nas histórias das literaturas brasileira e ocidental e, ao mesmo tempo, no contexto cultural do século XX e no de outras épocas. Cada obra recompõe imageticamente um tempo e um espaço que se apresentam com conotações diferentes. Permite ora uma aproximação com um possível referencial, ora um distanciamento, na medida em que instaura

o tempo-espaço mítico ou puramente poético. O jogo dúbio dessas realidades tempo-espaciais está presente nos dezesseis livros de poesia publicados entre 1930 a 1970. O ludismo poético configura-se, porém, de maneira diversificada, acompanhando e extrapolando as inovações estéticas presentes em cada momento da feitura de um obra.

O poeta não se fixou em nenhuma das correntes do Modernismo. Manteve a sua ferrenha independência de espírito. Preferiu descortinar sozinho o rumo próprio e pessoal. Nesse descortinar de seu caminho estético, todas as artes figuram de um modo ou de outro na lírica muriliana. Duas, contudo, sobressaem: a música e a pintura.

Os procedimentos pertinentes à música e à pintura ou a outras artes quase sempre se conjugam em um mesmo poema. A mú-



A obra de Murilo Mendes é uma via-viagem maravilhosa e instigante. É via por ser caminho de conquistas poéticas diversas e progressivas. Estas vão enriquecendo suas obras com as novas perspectivas estéticas de cada momento e também com os acontecimentos históricos.

São eles, às vezes, fios tensos e doridos na tessitura dos poemas.

Nessa via poética, os meandros dos procedimentos são um desafio constante ao leitor.

Levam-no por várias ocasiões para além das noções de tempo e de espaço.

sica aproxima-se do poema essencialmente pelo ritmo, embora cada uma guarde a sua peculiaridade específica. Todavia as semelhanças entre ambas — música e poesia — são aqui tratadas mais em relação a alguns procedimentos que afetam o andamento na música e que são passíveis de comparação estrutural com o poema. Já a pintura tem em comum com a poesia as imagens e as abstrações, uma vez que ambas, muitas vezes, eliminam qualquer verossimilhança com o real.

Os intertextos — em particular a música e a pintura — que tecem a lírica muriliana são estudados através de dois motivos básicos: a mulher e os espaços, ambos suscetíveis de subdivisões. Através deles examinam-se as diversas máscaras do eu lírico e a diversidade de procedimentos da produção de Murilo Mendes. Os motivos revelam ao leitor a atitude do poeta em face da Poesia e do Mundo.

Sons e imagens

A música foi uma espécie de segunda natureza para Murilo Mendes (a primeira, a poesia). Reconhecia ele ter "ouvido afeito desde cedo à visitação da música" (1). O interesse por essa arte, que o acompanhou durante toda a vida, foi desenvolvido no ambiente familiar de sua infância e adolescência. Sua mãe era "afeiçoada ao canto e ao piano", assim



Padre Jonas
- PP

BRASÍLIA

Até bem pouco, simples cerrado eu era.
Mirrada e por ninguém até então lembrada.
Não passava de mera colorida quimera,
perdida nesse imenso planalto central.
Mas um dia, Dom Bosco em sonhos predissera:
surgiria nesse lugar a mais avançada era.
Nos braços retorcidos de galhos em frangalhos,
cobertos de estranhos tecidos desbotados
escondia-me na infinita ânsia profética
de conquistar num só bote todo um porvir.
Num traçado dinâmico de linhas arrojadas,

toda apaixonada, foi deixando de lado,
curvas que não gerassem tantas retas,
retas que não apontassem para onde ir.
Sou fruto daquela imaginação subjetiva
concretizada numa vibração integrada
do tempo abraçando o espaço na era do aço,
estruturando sem fronteiras e sem peias
os lances das gerações em contínuas opções,
na realização de infindas caminhadas:
da fecunda semente a soluções enraizadas.

como a sua "segunda mãe", irmãs primas e conhecidas. Já adulto e morando no Rio, a paixão pela música e o conhecimento que dela possuía levaram-no não só a assistir concertos, promover sessões musicais em seu quarto de pensão mas também a escrever artigos de orientação musical para amadores que desejassem adquirir obras musicais.

Ao longo da obra aparecem palavras e expressões relacionadas à música, quer no interior de poemas, quer nos títulos. Referem-se a instrumentos, composições. Os instrumentos vão dos mais populares — "realejo", "gaita", "sanfonas", "baterias" etc — chegando aos de elite — "oboés", "harpa", "alaúde", "violoncelo", "piano". Muitos deles estão incorporados às primeiras obras. Contudo um se destaca — "piano" — de forte conexão biográfica.

Atua como palavra recorrente por excelência, presente em todas as obras, ganhando significações diversas. Ora surge como um simples instrumento ("piano comprado a prestações"), ora como um procedimento musical (nota fraca, suave: "Não te dedicarei pianos/Nem harmonias de sirenes"). Traz ainda conotações surrealistas ("Soltaram os pianos na planície") e outras. Dentre os termos referentes a composição, são encontrados: "sonata", "concerto", "harmonia", "prelúdio", "valsa Danúbio Azul", "Barbeiro de Sevilha", "ritmo", "música" etc. Destes, sabe-se, alguns são bivalentes, tanto estão presos à música quanto à poesia.

Com exemplo de procedimento ligado à música, veja-se o poema

(I) — MENDES, Murilo. **A Idade do Serrote**. Rio de Janeiro, Editora Sabiá, 1968, p. 40.

"Arte de Desamar", composto de três quadras e três quintilhas, ora intercaladas ora não. O motivo prostituta distancia-se dos poemas — A Filha do Caos" e "A Vamp" — sobre o mesmo assunto e inseridos na mesma obra: **O Visionário**. Nestes poemas a linguagem entre metafórica e denotativa recria cenas da vida de uma prostituta; naquele a possível referencialidade cede espaço à inquietação metafísica do poeta. Nesses três poemas, como nos demais sobre o mesmo assunto, nos dezesseis livros de poesia

"A presença da pintura na obra de Murilo Mendes processa-se de várias maneiras. Ele conviveu com muitos artistas plásticos e em especial com Ismael Nery"

de Murilo Mendes, os matices semânticos são como variações musicais sobre um mesmo tema.

Em "Arte de Desamar", o tom é melancólico e o ritmo tipo andante. A composição lembra um "poema sinfônico" à maneira de Liszt, ou cujo procedimento principal é "a transformação temática", ou seja, "um tema básico é recorrente por toda a peça, mas em contínua transformação de caráter e de espírito, de modo a responder a cada situação" (2). No poema muriliano, a expressão "meu amor" semelhante ao tema do poema sinfônico, ganha conotações diversas de estrofe para estrofe. Funciona como "leitmotiv". Instaura a contraposição objetividade/ subjetividade em cada estrofe. Dessa forma a "célula rítmica", "meu amor", põe, em geral, um dos pólos em evidência mais que o outro. Nas quintilhas, quase sempre, sobressai o aspecto subjetivo. Nas quadras, as reflexões e contradições maiores do poeta.

Na primeira estrofe fica patente o jogo ambíguo desde o verso iniciante: "Meu amor é disponível, A qualquer hora ele fecha; A crise de convicção É mesmo muito grande."

Aqui não se sabe se, no primeiro verso, o poeta refere-se ao amor sentimento do sujeito pelo objeto ou se ele se aplica à mulher, alvo do interesse do amante. O epíteto "disponível" é neutro, portanto, pertinente a ambos (sujeito/objeto). Seguindo esta conotação de neutralidade vão os de-



mais versos da quadra, como, por exemplo, "ele fecha" (verso 2), quem? ou o quê?; "crise de convicção" (verso 3), de quem? Dele ou dela?

(2) — BENNETT, Roy. **Uma Breve História da Música**. Tradução de Maria Teresa Resende Costa. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1986, p. 61.

A partir da primeira década deste século, no eixo Rio-São Paulo, mormente, seguindo as diretrizes do Ocidente, a pintura fazia parte do bloco das artes marcado pelo espírito renovador. Despertava as mais acerbadas polémicas. Vivenciando esse momento de ruptura e de novas conquistas estéticas, Murilo Mendes esteve sempre ligado às artes plásticas, notadamente à pintura. Na então capital da República, conviveu com muitos artistas plásticos e em especial com Ismael Nery, amigo que admirava muito, reconhecido como introdutor do surrealismo no Brasil e criador do Essencialismo.

A presença da pintura, na obra de Murilo Mendes, processa-se de várias maneiras. Destacam-se algumas. A primeira é o motivo mulher. Embora ligado à tradição do "eterno feminino", era também muito cultivado pelos pintores

Na obra de Murilo Mendes, as palavras e expressões vinculadas à pintura são em menor escala se comparadas às ligadas à música, mas nem por isso menos importantes, como "paisagem" (ambigüamente pintura e literatura), "cubos", "esferas", "signos plásticos", "ângulo" e mais.

As últimas pertencem também à escultura, à arquitetura e ao desenho, cujos vocábulos mais citados são: "esboços", "esculpir", "cinzel", "colunas dóricas", "estátuas", "cariátides", "arabesco". Este sintetiza a correlação estrutural entre poesia, música e pintura. O arabesco, originário da escrita árabe, consiste, entre as artes plásticas, em linhas, flores, frutos ou ramos entrelaçados. Na música, vai corresponder às "puras curvas melódicas, inerentes à arquitetura sonora, ao meandro da melodia, ondulação dos ritmos, ao frêmito ou à eclosão dos acordes" (3). Em poesia, equivale à harmonia entre o "arabesco fonético" (ritmo e melodia pura das sílabas) e à estrutura própria do mundo dos seres, conceitos, imagens, sentimentos evocados, isto é, o universo poético figurado por meio da forma gramatical e sintática (4). Em síntese, o arabesco une as artes como processo de entrelaçamento de elementos constitutivos, gerando harmonia e significação.

Poesia e pintura afinam-se. Na poesia, como na pintura, será difícil encontrar um assunto que alguém não tenha tentado poetar ou pintar. Poetas e pintores recriam coisas que vêm ao seu redor: pessoas, animais, natureza, objetos, etc. Criam, às vezes, de maneira abstrata.

Os motivos da poesia confundem-se, muitas vezes, com os temas de pintura. Dentre eles, destacam-se os seres humanos, temas religioso ou mítico, ângulo de cidade ou de casa, paisagem. "Paisagem é o título de três poemas. Um dos títulos aparece com variação. Nos poemas os possíveis dados referenciais são aberturas para a subjetividade e a reflexão. Estão em três obras diferentes. O primeiro poema com este título acha-se em **Poemas**, publicado em 1930. O segundo, com variação, "Paisagem Madura", em **Poesia Liberdade**, obra escrita entre 1943 a 1945. O terceiro com o mesmo título do primeiro,

ocidentais e, em particular, pelos da convivência do poeta nas décadas de trinta e quarenta, como Otávio Araújo, Ismael Nery, Cícero Dias, Milton Dacosta, Di Cavalcanti e outros. Dentre os outros motivos mais ligados à pintura, há os que foram utilizados na tessitura e nos títulos dos poemas: "Paisagem", "Natureza Morta", "Aquarela". Tudo isso sem se falar dos procedimentos tomados emprestados às partes plásticas em geral.

O envolvimento de Murilo com o pictórico manifesta-se ainda nos artigos escritos desde a década de 30 a respeito, por exemplo, de Portinari ou de Maria Helena Vieira da Silva.

Na Europa, seu derradeiro espaço vivencial, Murilo Mendes tornou-se conhecido como poeta, com livros vertidos para o italiano e outras línguas, e como crítico de arte. Manteve amizade com grandes nomes da literatura e a arte européias, como Ezra Pound, Albert Camus, Jorge Guillén, Ungaretti (tradutor de vários poemas de Murilo para o italiano), Miró, Michaux.

Em síntese, no dizer do poeta, em entrevista dada à revista **Veja** em 1972, "a literatura (...) não pode ser considerada uma atividade isolada do cinema, das artes plásticas, da arquitetura". Isto ele comprovou ao longo de sua obra.

Poesia e pintura afinadas

"Paisagem", encontra-se em **Mundo Enigma**, datado de 1942:

"Do sino vazio voam esquadrilhas de pássaros.

No oco da lâmpada Irrompe a floresta (Ninguém para me asfixiar).

O quarto caminha Até o fundo do horizonte. O espelho se contrai, Vãos ornamentos, Pernas tronco soluços."

A paisagem é bem diferente daquela do texto anterior. A distância temporal entre os dois e o momento da criação são responsáveis por isso. Todavia, além do título, apresentam alguns elementos de aproximação: o ritmo idêntico e a realidade supra-real, mais intensa esta no último. As funções destes, naturalmente, são diferentes. O poema anterior figura uma paisagem poética mais próxima da tradicional.

O procedimento técnico do poema lembra-nos, por um lado, quadros de De Chirico. O irreal surge pelo alargamento do espaço (5). Cada estrofe é um ângulo do poema-quadro. Por outro lado, o poema figura a própria mentação lírica. Dito de outro modo, o possível espaço alarga-se e restringe-se por meio da imaginação. "Do sino vazio", metonímia de torre da igreja, "Voam esquadrilhas de pássaros". Aqui o espaço é semi-fechado. Há a boca do sino ou as janelas da torre abertas para o alto. Os "pássaros", dentre outras acepções, simbolizam a ligação entre o céu e a terra e também as fun-

L'art 1930



ções intelectuais. No último sentido encontra-se, como variante, o próprio voo da imaginação do poeta.

Na segunda estrofe, o espaço real é menor — o "oco da lâmpada." Conota a interioridade do sujeito. A "lâmpada", enquanto luz, pode significar tanto a luz divina e espiritual como o conhecimento. O sentido derradeiro é ampliado pelo "Irrompe a floresta". Floresta, conforme Jung, representa as relações com o inconsciente. Aqui o autor de **Metamorfoses** encontra-se livre para fazê-lo fluir, como revela a parêntese reflexivo — "(Ninguém para me as-

fixiar)".

Só na terceira estrofe descobre-se o espaço real — o quarto. Foi partindo dele que o poeta criou a perspectiva para o "sino" e para a "lâmpada". A descoberta ratifica as hipóteses anteriores. E ainda, no dizer de Bachelard, "O quarto e a casa são diagramas de psicologia que criam escritores e poetas na análise da intimidade" (27). É um espaço dinâmico: "O quarto caminha/Até o fundo do horizonte". Integra o sujeito no cosmos.

A última estrofe reverte a perspectiva de expansão das precedentes — "O espelho se contrai". Figura

"a dialética viva da etapa do espelho" na criança. A etapa enraiza-se no imaginário. Segundo Lacan, por Palmier:

"Se esse imaginário se encontra por toda parte

e nos acena, o faz, no entanto, precisa e

unicamente na medida em que passa pelos desfiladeiros

do significante e da função simbólica."

No poema, os "desfiladeiros dos símbolos" das estrofes anteriores cessam. A imaginação contrai-se. Traz o sujeito à realidade. Nela percebe ele os "Vãos ornamentos/Pernas tronco soluços." A fragmentação da própria imagem em uma enumeração caótica deixa vislumbrar o tema central — a angústia. Dela o poeta procurou fugir pela imaginação. Fez semelhante à criança frente ao espelho, procurando escapar as "fantasias do corpo dividido" (29). Todavia, foi inútil. A angústia insinuou-se sutilmente no poema por meio das palavras "vazio" (verso 1), "oco" (verso 3) para implodir em "soluços" (verso 10). O poeta recria imageticamente a paisagem de sua angústia interior, cuja tensão afunila-se no pranto.

Conclusão

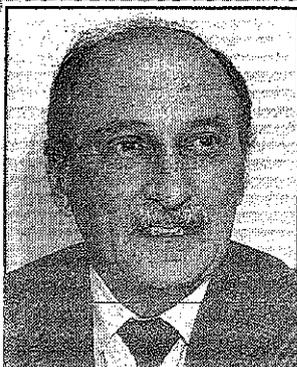
Desde a primeira obra, Murilo Mendes utilizou os mais diversos códigos para figurar a complexidade poético-humana. A adoção desses códigos funcionou como dinâmica lírica em processo de desautomatização do signo e de revitalização do código

poético. Aproximava, às vezes, o poema de seu referencial estético, topológico ou humano, para nos mostrar a mensagem refletida a partir de um deles. Dentre os muitos exemplos encontrados na lírica muriliana, destacam-se os artistas. Tecendo as características pessoais e estéticas, como códigos a marcar o artista e sua arte, o autor de **Metamorfoses** confessa o seu próprio processo criativo, a sua visão de mundo, encontrados em "Veemer de Delft", em **Poesia Liberdade** e "Tema de Calderón", em **Convergência**. Esta última obra, datada de 1970, integra de modo singular as diferentes vanguardas literárias, musicais e pictóricas. "Colagem para Drummond" e "Murilograma a Webern" dão-nos, por exemplo, uma amostra do aproveitamento de outras estéticas.

NOTAS

- (1) — MENDES, Murilo. A Idade do Serrote — Rio de Janeiro, Editora Sabiá 1968, p.40.
- (2) — BENNETT, Roy — Uma Breve História da Música. Tradução de Maria Teresa Resende Costa. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1986, p.61.
- (3) — SOURIAU, Étienne. A correspondência das Artes/Elementos de Estética Comparada. Tradução de Maria Cecília O. de M. Pinto e Maria Helena R. Cunha, São Paulo, Cultrix - EDUSP, 1983, p.134.
- (4) — IDEM — op. cit., p.130.
- (5) — "Giorgio de Chirico é fundador da pintura metafísica. O termo pretende designar uma arte que transforma os objetos cotidianos em elementos de um universo misterioso, que só a angústia consegue atingir." - ARTE NOS SÉCULOS, ed. cit., pp. 1645 e 1657, Vol.VII.

□ Rita de Cassia Pereira dos Santos é professora de Literatura Brasileira da Universidade de Brasília. É autora de tese de doutorado sobre Murilo Mendes. Endereço p/contato: SQS 116, Bloco G-508



José Ornellas - PL

Concretização de um ideal

Todo projeto, teoricamente, tem a sua viabilidade mas, na prática, o exercício do planejamento, aliado à sua execução, é bem diferente. Portanto, é agradável para nós, homens compromissados com a sociedade, acompanhar e verificar o trabalho da equipe do **DF Letras** e reconhecer nela o espírito de um jornalismo de alto nível, competente e eficaz, que se preocupa, através deste projeto, em levar informação à co-

munidade. Ao chegar à edição de nº 12, podemos assegurar que o **DF Letras** concretiza o seu ideal, atingindo seu objetivo maior que é o de contribuir para a divulgação da cultura. Seria gratificante se cada um de nós se preocupasse em intensificar seus próprios esforços, procurando sempre vencer os obstáculos, interagindo com nossos pares na conquista de espaços valiosos, por meio de um

trabalho de equipe. Com isso, nossa parcela de contribuição para a conquista de dias melhores estaria sempre presente em nossos objetivos. Alinhados nesta pauta, externamos ao **DF Letras**, e à sua eficiente equipe, a nossa admiração e respeito, pelos edificantes serviços prestados à nossa comunidade e desejamos que continue contribuindo na busca da melhoria constante do nível de nossos conhecimentos.

Volto à moça: O luxo que se dava era tomar um gole frio de café antes de dormir. Pagava o luxo tendo azia ao acordar
(LISPECTOR, p. 41)

A Hora da Estrela

□ Carlos Alberto dos Santos Abel

Clarice Lispector tem, nesse romance, **A hora da estrela**, um divisor de águas, profundas e opacas de um lado, do outro, profundas, porém, cristalinas. Com **A hora da estrela**, Clarice inicia uma nova face de sua carreira. Nascia uma nova e vigorosa escritora do povo, da realidade brasileira deste fim de século, com pessoas que reagem tipicamente diante dos acontecimentos do dia-a-dia da nossa sociedade — personagens comuns, vivendo situações comuns.

A solidão continua a ser sua grande preocupação. Na primeira fase (iniciada com **Perto do coração selvagem**), e das dores existenciais banais do pequeno-burguês, do não-sei-o-que-vou-fazer-da-minha-vida. Na segunda (apenas uma obra, **A hora da estrela**), a solidão dos proletários — real —, aguçada pelo morar mal, comer mal, vestir mal, ganhar mal, uma miséria concreta e objetiva, resultante de uma exploração consciente e organizada pela burguesia e pelo latifúndio.

A emoção é o condicionamento de toda a obra. A marcha do demiurgo, na direção do neo-realismo, era como a roda da história, não voltaria jamais. Teríamos, como disse Engels, a respeito de Balzac, mais uma vitória do realismo na literatura brasileira.

O título era Humilhados e ofendidos. Ficou pensativa, talvez tivesse, pela primeira vez, se definido numa classe social. Pensou, pensou e pensou! Chegou à conclusão que na verdade ninguém jamais a ofendera, tudo o que acontecia era porque as coisas são assim mesmo e não havia luta possível, para que lutar? (LISPECTOR, p. 48).

Na sua marcha para uma escritura renovada, ela foi buscar, no macrocosmo brasileiro, um semovente para o seu microcosmo, representante de toda nossa miséria universal: uma nordestina, uma indesejada da sorte, pária dessa sociedade capitalista selvagem, injusta e desumana, onde o pauperismo é dividido autocráticamente — a maioria tem-no em doses maciças.

Volto à moça: o luxo que se dava era tomar um gole frio de café antes de dormir. Pagava o luxo tendo azia ao acordar (LISPECTOR, p. 41).

O drama de Macabéa é o comum da grande maioria da nossa população. Um "comum" que interessa, na medida em que é universal, espraiando-se por toda nossa realidade, um universal concreto e vivido, acontecendo no agora de todos esses deserdados.



Retrato de Clarice Lispector por Giorgio de Chirico

Pois que a vida é assim: aperta-se o botão e a vida acende. Só que ela não sabia qual era o botão de acender. Nem se dava conta de que vivia numa sociedade técnica onde ela era um parafuso dispensável (LISPECTOR, p. 36).

Macabéa, personagem, quase caricata, a empregada doméstica, a comerciária, a industriária ou a campezina, tipo servente da classe média, da burguesia e do latifúndio, moradora das casas humildes, dos barracos das favelas e dos cubículos. Bernard Shaw, sarcasta, concluiu que, no capitalismo, só ao pobre é permitido viver debaixo das pontes...

Clarice critica o mundo degradado. Vai-nos conduzindo pela vida sem esperança das Macabéas. **"Macabéa empalideceu: nunca lhe ocorrerá que sua vida fora tão ruim"** (LISPECTOR, p. 86).

Clarice, através de um estilo personalíssimo, vai-nos trazendo informações acerca da protagonista. Verdadeiros achados. Te-

souros da naturalidade. Arte maior. Didaticamente forma-se o quadro. Uma das marcas é a fixação de Maca pela cultura (quase sempre inútil) da Rádio Relógio Federal — uma das facetas mais tocantes do romance:

Foi assim que aprendeu que o Imperador Carlos Magno era na terra dele chamado de Carolus. Verdade que nunca achara modo de aplicar essa informação (LISPECTOR p. 45).

A escritora critica ainda esse mundo alienante, quando nos apresenta Olímpico, o namorado de nossa heroína. Olímpico e suas peripécias, o pícaro, o anti-herói, manhoso, cínico, inescrupuloso, mas determinado a sobreviver e a tirar todas as vantagens possíveis de tudo e de todos.

Os proletários de **A hora da estrela** são sós, não há a justaposição dialética, indivíduo-sociedade, ego-coletividade, indivíduo-classe social. Solitários não podem lutar contra as regras injustas de um jogo que têm de sofrer. O campo da justiça e as

regras da burguesia. Os desposuídos, em **A hora da estrela**, ou aceitam passivamente tudo que lhes é imposto, ou passam a agir como os autênticos "picaretas", os picaros, os sobreviventes.

No mundo capitalista, os valores morais deteriorados, o pícaro medra nesse caldo de cultura. Procura realizar-se, deseja sair da condição de servo, quer ser patrão, proprietário, quer tornar-se o açoitado dos seus iguais.

A solidão dos personagens avulta ainda pela dificuldade de comunicação. **"Ela falava, sim, mas era extremamente muda"** (LISPECTOR, p. 37).

O problema da comunicação torna-se mais chocante quando se encontram pessoas-ilhas dentro desse universo alienado: Macabéa e o doutor. Um diálogo de surdos. A ternura e a cupidez. O médico. **"Desatento"** (LISPECTOR, p. 77), detestava os pacientes, queria **"ter dinheiro para fazer exatamente o que queria: nada"** (LISPECTOR, p. 81).

Os personagens vivem uma existência medíocre, encarcerados dentro de si mesmos, aprisionados pela estagnação social, com horizontes curtos e paupérrimos, reforçando a alegoria da solidão, da alienação e da marginalização dessas criaturas.

A hora da estrela tem uma atmosfera quase irrespirável de miserabilidade trágica, de fatalismo irreparável — a realidade econômica, o elemento gerador de todos os conflitos. No seu caudal, envolve-se tudo, o interior e o exterior dos personagens...

O gênio do demiurgo traz-nos um fragmento de tempo, em um ambiente acanhado, com personagens mesquinhos, todo o conflito entre os seus egos, e os egos e o social, descerrando-se o painel de toda a realidade de nosso Brasil.

Contudo o que mais nos comove é a visão **humanista** de Clarice, o seu **humanismo**, grito de desespero contra a solidão e a alienação mutiladoras do indivíduo, a luta pelo homem integral, pela felicidade dos desposuídos.

Em **A hora da estrela**, a criadora, defendendo a **humanidade**, coloca-se à frente, na vanguarda do proletariado. A sua ótica, a do grupo social amesquinhado, uma visão crítica da sociedade burguesa.

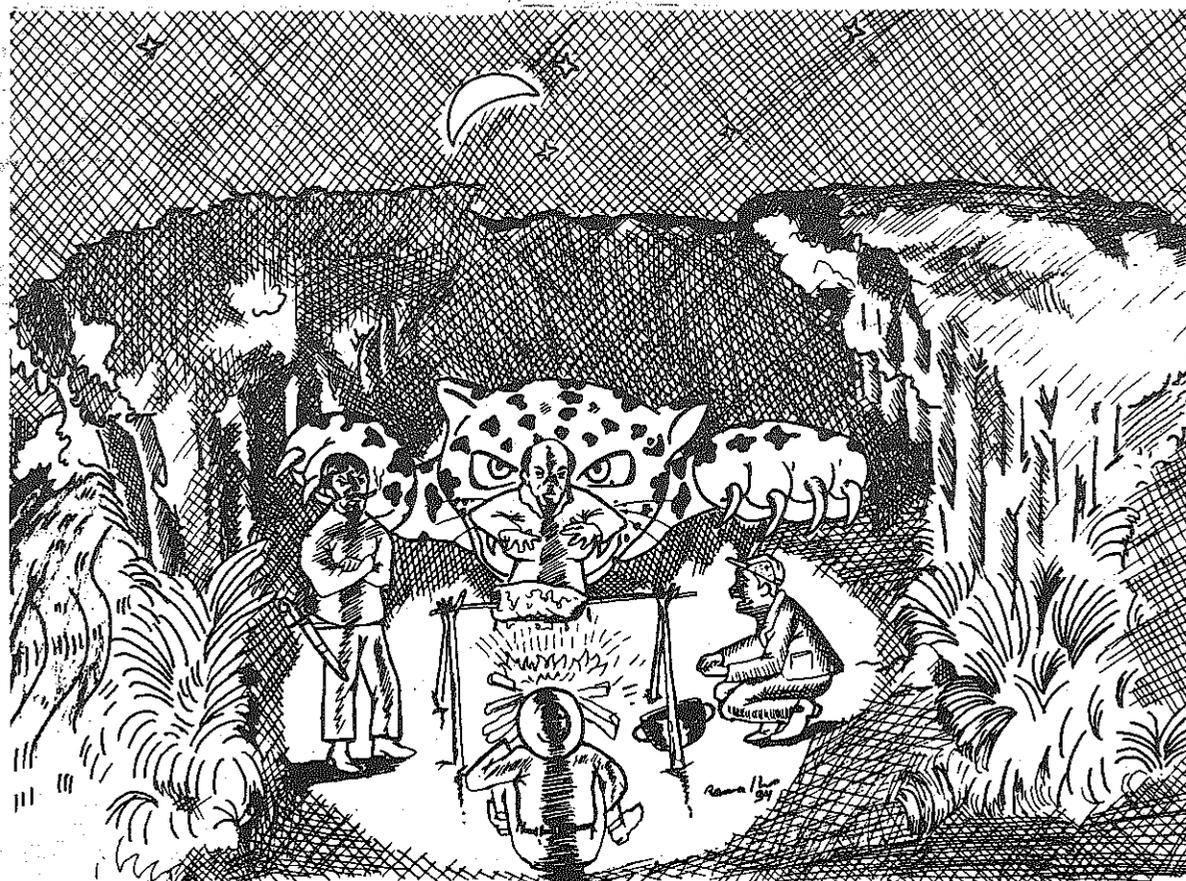
□ Carlos Alberto dos Santos Abel - Prof. de Literatura Brasileira na UnB - Doutor em Letras Vernáculas (Literatura Brasileira) pela UFRJ.

"O livro tem uma atmosfera quase irrespirável e miserabilidade trágica, de fatalismo irreparável a realidade econômica, o elemento gerador de todos os conflitos"

Tem o caso dos quatro amigos que se encontram numa boca de noite no recanto da floresta. Estavam ao redor do fogo que crepitava sob a panela tisonada dos anos, enquanto se assava nos espetos um quarto de paca que haviam abatido de tocaia nessa madrugada. Ajeitando sempre os tições de boa madeira, cuidadosos em preparar a caráter o pequeno pernil do delicioso roedor silvestre.

A fumacinha que subia lentamente da cozinha em direção ao céu era um sinal evidente da presença humana nas profundezas da mata. Escutavam os últimos gorjeios do sabiá que fazia tenção de se recolher ao ninho nas frondes da sucupira. Dentro de pouco o bacurau começaria a cantar no aceiro da roça e a largatixa brava a espoucar a goela no buraco do galho seco tombado ao solo úmido. O ventinho fresco penteava a folhagem e o risco gorgolejava melancólico na pequena cachoeira de pedras.

Os velhos companheiros se espreguiçavam molemente, gozando o descanso merecido que se seguia às árduas tarefas de romper mato para armar os trabucos nas trilhas dos bichos, além das redes de malha que atravessavam o rio Mangabeiras em diversos trechos. Dois goles de pinga compunham obrigatoriamente o cenário campestre, o melhor remédio para relaxar os músculos fatigados. Estavam todos imbuídos da importância da missão que programaram durante o mês inteiro, já que pretendiam tirar o



Conversa ao Pé do Fogo

□ Valter Pedrosa

melhor proveito da visita ao pedaço de floresta de propriedade do conhecido fazendeiro Toninho Ferreira. Não seria à toa que tinham viajado mais de quatro léguas na chebeca de João Fernandes até aquele pé de gruta isolado, onde

nem estrada havia.

Enquanto Manoel Pereira se encarregava de coar o café para rebater a janta, Antônio Benedito se espiçava na tipóia de varanda que balançava entre dois troncos. José Anacleto tinha ido lavar os pratos pa-

ra a ceia nas águas limpidas do regato. Ao tempo em que João Fernandes observava o movimento do grupo baforando o cigarriño aboletado no pequeno tamborete que sempre o acompanhava nessas caçadas.

Na hora da refeição cada qual serviu-se à vontade, cortando cerimoniosamente os nacos de carne da paca, a primeira que morrera na esparrela. Todos sabiam que se tratava de coisa papafina, era preciso jeito e ambiente para ser saboreada. Mais o arroz e as fatias de abóbora que tinham colhido na plantação do caboclo Miguel, gente boa.

Saciados os caçadores, deram garra dos canecos para degustar o café fumegante, tão forte que se poderia cortar de facão. Manoel Pereira, que era o mais velho do grupo, achou-se no dever de incitar os demais a relatarem os casos e aventuras acontecidos nesses matos. A noite apenas começava e se dispunha de muito tempo até a hora do sono pesado nas redes de dormir.

Antônio Benedito pegou o pião na unha e danou-se a contar bravatas e incidentes, dos quais dizia ter participado pessoalmente. Os três camaradas o ouviam em silêncio, sabendo todos que ele devia ter exagerado na dose de cachaça, como de costume. Tudo bem, consideravam entre si, ninguém estava ali para censurar qualquer pessoa e nem ensinar aos homens as regras do bem-viver. Benedito encerrou a chorumela com nova lapada da garrafa, sob a desculpa de que o café poderia lhe tirar o sono mais tarde.

José Anacleto, vendo que os colegas deixavam a conversa esmorecer, levantou o assunto e botou a



Tadeu Roriz - PP

Descontos para os idosos

"A cultura ao alcance de todos". Por acreditar realmente nesse preceito é que apresentei Projeto de Lei, na Câmara Legislativa, para que os idosos residentes no Distrito Federal possam ser beneficiados com o mesmo desconto, de 50 por cento, concedido aos estudantes, na compra de ingressos para eventos artísticos, culturais e esportivos realizados na cidade. Essa Proposição tem amparo legal no Artigo 230 da Constituição Federal, que diz: A família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas,

assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida. Infelizmente, os idosos, depois de tanto trabalhar e contribuir, durante anos, para o desenvolvimento do nosso País, não têm sequer o direito de frequentar um bom teatro, cinema ou qualquer outro tipo de espetáculo, pois as aposentadorias pagas pelo Sistema Previdenciário Nacional são, na sua grande maioria, irrisórias, mal dando para a subsistência. Sendo a cultura fundamental não somente como

diversão, mas principalmente como fator de convívio social, acredito que a proposta, se aprovada, permitirá o reingresso dos idosos na sociedade. Em vários países desenvolvidos, esse desconto é obrigatório e, em algumas casas de espetáculo internacionais, o abatimento é progressivo não só para os idosos, mas para o público em geral, incentivando, ao mesmo tempo, o retorno da pessoa, o crescimento da cultura e o barateamento dos ingressos.

sua banca. Falou novamente naquela caçada da serra do Bamburral, na qual dizia que haviam matados dois veados e três cotias, a maior farra de que ele se lembrava. Também foi só, nunca mais tinha feito nada que prestasse. Talvez que desta vez...

Manoel Pereira, percebendo o ar distante que aparentava João Fernandes, teve de intervir para dissertar sobre uma pescaria que fizera no rio Jacarecica, quando soltou uma dinamite no fundo do poço e matou mais de cinquenta quilos de peixe. Recapitulava aos companheiros a estória e dava ênfase ao momento mais emocionante, quando teve de se jogar dentro das águas para abufelar o enorme camorim, que até pensava fosse um jacaré. Como prova dessa pescaria levantava a camisa e mostrava uma marca de rasgão na barriga, bem na cintura, resultado da barbatana do robalo que ainda estava meio vivo.

Fez-se uma pausa para nova rodada de café, dando-se tempo à esperada anedota de João Fernandes, como sempre acontecia. O companheiro era sonso, ficava na dele, puxando a fumaça do cigarinho. Até que os amigos resolveram espicaçá-lo para que dissesse qualquer besteira, tudo servia.

João Fernandes coçou a orelha, olhou para o céu estrelado, jogou longe a ponta de cigarro e iniciou a relatar suas peripécias, quase sempre sem pé nem cabeça, por isso mesmo mais engraçadas.

Disse que um dia destes estava caçando para os lados da mata da Sumaúma, que vocês sabem que era fechada de não passar nem



raio de sol. Andava atrás de um bando de guaribas, que todos garantiam estar estragando as roças de milho do Pilar, ali perto.

O diabo foi que desgarrou-se dos companheiros, gastara a maioria dos cartuchos em papagaios e jacus, indo dar em uma gruta funda trilhada de rastro de caititu, que parecia boa demais para uma tocaia. O problema foi que dispunha apenas do tiro que estava engatilhado na arma, que guardava para uma feliz eventualidade. Enquanto buscava o caminho mais

curto para regressar ao acampamento no aceiro da floresta.

Nisso, deparou-se com a onça preta que estava no rastro dos porcos do mato. João Fernandes mais que depressa escondeu-se por trás do tronco de jatobá,



apontou a espingarda entre os dois olhos do perigoso felino e despejou a carga de bala por entre os chifres da fera.

Para cúmulo do azar, percebej que as pelotas de chumbo haviam resvalado sobre o lombo da bichona, no momento em que ela baixara a cabeça em puro instinto de defesa. Pres-

sentindo que a pantera logo o atacaria, fez-se na perna para que te quero. Corria feito um condenado, o animal nos calcanhares. Conseguiu subir na árvore ramalhuda que surgiu a cavaleiro, a bicha pega-não-pegas. Despencou lá de cima, vadeou o riacho da Barra, a onça na mesma pisada.

De repente lhe apareceu o lajedo e ele calculou que seria a salvação do perigo, não aguentava mais de cansado. Imaginou que dentro daquelas cavernas deveria haver uma boa furna onde pudesse esconder-se e livrar-se da morte certa. Embarafustou ali por dentro, entrou por uma abertura entre duas rochas e descobriu apavorado que estava em um beco sem saída.

João Fernandes saltou do tamborete, pegou a caneca de plástico e foi tomar um gole de café. Os companheiros o seguiam de olhos acesos, sabiam que esse negócio de onça no mato não era brincadeira e ficaram ansiosos pelo desenlace da aventura.

O protagonista nem se dava por ela. Os demais supunham que o companheiro havia feito uma pausa para tomar fôlego e molhar a garganta, a carreira na frente da fera o enfadara. Viram João Fernandes puxar outro cigarinho e tragar a fumaça vagarosamente, como quem pretendia começar a soneca.

Tiveram de o interromper, tudo indicava que faltava algum pedaço nessa estória.

— E o que aconteceu, afinal?

João Fernandes espiou para os três companheiros a fisionomia mais desinteressada do mundo.

— Ora, eu fui comido pela onça.

Os três amigos ficaram com cara de besta, resmungando que nunca tinham ouvido um relato mais sem graça.



■ Valtor Pedrosa de Amorim, Eng.º Sanitarista e Escritor, com 10 livros publicados. Vive em Brasília desde janeiro de 1973.

Os poetas

Costuma-se dizer, especialmente nesta época de ansiedade lancinante de Copa do Mundo, que o Brasil é um país de técnicos de futebol. E todos têm uma mania: o futebol arte. Talvez aí, nesta sutileza inventiva, esconda-se outra verdade: o Brasil é também um país de poetas. E de bons poetas. Mário Quintana, o passarinho que se foi recentemente, não nos deixa mentir.

Nesta sua 12ª edição o **DF Letras** – um ano, portanto, divulgando e estimulando a cultura – cumprindo a premissa básica pelo qual foi criado, publica este encarte só de poetas. Poetas de todos as partes, oriundos de todos os cantos. Cada um ao seu estilo retrata a alma brasileira numa aquarela de imagens e sentimentos. Entre as milhares de colaborações, destacamos o movimento **IN/SACANDO A POESIA**, idéia original que sai em nossas páginas ilustrada dentro do seu próprio contexto. Publicamos ainda Cassiano Nunes, Miguel J. Maly e a Diva Cunha, além de outros tão **diversos** entre si.

E os poetas visuais? Estão também entre nós, transformando recursos gráficos em expressão de sentimentos.

AI DE NÓS, SEM OS POETAS !

NELSON PANTOJA
Editor/DF Letras

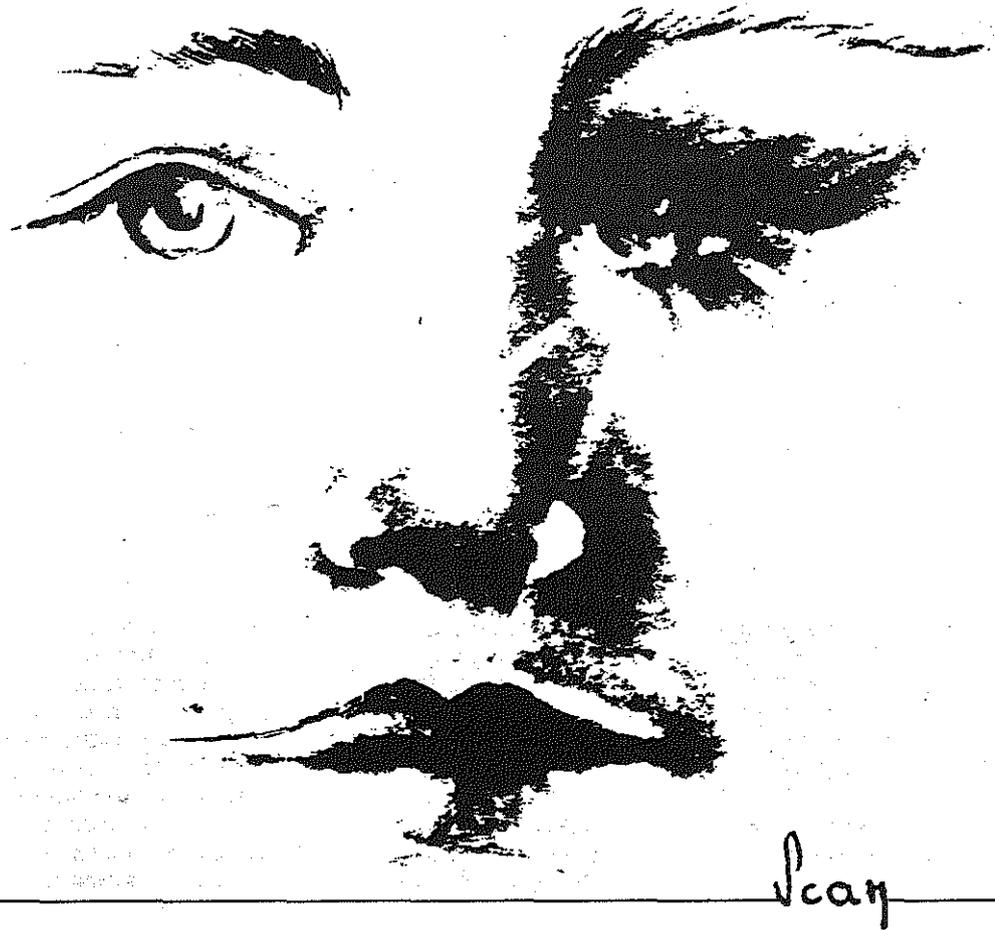


No Quarto de Fernando Pessoa

No quarto de Fernando Pessoa,
pergunto às paredes
pelo homem comum,
sem fama nem legenda
— o homem verdadeiro,
de carne e osso,
porventura com caspa e mau hálito.
Espero que me contem
de sua solidão ácida,
de seus sonhos confusos, viscerais,
de alcoólico,
de seu onanismo

engrinaldado de nádegas adolescentes,
de seus ideais
fora das medidas da razão,
dos versos que faltam à ampla arca,
sonhados mas não escritos,
da sua morte humilhante
com pseudônimo de cirrose.
Oh! Tu que tudo sabes!
Mais uma vez,
ousa perguntar-te:
por que a grandeza é dor?

Cassiano Nunes é professor da Universidade de Brasília. Poeta e homem das letras. Dileto conversador, com sua voz anasalada encanta seus interlocutores pelas universidades da vida. Presença marcante no Café “**Belas Artes**” já circulou muito pela “Dona Siloca”, lá pela Asa Norte, saudando Mário de Andrade e o amigo Zé Pereira, paraibano da gema, que antes de ir embora, mereceu de Cassiano um poema inolvidável. Cassiano tem dentro de si o mistério das ruas que só as palavras revelam.



Ribeira Grande

(Ilha de Santiago — Cabo Verde)

Cheguei muito tarde
à primeira cidade
fundada pelos portugueses
nos trópicos.

O que era majestoso
há muito
se acha em ruínas.

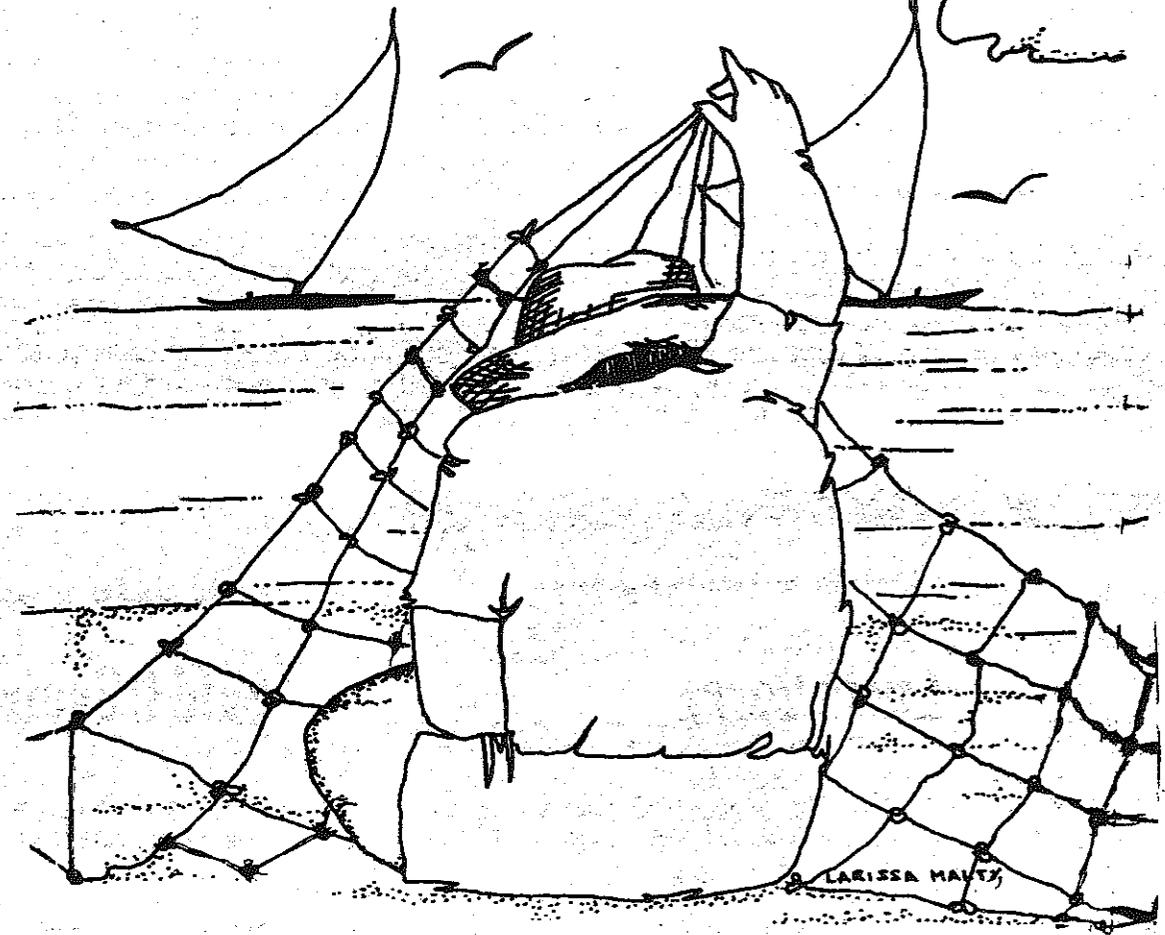
Porcos atravessam a rua,
indiferentes
a um possível automóvel.

No largo minúsculo,
só o pelourinho,
vertical,
nobre no seu estilo manuelino,
parece intangível.

Sua ominosa argola de ferro
ainda aguarda os acusados,
que, decerto,
se libertaram para sempre.

Miguel J. Malty

Miguel J. Malty é dessas pessoas que fazem da poesia a razão intemporal de viver. Seu endereço: SQN 314, bloco "C", ap. 215 (79.767 — BSB-DF). Jornalista aposentado e escritor tem diversas obras publicadas em várias facetas da literatura. É catarinense de São José, bacharel em Ciências, Letras e Teologia. Da União de Escritores (S. Paulo) e do Sindicato dos Escritores do DF. Reside em Brasília desde 1976.



O tecedor de redes

Tecedor de redes, na faina empenhado,
a expressão de forte, na face tostada,
marcas da inclemência do sol e do vento;
paciente tece a trama traiçoeira
que embarça, enleia, as ágeis nadadeiras.
Tecedor de redes sua vida tece
dia a dia ao som das lânguidas marés.

Tecedor de redes
dedos ágeis, tezos,
o fio feroz tecendo...
malhas que abarcam as águas
mas o mar não aprisionam.
Tecedor de redes
na praia perdido,
de sonhos perdidos,
fugidos no mar...
Pontos e nós matemáticos
vai em malhas amarrando,
vai a rede construindo,
ponte-armadilha jogada
no salso leito das águas
para o pão de cada dia.

Tecedor de areia e sol
vai tecendo, remendando,
labirinto de emoções.
Enredado vai vivendo
na própria rede que tece.

A água foge da rede
e deixa as presas nas malhas,
vidas que vão morrer
para manter outras vidas:
— O formidável mistério
da vida, o sobreviver.

Tece, remenda, tece
fios e malhas as mãos cheias
olhando de pouco em pouco
as tredas águas de sal
onduladas se enrolando,
em vagas que entoam um hino
de mistérios abissais...

Rede estendida ao sol
grossa gaze salitrada,
bandeira do seu império
da sua luta praieira.
Olha através das malhas
as velas dos barcos fora,

lá longe como esvoando,
sobre o dorso do oceano.
Asas brancas estendidas,
dos muitos que vêm voltando,
novos titãs mareando
peito aberto em desafio
ao risco mortal das frágulas,

retornando vencedores
dos elfos de imagens mil.

Pelas malhas que tecendo
vem o mar espumoso,
todo de ardências ornado,
nas ondas que se enleiam;
manto imenso, azul rendado
cobrindo o atro marinho;
as ondas dançam, se agitam,
trazendo nos seus borbulhos
o acre aroma das algas
e estranhas vozes saudosas...

Vai lutando, tecedor,
tece e rema, vai sofrendo,
quase, quase esmorecendo...
É o mar se poluindo,
é o peixe escasseando,
a rede se esvaziando
é quase o nada no tudo.

Tecedor teceu na rede
os sonhos que vê sumindo,
a vida ao vento esfriando,
a própria rede poindo,
o fim de tudo chegando,
o mar na praia bramando...
Quem salva o Homem da rede?

Editorial Pão & Passo

apresenta

**In/Sacando
a Poesia****Anita Costa Prado****Rogério Salgado****Lúcia Serra****Said Oliveira****Márcio Souza Andrade****Tânia Diniz****Mercedes Vasconcellos****Wilmar Silva**

Copyright: Dos autores

I. Título

Ilustração: Jussara Rocha/Perrone

CDC. 869.01

Composição a laser: Lúcia Serra

Reserva de direitos autorais em língua portuguesa, ou qualquer outro idioma, em favor dos editores.

Ficha Catalográfica
869.01**Editorial Pão & Passo**

PRADO, Anita Costa...

Caixa Postal 836

In/Sacando a poesia — Anita Costa Prado e outros — Editorial Pão & Passo — Belo Horizonte — 1993.

30161-970 Belo Horizonte — MG

1. Poesia brasileira

Agradecimentos:**Para Livia Tucci, por ter fornecido
a idéia original e Hélio Fábio por ter
entrado de cabeça no projeto.**

Anita Costa Prado

Laine

Ela diz que não presto
mas não sai da minha vida;
talvez por saber
que nesse mundo indigesto
ela é a preferida.

Pre conceito

O preconceito
é um ser maldito,
perdido no infinito,
com olhos de fogo,
calda de lobo
e o veneno da serpente.

Atos falhos

Para Rogério Salgado

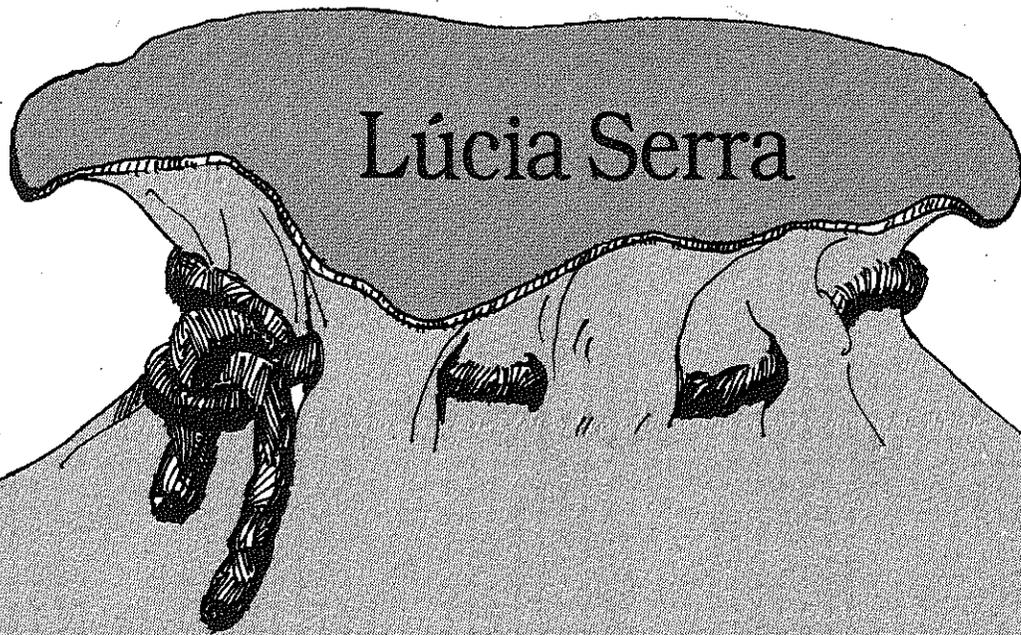
Lá em Minas
tem um menino
com cabelos grisalhos,
a transformar atos falhos
em poesia e prosa:
Lá em Minas
tem um guri,
com experiência madura,
vivendo, sem frescura
a tirar espinhos da rosa.

Musa engavetada

O poeta no escritório,
é peixe fora do aquário,
nesse martírio diário,
mas ele tem que trabalhar...
Chegando o fim do expediente,
se liberta d'agonia
e volta para a poesia
que se encontra engavetada.

(Poema classificado com menção honrosa no IV
Concurso Alternativo de Poesia/1992)

□ ANITA COSTA PRADO é paulistana formada pela Faculdade Campos Salles, na área contábil. Edita o "Zine Gospel", com teor cristão e antidrogas. Recebe correspondência no seguinte endereço: Rua Quirino Cardoso, 73 02563-120 São Paulo - SP



Lúcia Serra

Signo do Prazer

Madura raiz
rompe
túmida
a terra.
Segue
a tua sina
de ir-e-vir.
Violenta
em carícias
a geografia
que não se mostrou
insípida.
E elabora
(e sacia)
nela
o seu desejo
de seiva bruta.

Milagre

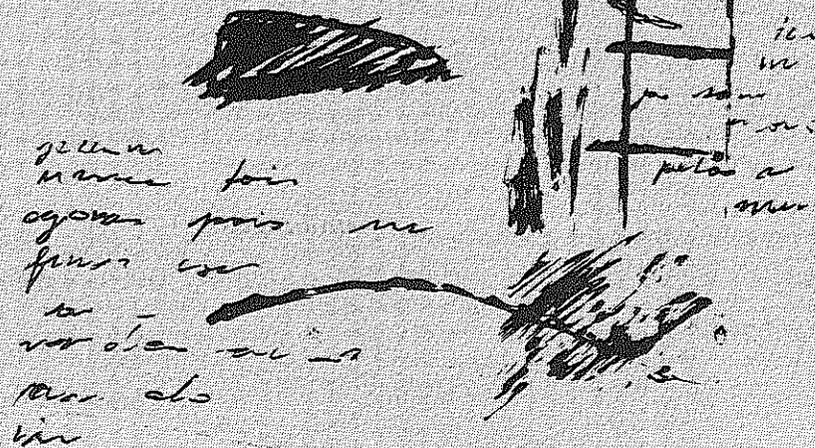
Tudo pode acontecer
em um piscar
de olhos:
o despencar desatendo
de uma estrela
ou o roçar
(des)percebido
de teus pêlos
na morena maciez
de minha pele.

Desatino

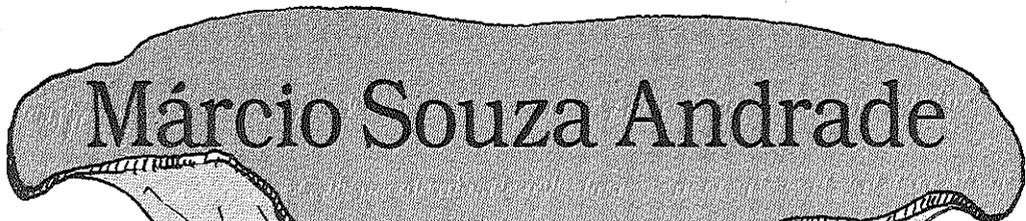
Desapareceu
de dentro dela
como uma estrela
que perdeu o brilho.
E como castigo
ela
tanto mais se ampliou
nele
(como delírio)
o que colore a fantasia
dos alucinados.

Miragem

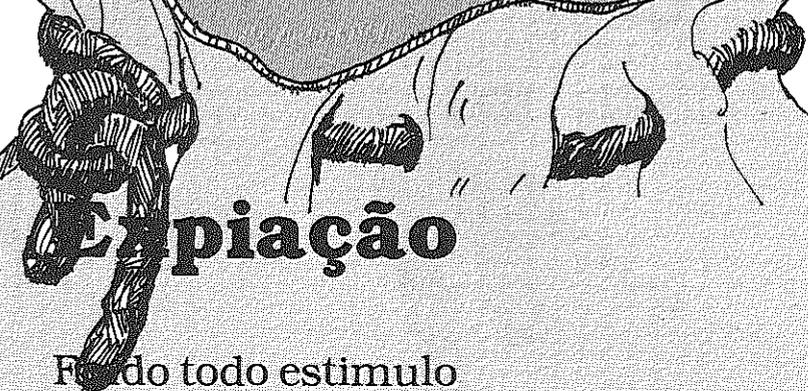
Viu o mar
e do sal
e do azul
retirou rutilante
o ver-de-ver
doce,
montanhas
(nasceu em Minas).



□ **LÚCIA SERRA** é natural de Lavras-MG, e reside há quinze anos em Belo Horizonte. Formou-se em Farmácia-Bioquímica, é pesquisadora da Fundação Ezequiel Dias e cursa o programa de doutorado pela Faculdade de engenharia de Alimentos, UNICAMP. É autora de "Caminhos do Corpo", seu livro de estreia (1993) e tem poemas publicados em revistas e jornais literários.



Márcio Souza Andrade



Expição

Foi do todo estímulo
que a vida doou,
resta-me o lápis
e meu pensamento íntimo.

Coma

Olho a morte
das coisas e
do mundo,
então lembro-me
do filho que
dorme em casa.

Certa importância

Somos emoção
ou simples fato,
somos a latitude
do ideal
ou a transparência
do assombro,
somos a virtude
pela mãe vida dada
ou apenas a convicção
de que não somos nada?...

Moldura

Tua incisiva pintura
inundou-me os olhos,
e das retinas rasgadas
procuro teu movimento.



☐ **MÁRCIO SOUZA ANDRADE**, nasceu em Belo Horizonte, onde reside. Estudou Letras. Possui vários trabalhos publicados por cooperativa no Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul e diversas menções honrosas. É membro correspondente da Academia de Poesias Raul De Leone — RJ e Casa do Poeta de Amparo — SP. Um dos autores do livro "Expresso Mineiro", edição esgotada.



Mercedez Vasconcellos

Café da manhã

O pão quentinho
o café fumegante
a mesa bem posta
e meu amor sorrindo
dizendo que é de mim
que ele mais gosta.

Relógio

O tic-tac
do relógio
enfeita
o silêncio
da madrugada.
A lua
escondida
parece
sorrir
da minha dor.

Desejo

Quero
ser poeta
por um dia,
para entender
porque
tanta luz
acompanha
a poesia!

Redes

No céu estrelas brilhantes
no mar o azul é profundo
nas árvores estão belas redes
com as quais sonha Mercedez!!!

☐ **MERCEDEZ VASCONCELLOS**, é autora dos livros de poesia, **Desejo e Busca** (esgotado) e **Transparência** (1991). Começou a escrever versos em 1986 e de lá pra cá, participou de várias antologias e revistas. Seus trabalhos são divulgados em jornais e alternativos diversos. Reside em São Paulo à Rua Abílio Soares, 537, aptº 71 e o CEP para quem quiser lhe escrever é 04005-002.

Rogério Salgado Said Oliveira

Quadrinha ridícula de rima fácil

Tudo me fascina
se a poesia alucina.
Tudo me diverte
se de amor, o coração
derrete.

Meio termo

- Entre o ser lúcido
e o ser pirado
pô, Baby
prefiro ser inspirado!

Itinerante

Quais de vós
ruas e avenidas
repletas de luas amarelas
me viram passar
levado por ônibus
nos caminhos
da labuta ou do descansar

Letras

Nas letras elaboram-se
e às palavras transformam-se.
Dão formas e normas
que cobrem os pecados.
Por mais que se lembrem.
Não saem os recados.

□ **ROGÉRIO SALGADO** é natural de Campos dos Goytacazes-RJ. Iniciou-se na literatura em 1975, escrevendo poesia. Um dos fundadores da extinta Editora Arte Quintal e do Sindicato dos Escritores de Minas Gerais. Premiado em concursos literários nacionais, tem trabalhos publicados em jornais e revistas do país, além do "Brazilian Times" e da revista "selected Writings" dos Estados Unidos da América, e "Arboleda", da Espanha. É autor de vários livros, sendo os mais importantes, "Jesus Cristo Cego" (1987) e "Meu romance com Greta Garbo" (1993).

□ **SAID OLIVEIRA**, ou Benedito de Oliveira Said é natural de Alcobaça-BA. Reside em Belo Horizonte desde 1952.

Descoberto por Affonso Romano de Sant'ana, numa entrevista para o extinto jornal **Binômio**, hoje é autor teatral, escritor, poeta e jornalista, tendo publicado três livros: **Seguimento** (1986), **ABC de BH** (1987), e **A/Penas Dois** (1992), em co-autoria com Rogério Salgado.

**Tânia Diniz
Wilmar Silva**

Vivência

Se eu murmurar em teus ouvidos
os duros dias que vivo
verás que minha vida é delirar
com o sertão que me acode
se eu murmurar em teus ouvidos
a chuva que meu corpo molhou
encharcou minha alma e estancou
verás a vida que talho

Meu amor tece teias
e mais que peias
liberam terras alheias.

Min(h)as
saudades sem mar
cheiro antigo, goiaba,
calda,
doce de figo...

Vestida de vento e aconchego.
Penetrou-a alma e segredos,
íntima poesia. Foram-se os
medos...

Solidão

Que solidão brava
eu levo no peito
rajada em negro
ela me apavora

Que solidão brava
guarda meu coração
misturado de gelo
ele me sufoca

Que solidão brava
apazíguo aqui
rodeado de ermos
e uma pedra campal

Que solidão brava
herdei de mim
por mais que fuja
não há caminhos.

□ **TÂNIA DINIZ**, Dorcas do Indaiá-MG. Reside em Belo Horizonte-MG. Formada em Letras pela UFMG. Livro de estreia, "O Mágico de Nós", de contos curtos, pela Editora Arte Quintal, 1988. 2ª edição, 1989. Editora-fundadora do Mural Poético "Mulheres Emergentes" — O sensual em cartaz. Segundo trabalho editado: "Mulher EmBalada" — Pacote Poético — Poesia em Pacotinhos, 1992.

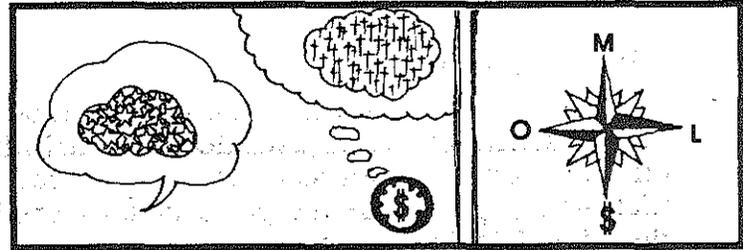
□ **WILMAR SILVA**, é natural de Rio Paranaíba-MG, foi criado em Ibiá-MG, terra que ama como ali nascido fosse. Vencedor de vários festivais por este País afora. Foi selecionado por Olga Savary para compor a **Antologia da Nova Poesia Brasileira**, editada pela Fundação Rio e Editora Hipocampo. Tem três livros publicados: **Lágrimas & Orgasmos**, em co-autoria com Roberto Natalino (1986), **Águas Selvagens** (1990) e **Dissonâncias** (1993).

Rendição em Massa



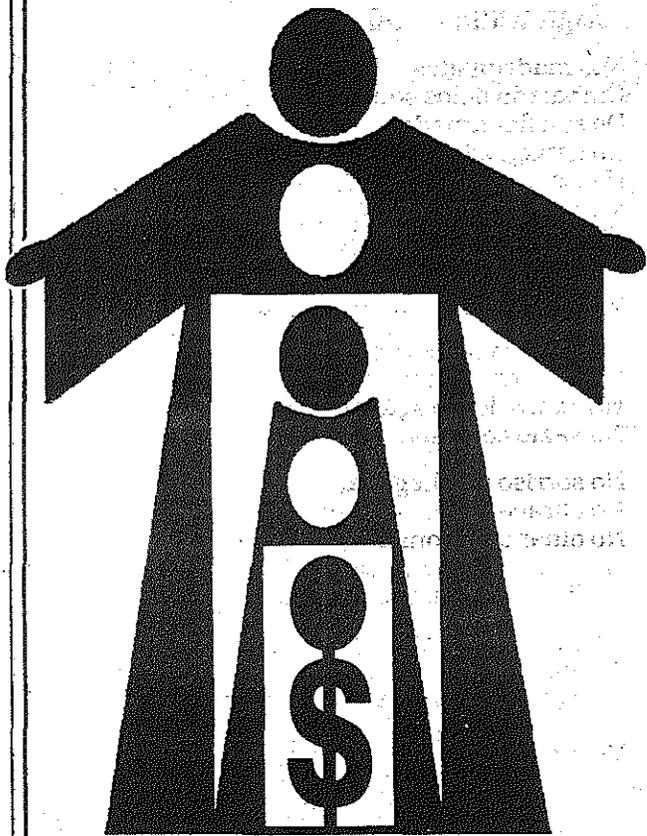
Hugo Pontes

Morte/Sul — 1974



Álvaro de Sá

Roma



Omar Pereira

Poemas Visuais

ET

ET ET ET ET ET ET	ET ET ET	ET
ET ET ET	ET ET ET	ET
ET ET ET	ET ET ET	ET
ET ET ET ET ET	ET ET ET	ET
ET ET ET	ET ET ET	ET
ET ET ET	ET ET ET	ET
ET ET ET ET ET ET	ET ET ET ET ET ET	ET

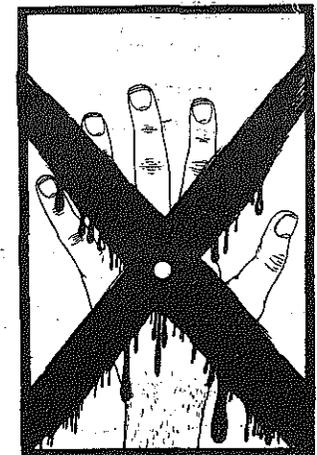
ET ET ET ET ET ET	ET ET ET	ET
ET ET ET ET	ET ET ET	ET
ET ET ET ET	ET ET ET	ET
ET ET ET ET	ET ET ET	ET
ET ET ET ET	ET ET ET	ET
ET ET ET ET	ET ET ET	ET
ET ET ET ET	ET ET ET ET ET ET	ET

Perrone
1994

SOLIDÃO

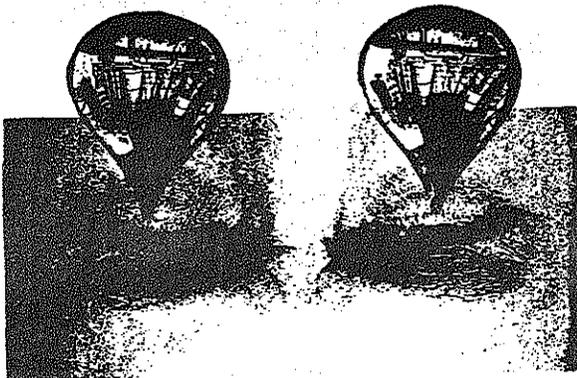
JC Quinto

Contramão



Marciel Belarmino Bezerra

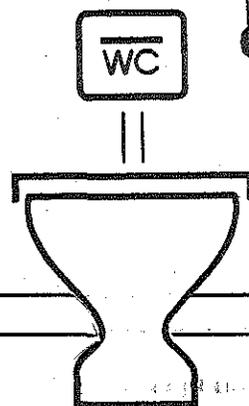
Eco



Hugo Pontes

Joaquim Branco
1994

PRIVATIZAR



Chuva em Angra I



Omar Pereira

D i v e r s o s . . .

Poeta é poeta!

Alma cosmopolita onde metabolizam-se todos os sentimentos do mundo num turbilhão em permanente efervescência silenciosa de idéias e imagens, poeta é por si só a diversidade enigmática do universo.

Diríamos até: o próprio universo estratificado em lavas de emoções. Em lavas de seduções.

Ser diferente. Anjos, diziam os barracos! Argonautas sem escafandros, diriam os par-

nasianos. Respingos reluzentes do orvalho, alegariam os simbolistas. Pão, pão, queijo, queijo, pretenderiam arrogantes os concretistas. Nada, confessariam sordidamente os dadaístas.

Poeta tem definição? Perguntariam os surrealistas.

Um ser diverso que traz em si o mistério de todos os lugares unguídos pelas pinceladas furtivas de todos os tempos—sentenciária o lábula em sua linguagem arcaica e grandiloquente.

Ei-los.....

A Flor do Poeta

□ Hélio Araújo
BsB/94

Um tanto carne,
Um tanto pétala,
Um pouco beleza,
Um pouco perfume,
Causando ciúme,
Ainda menina.
Pequeno botão
Causando amores,
Como dos colibris,
São todas as flores.
E do poeta?
Fina flor mulher
O desejo meigamente desperta.
Afaga a alma,
Implode o peito,
Inibe a coragem
No pequeno sonho desfeito.
Surge o dia:
Cruel,
Arredio, um tanto,
Sorradeira,
Intrometida, a luz, chega primeiro.
Quebrando o clima,
Matando a rima,
Desabrochando mais
A flor do poeta.



Balada/poeta/poesia

□ Odair Ribeiro
Jaguaruna — SC

Nas madrugadas
Embalado pelos sonhos
De sua flor amada
No coração do poeta
Nasce a eterna balada.

A balada vem do improvisado
sem um aviso
Nasce na tristeza
Vem também com um sorriso.

Na tristeza da partida
No lamento do amor perdido
No choro do coração ferido
No vazio corrosivo da vida.

No sorriso da chegada,
No abraço forte, apertado
No olhar apaixonado
No beijo com gosto de saudade
No ficar unidos, única vontade.

Assim nascem as baladas
As poesias, os poetas
Nascem nas ruas nuas, incertas
Nas horas e noites frias
Vem o acaimento, poetas, poesias.

“Poeta do nada”

□ Maria Matos Salvador-BA

Como provar que sou poeta
Se meus versos digo ao tempo
As rimas brotam de dentro
As letras falam de amor

Como provar que sou poeta
Se o leitor não me ler
Não me ouve não me ver
existo só para você

Digo versos ao deserto
Como quem prega ao vento
Aí quando desperto
Estou só na multidão

O eco da minha voz
Se choca contra o nada
Como desesperada
Me abraço com a solidão

D i v e r s o s . . .

VÔO

O vôo do Pássaro Sagrado
Ainda dói em minha retina

Queria viver ao seu lado
(Mas eu vivo às escondidas)

Sonhar deve ser um estrago
Como mau uso de purpurina

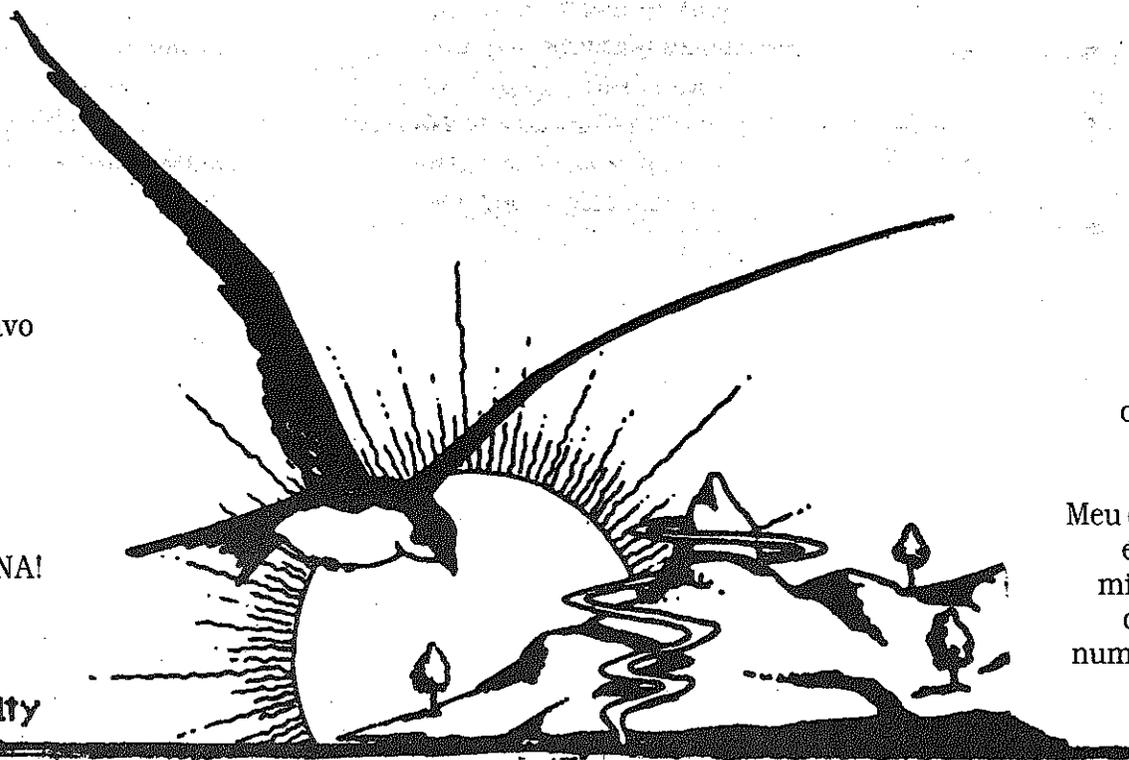
Amor é um desejo — como um Favo
Pode ser palco-íris ou ruína

O vôo do Pássaro Sagrado
A minha Alma Nau ilumina

Posso não morrer ao seu lado
MAS — O AMOR NUNCA TERMINA!

■ **Silas Corrêa Leite**

Miguel J. Malty



Pássaro de fogo

De poesia em poesia
vou embalando o sonho.
A loucura do momento
grita o silêncio parado
cheirando a mata cerrada
no pio profético
do pássaro de fogo!

Eu não busco, com idéias
ou atitudes circunspectas,
seduzir o mundo:

Meu compromisso do dia-a-dia
é com a rosa e as crianças;
minha paixão é um arco-íris
que viaja de ponta a ponta
num céu molhado de espanto.

□ **Teresinka Pereira**

Mais que tudo é preciso cantar em Nova Iorque

A David Junker

E, de repente,
nós mesmos,
nos envolvemos
num súbito
e pertinaz
desafio,
ao comando
de um Davi:
— É preciso cantar
em Nova Iorque...
Cantar,
pelas folhas de relva,
na terra de Walt Whitman,
assim que chegar
a primavera
e se fizer,
de novo,
florescer
em amarelo,
todo o Central Park...
Cantar,
pelo West Side,
pelo East River,
pelo Harlem
e pelo Bronx.
Cantar,
pela Nova Iorque,
coberta de neve,
suja de lama
e cercada de arame.
Cantar,
pela Nova Iorque
do medo,
da solidão
e da morte.
Cantar,

pela irreverência
do belo,
pela consistência
do amor
pela onisciência
da cor,
por Emily Dickinson,
que se lembrou
das mariposas
que assombram
velas,
no Brasil,
por Saint Patrick
pela rosa
púrpura,
estiolada,
que ainda sabe
repartir alegria
sobre os telhados,
viadutos
ou pontes.
Cantar
o Gloria,
de John Rutter,
laudamus te,
benedicimus te,
adoramus te
glorificamus te,
gratias,
gratias,
gratias.
Cantar
o doce
mistério
da missa,
de requiem,

de José Mauricio,
um brasileiro,
negro,
que nunca fora
ouvido
ou discriminado,
antes,
por estas bandas,
que ficam,
além da violência
policial,
às margens
do Hudson.
Cantar,
pela multidão
de negros,
de olhos vazados
e contristados,
entoando
os spirituals
ante
as incertezas
de seu mundo
segregado.
Cantar,
pelos judeus,
pelos palestinos,
pelos latinos,
por Tony
e por Maria,
por Bernardo
e por Anita,
somewhere,
somewhere,
somewhere...
Cantar,

pelos esquálidos
moribundos
das sarjetas,
pelas crianças
abandonadas
e assassinadas
nos dois Países.
Cantar,
pelo fauno de mármore,
pela luz de agosto,
pelas vinhas da ira,
pelo caixeiro viajante,
after the fall,
pelo anjo de pedra,
por John Ford,
por Wells,
por Wyler,
por Carmem Miranda
por Vivien Leigh,
por Montgomery Clift,
por Langston Hughes,
por Eliot,
waste land,
por Lennon
e pelo sonho
que não acabou
yesterday.
Cantar,
pelos sinos
da Philadelphia,
for Pop Art,
for Pop Music,
for Perceptual,
Minimalist
and
Post-Minimalist

Painting,
por Frank Lloyd Wright
e pela arquitetura atual.
Cantar
na chuva,
no gelo,
na ONU,
na Wall Street,
na Fifth Avenue,
no Carnegie Hall,
no Rockefeller Center...
Cantar,
cantar,
cantar,
por Vinicius,
pela garota de Ipanema,
pela poesia
porque mais que tudo
é preciso
cantar,
cantando
cantar,
cantando
ô
ô
ô b (bemol)

**Reynaldo
Domingos
Ferreira
BSB/94**

D i v e r s o s . . .

O Segredo

□ Edson Brasil

Não chore pela morte deste homem
Pois ele viveu, amou e foi feliz
Pois na vida nada se acaba ou some
E sábio daquele que crê no que diz

Feliz daquele que foi uma criança adulta
Feliz daquele que amou uma adulta criança
Infeliz daquele que nunca muda sua conduta
Infeliz daquele que nunca teve esperança

Bem aventurado aquele que saboreou humildade
Bem aventurado aquele que beija a mão agressora
Bem aventurado aquele que ainda sente saudades

Bem aventurado aquele que rejeita ação opressora
Sábio daquele que sempre usou o coração
Sábio daquele que amou sem esperar gratidão.



VESTÍGIO

□ Xiko Mendes

Nem tudo está esquecido
Se existir um pouco de nós
Em mim, em você, no amigo
Que sente, pensa, fala consigo:
— Jamais ficaremos sós!!!!

Se nem tudo esquecido está,
Queremos que fique um pouco
De nós, no sorriso e no olhar;
No jeito de sentir e pensar;
Nas lágrimas que inundam o rosto.

Tudo nem está esquecido agora,
Caso reconhecemos na gente
Um pouco de nós outrora
Quando, no despertar da aurora,
Lembrávamos do amigo ausente.

Um pouco de nós permanece
Vivo em nossas reminiscências
Porque a amizade não envelhece
Nem o amigo real se esquece
Que alguém existe, mesmo na ausência.

Nem tudo está esquecido
Se colocarmos nos corações
Um pouco de mim, você, do amigo;
Se deixarmos o passado retido
Como reflexo das recordações.

Um pouco de nós existe
Sem ser esquecido na vida
Porque nossa amizade resiste
E, diante do adeus, persiste
Confraternizando a despedida.

Se um pouco de nós, realmente,
Continua existindo no amigo,
Felicitamos todos, amistosamente:
Que não morra a amizade da gente
NEM TUDO FIQUE ESQUECIDO!!!!!!!!!!

Francisco da paz Mendes de Sousa
Av. Independência: Q,16; C,15;
Fone: 389-6630;
Cep-73320/160; Planaltina-DF.

Forte Rocha

□ Jurcimá Soares.

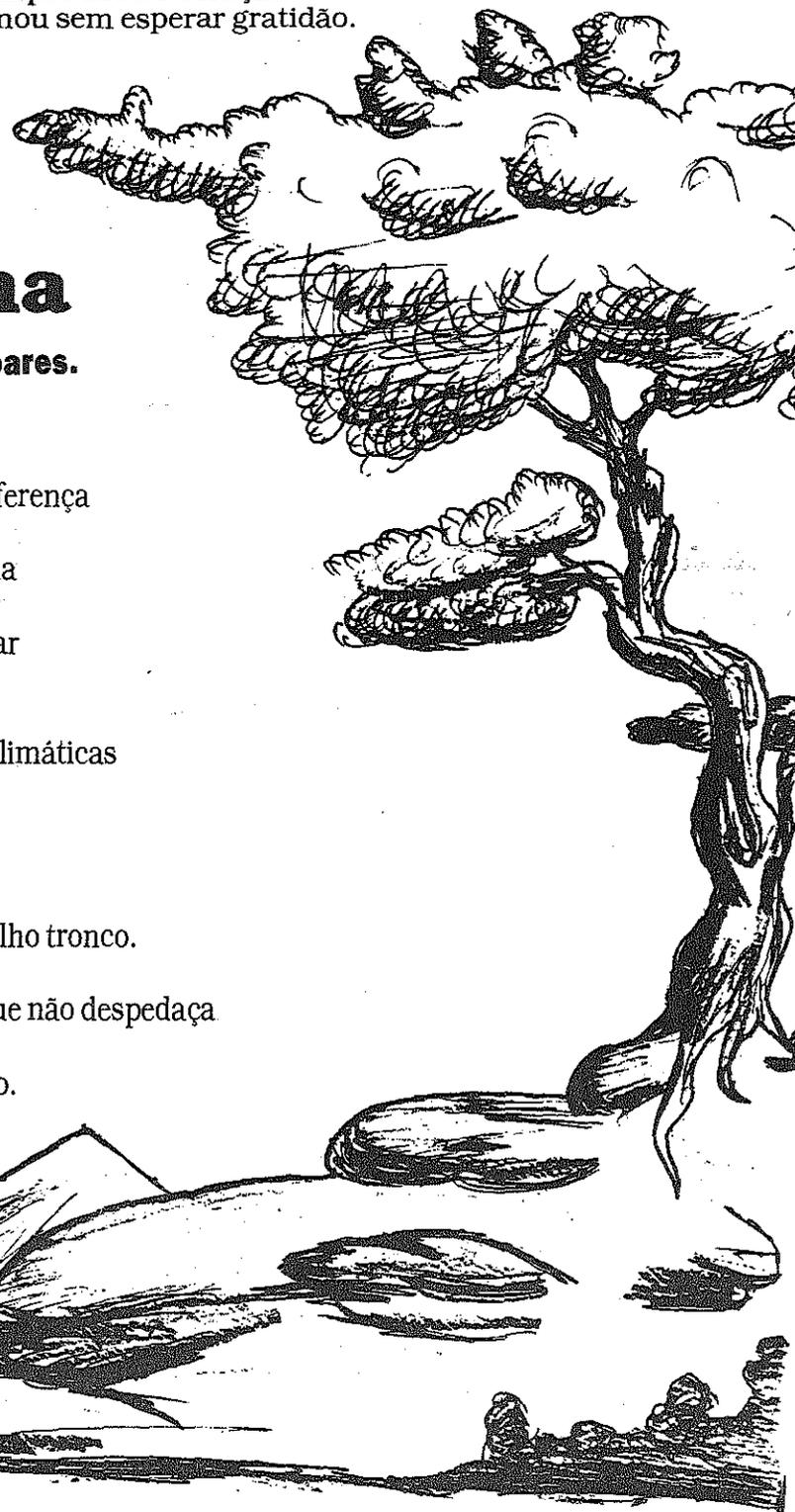
Entre as folhas, caídas
no chão infértil, cheio de erosão
de tantos abalos, nem mesmo fez diferença

pelo riacho, que parou de correr água
dos paturis que não têm onde nadar
das verdes ramagens que veio a secar

De ventos e chuvas
de sol e calor, de tantas mudanças climáticas
sem reclamar, resiste sem dor

A tua beleza traz encanto
aos olhos de quem te vê
a tua força resiste a escora de um velho tronco.

És a luz que não se apaga, a parte que não despedaça
És bela e formosa, doce e cheirosa
És a forte rocha que resiste ao tempo.



Div a Cunha

eu tão entupida de palavras
ele do silêncio-tão vestido

eu tão pouco serena nos gestos
ele nos gestos tão contido

belo casal!
ele não é o bem
eu não sou o mal

felizmente sou
louca
cega, surda e mouca
aos punhais que batem
em minha porta

a noite é baixa
se abaixa sobre muros
aturdida
eu e o escuro

felizmente alucinada
vagueio indócil pela
via láctea
desta estrada esburacada

pouco me importa o frio
o breu lá fora
e as espadas que cortam
sem cessar

porque, felizmente
tão louca entrego a
minha boca
ao 1º bar.

Preciso urgente de panos
e vassouras essas telhas
porque voraz é o trabalho
das aranhas e outros insetos
que não vemos, escrevendo
incessantemente nos
espaços
vagos um discurso que
os olhos inquisidores
depressa nomearão
de sujeira e descuido
desta dona de casa
que só pensa em versos
e enxerga beleza
no que não existe

Não posso tirar poesia do nada
como quem cutuca as estrelas
vendo escorrer lento o leite
das horas
antes afago os cantos do juízo
num murmúrio infindo
para que ocorram os fantasmas
e o choque rápido de uma
saia levantada

passam navios a minha porta
agitados por ondas azuis de impaciência
saio aflita e arranho as paredes
com a inexata doçura da ciência
de que fazer versos é o melhor
exercício
para o meu cio

Limpo
a boca na barra
da saia
deixando
o dia
escorrer
leve
na fadiga
das palavras

pela manhã a pressa
livrou-me da poesia
com os artelhos contraídos
três ou quatro atentados
fiz em versos

atirador de pouco prumo
minha seta bêbada
o vento leva

Que despropósito,
uma agenda cheia de pássaros
numa manhã de obrigações!

gabou-se
quem faria isso por ele
(além de mim)
com tanto amor
e humildade

dever (digo) e não amedronta a face
a frieza dos gestos
que as palavras desvelam

eu não (penso), nem um minuto daria,
quem tiver seus excrementos
que cuspa no chão com os dentes

mais tarde a cara do amor
abre a porta
o pijama bem disposto
o lençol liso
o cheiro limpo.

agora, dorme
o rosto (no porto) sossegado
cumprida a sua parte
nas bandeiras arriadas

o amor tem destas coisas

A palavra estampada

Solenemente lavei as calcinhas
vendo subir dos dedos
estrelas de sabão
para o ralo vão:
o cheiro de sexo ardido
e a noite mal dormida
de costas para os homens

□ **Div a Maria Cunha Pereira de Macedo** é professora aposentada de Literatura Portuguesa (Departamento de Letras do UFRN), com mestrado em Literatura Portuguesa pela PUC do Rio de Janeiro, 1978. Publicou os seguintes livros: "D. Sebastião: a metáfora de uma espera", Ed. Universitária, 1979, e "Canto de Página" — Poesias —, Ed. Clima, 1986.

Vive em Natal, pois é viciada no seu chão de origem. Tem dois filhos, Antônio e Ana Cecília, e um amigo do peito e das horas difíceis, Ary Ramalho.

Há uma frase no livro de Salmos: "os homens fazem os pecados só para demonstrarem ao Pai que são pecadores". Faz tempo que li. Minha memória é tão fina quanto aquelas antigas lâminas de barbear. Mas tem a dureza do aço e nela foi fixada uma mensagem dos sábios herméticos: "Deus é uma esfera infinita, cujo centro está em toda parte, e a circunferência em parte alguma". Logo, penso, eu sou o centro do universo. Assim existo, estupidamente, mas existo. Contudo pensar não basta. E o tempo é pouco. E não levo jeito para crer em Deus; no Diabo, religiões, essas estrábicas invencionices humanas, justificativa para o sofrer e também o rir. O centro — o ponto divino — está em toda parte e dentro dele, mesmo que não creia, existe Deus e a pergunta que busco. Algumas pessoas passaram a vida inteira, como baratas, em busca de respostas. A mim, por um acaso, uma troça do que chamam destino, foi entregue a missão de fazer a pergunta certa.

Os magos da Babilônia disseram em manuscritos lancinantes que se for feita a pergunta correta Deus responderá, e quem a fez se tornará também Deus. Isto me faz lembrar um conto de Borges: um prisioneiro encontra a chave, a forma de contactar com Deus, e se torna ele, também Deus, e livre. Todavia, eu não acredito em contos. Minha mente é cartesiana: e o que não couber nessas lâminas de microscópio, nesses tubos de ensaio, não me serve. Afaste-me de mim o cálice embriagante do misticismo. Eu sou real.

Um amigo, estudioso

dos costumes do Oriente, lembra, fascinado, que Brahma o não-manifestado e também manifestado, morre e nasce todo dia, embora ele, meu amigo, não compreenda como isso acontece. "Brahma gera outro Brahma, que gera outro Brahma, que gera outro Brahma..." A cadeia é infinita. Por que isso? Por que esse canibalismo cósmico? Pergunto. E ele diz: "sei lá, talvez para manter o mundo em movimento.

No dia em que Brahma deixar de gerar Brahma tudo pára e nada mais vai existir, acabando a dança do negro para o claro, do salgado para o doce, da noite para o dia".

Quando ele contou sobre essas gerações infinitas de

□ Dioclécio Luz



Brahma, eu lembrei de um outro Deus, Cronos, o tempo, devorando seus filhos. Faminto, feito de um apetite montanhoso, não deixa que eles sobrevivam. É anti-Brahma? Cronos, ou Saturno, o oposto de Brahma? Não tenho resposta. E, afinal, que pode haver de similar entre um Deus gerador de si mesmo e outro devorador de seus filhos?

Os deuses têm todo o tempo do mundo. Não é o meu caso. O Departamento de Defesa mandou há pouco o centésimo quarto comunicado: "o prazo está esgotando, o senhor só tem 30 minutos".

Eram 30 dias, agora são só 30 ácidos e monótonos minutos. Pedem-se que

use telefone, telex, videofone, qualquer uma de nossas parafernâlias eletrônicas. "Responda. Com urgência".

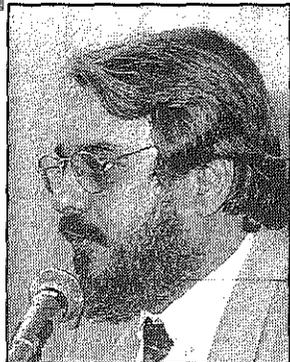
Alguém espera por mim. Uma nave-sonda de outro planeta, algo que não sente, não imagina a dor de parir uma pergunta, ou as perguntas, solução de todos os nossos problemas. Ou não. Essa panacéia sou eu quem invento. Busco a pergunta certa.

Agora que estou me perdendo é interessante fazer o registro da história de forma correta. Minha memória é rasa, insisto. Deixe-me contar-lhe como tudo começou.

Os primeiros contatos foram feitos há cinco anos e mantidos em segredo até há pouco. A nave se aproximava da terra emitindo sinais em código que foram decifrados facilmente. Foi enviada de um planeta distante 50 anos daqui, onde existe uma civilização superavançada. A tecnologia deles não lida mais com o atrito, a inércia; as teorias da relatividade de Einstein são ensinadas no curso primário, ou algo equivalente. São capazes de viajar à velocidade acima da luz; descobriram ligas praticamente incorrosíveis e super-resistentes à tração e ao impacto.

Nossos engenheiros celebraram o contato. Em êxtase imaginaram o salto tecnológico que dariamos. Enquanto isso, os religiosos da terra — gente de todos os credos e simpatias, os vários sabores da fé — foram pegos no contrapasso da história. Porque estes ouviram quando nas televisões de todo o planeta foi divulgado (não era

Nossos espaços culturais abandonados



Carlos

Alberto - PPS

A ausência de uma política de dinamização dos espaços culturais do Distrito Federal nos últimos anos tem apenas contribuído para o sucateamento desses locais e deixado o mundo da cultura desprestigiado e humilhado. Os 23 espaços ligados à Fundação Cultural estão abandonados hoje porque o atual governo, de propósito, está deixando que os mesmos morram à mingua, já que sua política administrativa só abrange a simples distribuição de lotes e a construção de um metrô que vem consumindo

todos os recursos públicos. Não somos contra os assentamentos populacionais e muito menos desfavoráveis à melhoria do serviço de transporte. Mas a maneira como essas obras vêm sendo feitas, em detrimento da educação, da cultura e da saúde, coloca em risco a qualidade de vida do Distrito Federal.

E o setor cultural, já tão desprestigiado em todo o País, fica em situação de penúria nunca vista no Distrito Federal. Senão vejamos. A Concha Acústica, o Gran Circo

Lar, a Sala Funarte e o Teatro da Praça (em Taguatinga) não funcionam há mais de dois anos. O Teatro Nacional, fica a maior parte do ano ocioso. A consciência mais alta dessa sociedade busca alternativas renovadoras para o Distrito Federal. Dela fazem parte os trabalhadores organizados, os cidadãos indignados com a deterioração dos serviços públicos, a juventude desempregada, a parte do empresariado que se sente traída e os segmentos culturais. Em breve, daremos um basta nisso tudo.

para ser assim, mas houve um descuido e a notícia do contato, que era secreta, acabou vazando) o segundo teor das mensagens. Eles perceberam, enquanto tentavam impedir o ruína de seus templos, a dispersão dos fiéis, a extinção dos rituais, a notícia pavorosa: em algum lugar desse universo havia uma civilização sem dúvidas teológicas. Diante dela nossas religiões, mesmo as que se diziam modernas ou modernizadas, prenes de intelectualismo e enfeitadas mais recentemente dos melhores condimentos da lógica, tornavam-se rudimentares, atrasadas, burras. Foi como se Deus tivesse mandado um emissário, um querubim, que jogava no lixo todas as formas existentes de se pensar nele.

Quando tudo isso veio à tona — e não faz ainda um ano — místicos sugeriram a idolatria ao enviado de Deus. Outros, fanáticos, preocupados com a areia movediça em que se tornara o antigo concreto onde fora fundada sua religião, exigiram do Governo o bombardeamento da nave, certamente uma enviada dos administradores do Hades. Felizmente — não para mim — o Departamento de Defesa deu crédito aos cientistas e tentou iniciar um diálogo com os seres do planeta Argus, localizado na galáxia de Andrômeda.

Em noites de poucas nuvens e quando a lua não é cheia é possível ver Andrômeda, nossa galáxia vizinha, a 2 milhões de anos-luz. Sei que lá existe um planeta Argus onde as pessoas não se preocupam mais com sua origem, com rezas, rituais, padres, pastores e gurus; lá os instrumentos são sofisticados e permitem invadir o micro e o macrocosmo sem traumas (assim eles sabem de nossa existência há milhares de anos); seus felizes habitantes não têm problemas de saúde.

Para romper essa distância para mim infinita, 2 milhões de anos-luz, de Andrômeda até nossa vista arcaica, a nave-sonda gastou só 50 anos. Os cientistas estão intrigados com a capacidade tecnológica dos seres de Argus. O Departamento de Defesa considerou até a possibilidade de capturar a sonda, para aprender seus segredos. Como eles conseguem viajar tão rápido? De que são



feitos os circuitos que comandam o aparelho? Talvez organo-eletrônicos como mostra a tendência atual de nossa primitiva tecnologia... É difícil imaginar. Eles estão bem avançados de nosso tempo.

São 50 anos para ir e mais 50 anos para voltar. Não estarei vivo quando tiver a resposta. Nenhum de nós do Departamento de Defesa estará aqui para celebrar a solução de nossos miseráveis problemas terráqueos. Deram-me a incumbência de fazer esta pergunta, só uma. E não sei... O tempo pulveriza-se à minha frente, diante de meus olhos vermelhos, entre as estrelas deste céu pintado de negro e salpicado de vaga-lumes. O tempo é o meu Cão, meu sumidouro. Ei, Deus, acorda de seu eterno dormir e conta-me como fazer para que o tempo não passe e eu sobreviva para ter a resposta à pergunta que vou fazer!

Em trinta dias busquei nas mais diversas fontes o foco de nossas dores. Revi os últimos avanços da medicina e da metalurgia, onde a melancolia da indústria constrói máquinas e homens sem muita distinção. Eu, que estava perdido, tive a luz: eles devem saber como eliminar esta doença que assola todo nosso planeta, matando crianças e velhos. Sim, pergunto: "senhores de Argus, nós, terráqueos, queremos saber qual a maneira de pôr fim a essa

terrível doença, sem cura para nossa moderna ciência?". Não. E bobagem. Em 100 anos nós já teremos a solução. Outros males terão brotado e se instalado entre nós em um século. Vou mais adiante, portanto: "senhores de Argus, gratos por terem vindo; indago aos sábios, qual o produto, como se faz a panacéia que dará fim a todos os males da saúde?" Pergunto como se crese numa verdade absoluta. O que é falso. Lembro das palavras do Kabaylon hermético: "os opostos são idênticos em sua natureza, diferem apenas em grau; os extremos se tocam; todas as verdades não passam de meias verdades; todas as contradições podem ser harmonizadas". Talvez devesse buscar uma resposta mais transcendente: "Diga-me, a morte, o que existe além da vida?" E me vem, sutil, uma quarta questão: "senhores de Argus, somos tão estúpidos quanto parecemos ao acreditar que os senhores têm a resposta à pergunta tola que faríamos?"

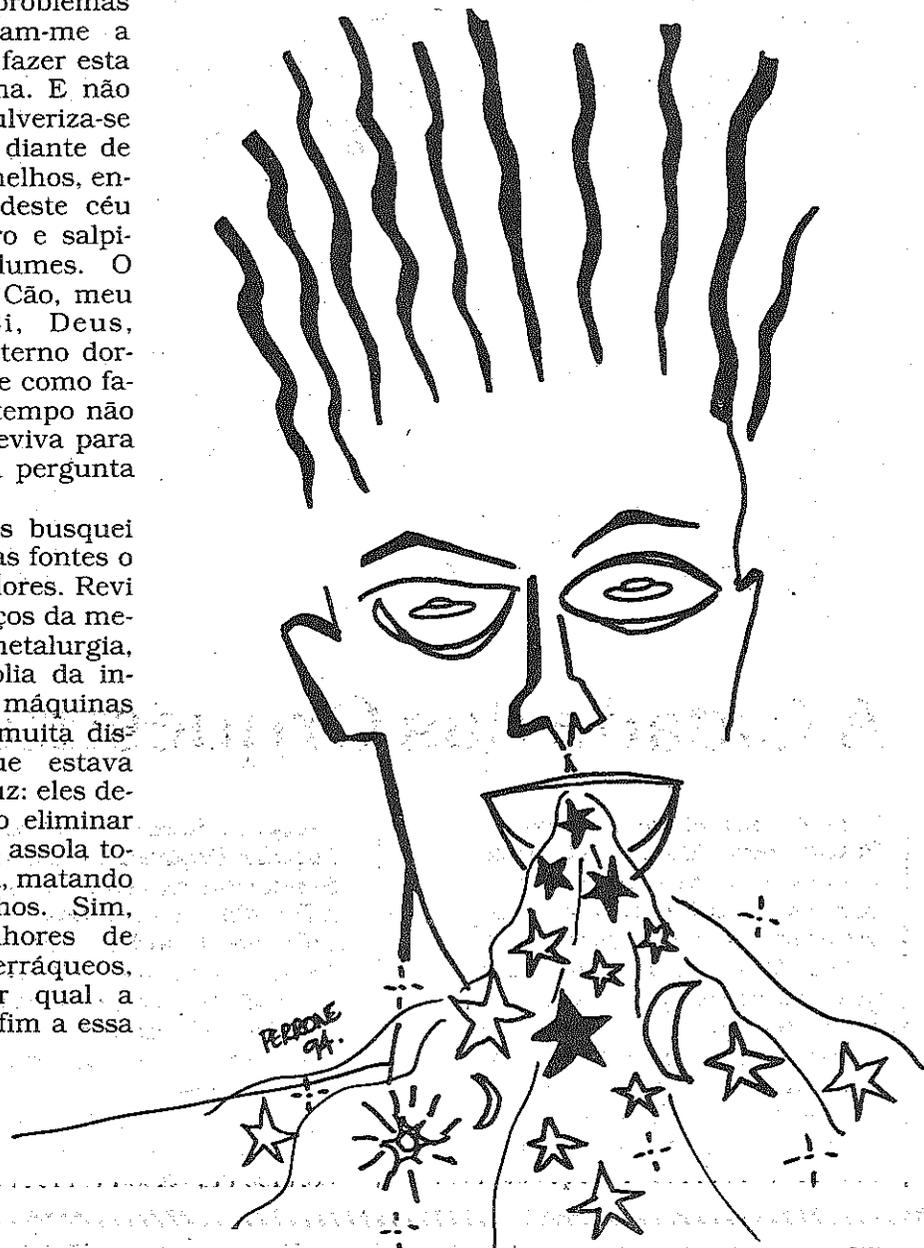
O Departamento de Defesa também cogitou — num de seus dias de mais elevada inspiração maligna — acoplar à nave de Argus uma de nossas sondas. Levaria um robô ou um dos nossos astronautas no bojo de uma pequena cápsula, engatada à viajante interplanetária. O idiota que tramou essa jogada não previu que qualquer coisa que fosse acoplada à nave de Argus não suportaria a viagem, nossa tecnologia ainda não está preparada para suportar as altíssimas velocidades e as mudanças de temperatura.

Um dos dirigentes do Departamento de Defesa, um cientista extremamente considerado nos meios acadêmicos, ficou alucinado com a possibilidade de colocarmos nossa bandeira na distante Argus. O efeito seria impressionante, uma bandeira fincada num planeta a 2 milhões de anos-luz da terra. Símbolo do nosso poder. Mesmo que ainda demoremos mais de mil anos para chegar lá, câmaras de vídeo transmitiriam hoje a imagem de uma bandeira de nossa pátria estendida nos confins do universo; onde, parece, mora Deus. Em-

bragado com a possibilidade de tomar posse de mais um ponto do universo, o sábio demorou quase 30 minutos para perceber o óbvio: mesmo que a bandeira fosse içada em Argus, nem ele nem outro de nós estaria vivo quando as imagens, viajando à velocidade da luz, chegassem aqui. Não existimos no futuro...

Dominar é da essência da raça humana. A primeira premência do ser é alimentar-se; a segunda, procriar (hoje graças aos modernos programas de controle de natalidade, colocada em segundo plano); a terceira é essa vontade de tomar posse, dominar objetos ou territórios. Constatado que não evoluímos muito nisso. Mesmo que o passado queira nos ensinar. O melancólico fim dos Estados Unidos, há menos de 50 anos, pulverizando-se enquanto povo e nação em milhares de guetos de miséria, norteados por grupos de empresários exilados bem além das antigas fronteiras americanas, não alterou nossa conduta. Continuamos mortais sedentos de domínio.

Tínhamos as lições do passado e elas não foram estudadas. A conquista da lua, depois de uma disputa com a União Soviética, com risco de vida para os estúpidos astronautas que comandavam a nave Colúmbia, foi um exemplo histórico de aventureira conquista, um falso ato de heroísmo. Foi, na verdade, isto sim, pirataria espacial com sabor de aventura e, portanto, magia, que não resultou em nada. Quando o módulo lunar, batizado de Eagle — águia, ave de rapina, símbolo da nação morta — decolou da superfície lunar no dia seguinte ao pouso, isto é, 21 de julho de 1969, deixou sobre as areias prateadas do nosso satélite uma placa onde pretensiosamente estava escrito: "Aqui homens do planeta terra puseram os pés na lua pela primeira vez. Viemos em paz para toda a humanidade". Falavam em paz porque o termo camuflava os negócios da guerra, uma poderosa indústria de armamentos em franca expansão. Os dois solitários astronautas tiveram trabalho em fixar no solo lunar a bandeira americana, diante de câmaras que transmitiam para todo mundo. A humanidade se regozijou com o feito dos





heróis. Mas assim que eles tomaram o "Eagle", retornando à nave Colúmbia, a bandeira americana tombou no solo lunar! Onde não havia ventos, nem pássaros, nem chuvas... uma bandeira cai na poeira; ali listras e estrelas não valiam mais nada. O grande marco de conquista sucumbia. A lua voltava a ficar sem dono.

Meus olhos agora se perdem, vagos, míopes, entre as nuvens que começam a fechar o céu; buscam possíveis terras, planetas, sóis, que poderíamos conquistar. Volta em mim esse divino desejo de conquista. Argus é longe, há outros planetas que merecem receber nossa civilização. Finquemos bandeiras no espaço, nas terras distantes. Vamos mostrar que nossa tecnologia é melhor que a de Vernônia, aquele país de ideologia decadente, nosso inimigo na Câmara das Nações.

Ah, mas o que falo me parece tão estúpido. Ao lembrar que um mensa-

geiro sideral espera meu bilhete no futuro, tornam-se idiotas estas divisões: nós e eles. Eu não estarei vivo quando vir a resposta dizendo que nós estávamos certos e eles insistiram no erro. Quando, daqui a 100 anos, o povo de Argus disser a verdade, pouco vão importar minhas desavenças atuais com os vernonenses. Eu não estarei aqui, eles não estarão aqui; no futuro, meu Deus eu não existo. Nossos deuses não serão maiores nem menores que os deles. Nossos avanços tecnológicos não os impressionarão mais. Porque não estaremos, não sereamos, não serei. Talvez nem Deus exista.

Tecnologia e deuses são elementos que não interagem. Deus-máquina. Um Deus que tece destinos, constrói almas e define leis mecânicas, expandindo-as à eternidade. Nada é mais incoerente. O infinito não tem juízo. Os físicos do começo do século XX tiveram que engolir um paradoxo, a questão do elétron, que pela manhã se comporta como partícula e à tarde como onda. Na época os cientistas bebiam da água do poço cartesiano; a droga descia em jorros nos círculos acadêmicos e era aceito como sofisma. O caso da partícula subatômica provocou um choque cultural: ser massa e também energia, onda luminosa, flagrada por Einstein, Planck, Maxwell e mais um rebanho de ilustrados pensadores. Deus estava ali e eles não queriam aceitar. Eles pregavam uma religião: a ortodoxia científica, embasada nos convenientes rigores de dogmas como a existência do espaço puntiforme, ou unicamente tridimensional,



tempos lineares, imparcialidade da ciência. Deus estava vendo tudo — via de dentro de cada átomo, onde se manifestava enquanto inteligência, consciência, força que une partículas atômicas e determina rotas de esferas cósmicas. Alguém começou, final-

mente, a perceber a astúcia divina.

Ainda hoje Deus vê tudo. Há poucos dias foi motivo de deboche dos jornais o curto diálogo entre nosso presidente e o mais avançado computador. O chefe de estado, imaginando iludir a máquina, perguntou: "pois bem, Deus existe?". A máquina levou três segundos para, retornando dessa viagem aos limites do infinito, responder ao nosso esperto presidente: "Agora existe".

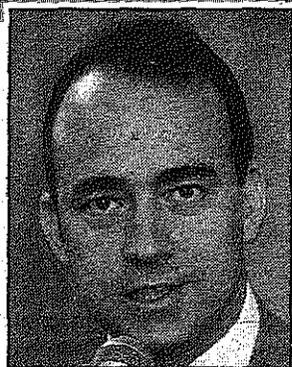
É assim, todas as coisas falam de mim, todas as coisas falam de Deus. O poeta que escreveu isso morreu no século XIX perdido em paixões pelo Altíssimo (ele que fora ateu por toda a sua vida), desejando ser santo, entre as paredes cor gelo de um sanatório. Fez-se católico em demasia o poeta, esquecido que a luz de Deus também cega. E o paraíso em que se instalara sua razão alucinada acabou por se tornar seu inferno, onde sofria feito gente e poeta, atormentado por visões de Belzebu e Asmodeu, substitutos dele, Deus. Não havia mais Deus e sem Deus o poeta sucumbiu.

Sua falha, parece-me agora, tão distante no tempo e na geografia, foi ter acreditado na possibilidade de apalpar seus sonhos. Um poeta não pode querer fixar num instante matemático o que é forjado por sua mente e seu coração. A essência do infinito permanece infinita. É lá a grande fonte, onde corre o riacho sobre pedras preciosas. Só lá. Há uma placa de advertência aos visitantes: "beber é permitido mas não pode levar". Os poetas em geral sabem disso, e também sabiam os



homens santos da Índia, que bebiam pequenos goles dessa água, e aqui, entre os mortais que trabalham pelo pão químico de cada dia, manifestados em livros e disquetes, só revelam sua existência em curtos vislumbres. Esse poeta morto entre brancas paredes, todavia, quis embebedar-se da fonte primeira — fartou-se, pretensioso, do negro não manifestado. Nessa lida perdeu os versos, a razão, e sua intuição morreu com ele.

Recordo agora um poema feito no século XIII por um sábio sufi. Fala da morte em Deus. Conta o poeta que o sonho do homem é ser uma estátua de sal para mergulhar no oceano divino. O mar salgado absorveria o ser por inteiro e o tornaria parte dele, este líquido azul de onde tudo sai. O lugar onde o ser é feliz porque significa o retorno à essência. Ao contrário do poeta que morreu louco e infeliz, o sábio sufi nada, dá largas braçadas, feliz, no buliçoso oceano de Deus onde está



Peniel Pacheco - PTB

A Cidade das Orquestras

Cidade musical por excelência, Brasília tem sido um celeiro de talentos dos mais variados estilos. Bandas de rock e cantores que se projetam nacionalmente já são rotina. Mas temos também uma quantidade excepcional de orquestras, para uma cidade com menos de 2 milhões de habitantes.

Quantidade afinada com qualidade. A Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional, a Orquestra Jovem de Brasília, a Orquestra da

Escola de Música, a Brasília Popular Orquestra e a Orquestra de Senhoritas representam muito bem o DF. Mas destacamos uma que é diferente de todas estas — a Orquestra Cristã de Brasília, formada há oito anos, com músicos de várias denominações evangélicas e que vai gravar, em julho, seu primeiro disco.

Regida por Joel Barbosa de Oliveira, a OCBASS, como é conhecida, executa músicas em

estilo de jazz, como as antigas "big bands" norte-americanas, mas nos vocais o idioma é bem brasileiro, com a participação regular da cantora Glória Maria.

Numa época em que, no resto do País, as orquestras de repertório popular estão praticamente extintas, é estimulante saber que em Brasília temos uma boa safra erudita e popular, inclusive uma orquestra como a OCBASS, talvez a única em seu estilo no Brasil.

a paz. A procura é líquida, daí a dificuldade em tomá-la nas mãos; não há formas que sustentem o etérico e o incomensurável. Pode-se beber da fonte mas não levá-la para casa. Disse o mesmo sábio certo dia: "a diferença entre o místico e o louco é que no oceano de Deus, o místico nada, enquanto o louco de afoga".

Eu nem sei por que penso nessas coisas, porque escrevo isso... O tempo escorre líquido, esverdeado, diante de mim, e eu, descrente, cientista, que merda!, imaginando coisas de Deus... Pareço com estas pessoas que durante a vida inteira renegam tudo quanto é religiosidade mas ao chegar à velhice, amarguradas, tomadas por cruéis sentimentos de culpa, convertem-se à idolatria. Pobres, velhos, a senilidade os faz acreditar numa salvação da alma esclerosada na redenção divina de uma alma devotada ao ateísmo. Estes fanáticos imaginam Deus como um bom velhinho, feito eles, abrindo os braços, piedoso, recebendo-os para um chá das cinco. Lá em cima, acreditam, deve ser como uma reunião da Academia Brasileira de Letras, onde todo mundo se acha imortal e dedica tempo e energia e até mesmo os versos raros que expõem uma vez ou outra, ao ócio, ao nada. O ócio eterno com Deus servindo de parceiro no jogo de cartas.

Agora que me resta pouco tempo (o vídeo sinaliza nervoso refletindo o medo, o grande medo que todos temos), pensar na pergunta a fazer é como pensar, ao bom estilo dessas mentes esclerosadas, na salvação. Não estarei aqui quando Argus disser: "olha, tudo que fizeram até hoje está errado. Gastaram milhares de anos para chegar a conceitos irreais. Tudo que foi escrito, tudo que foi dito, levou-os a um caminho errado, um caminho que não tem saída. E agora só resta a morte, o fim desta civilização".

Não. Não permitirei que meus sentimentos suicidas interfiram. Ainda nem fiz a pergunta... Daqui há um século os amigos de Andrômeda responderão, otimistas: "vocês estão no caminho certo. A evolução desta civilização surpreende o universo. Quando estas palavras chegarem aí

por certo serão recebidas por seres iluminados vivendo felizes num planeta sem guerras, sem fome ou miséria". Ah, merda! O vinho branco me faz tão piegas, tão estupidamente romântico...

O que me faz ser romântico é a ansiedade. O que me faz pensar em Deus e seus parentes é a pressa. O tempo se esgota e é como se eu morresse com ele.

Algo em mim se acaba com o prazo dado. Dói meu peito. Dói meu coração, esta coisa tão inútil que me acompanha há tanto tempo. Morro feito um mártir ou feito um idiota, a diferença é mínima. Tenho a oportunidade de fazer a pergunta mais importante

para a humanidade e ela não me aparece. Como cientista deveria ter nas mãos a chave que abre o futuro, sem misticismo nem romantismo. Contudo, só incorporo estes sentimentos tão pobres.

Falta mênos de cinco minutos para que tenha enfim a chance de fazer uma pergunta ao futuro. E a grande oportunidade de recompor nossa história. Se é que ela existirá depois de um século. Os homens

ditos civilizados costumam dar cortes na história, em sentido transversal, definitivos. Por pouco não aniquilam a raça. Em determinados períodos armam-se de bombas, e pulverizam este mundinho em que vivem. Porra! Um dia acabam com a história. Os povos primitivos — que existiam até pouco tempo — faziam melhor: para eles não existia a história. Nessa minha busca pela pergunta certa, mergulhei na antropologia e encontrei a frase de um índio Kalapalo: "eu sou o centro do mundo, eu sou o centro da história, a história não existe fora de mim". Então, de que adianta forjarmos esse maldito progresso se não somos mais o centro do mundo. O índio era ele próprio o universo, um microuniverso (bem ao gosto dos hermetistas). Agora ele não existe mais. E a história se encontra totalmente em nossas imundas mãos. Em minhas mãos...

O tempo está se esgotando... Daqui dessa minha janela posso ver Andrômeda inacessível e inútil. Porque não me interessa ter a resposta daqui a 100 anos quando não estarei vivo para ouvi-la de alguém, um ser iluminado da pele prateada e grandes olhos, voz amistosa, um típico cidadão de Argus. Não estarei aqui quando vier a resposta à pergunta. Não estarei aqui quando este planeta explodir num grande desarranjo gastroatômico-intestinal, bem antes do retorno da mensagem de Argus.

A campanha toca. Devem ser os agentes do Departamento de Defesa. Tenho nas mãos agora, ao invés da pergunta, o somatório de todo meu medo enquanto ser terreno covarde: duas pilulas, dois soníferos. Com uma delas dormiria exatamente oito horas. Tomando duas de uma só vez o efeito multiplica-se não por dois mas por quatro. É como morrer. É uma delicada forma de morrer e sonhar com Argus e suas planícies azuis, com suas verdejantes montanhas onde adejam pássaros vermelhos...

□ Dioclécio Luz é de Pernambuco, Floresta dos Navios (caatinga braba), 41 anos, mora em Brasília desde 1983. Obras publicadas: "Roteiro Mágico de Brasília" (vols. I e II), "O Diabo Modernista" e "A Agricultura Ecológica e a Máfia dos Agrotóxicos", em parceria com Sebastião Pinheiro e Youssef Nasser.



A MPB está com a bola cheia

□ Renato Vivacqua

Este artigo é oportuno por dois motivos: primeiro para mostrar que o culto aos ídolos do futebol, via cancionero popular, é muito antigo, e não se iniciou como pensam as gerações mais novas, em 1958 com a conquista de nosso primeiro título mundial, atingindo o auge com a chamada (exageradamente) epopéia do tri. Segundo, porque se aproxima mais uma Copa do Mundo que vai galvanizar todo o País. O futebol é, incontestavelmente, uma paixão nacional. "A pátria de chuteiras", como rotulava o "frasista" Nelson Rodrigues. Alguns o acusam de alienante, de uma forma de escapismo capitalizada pelos governos para desviar o povo do ronca-ronca da barriga vazia. Oswaldo de Andrade fustigava: "Quem negará ao futebol esse condão da catarse circense com que os velhos sábidos de Roma lambuzavam o pão triste



das massas". Sem tomar partido na análise política, tenho que reconhecer que através de seus mitos esse esporte é capaz de sensibilizar todas as camadas da população. É realmente

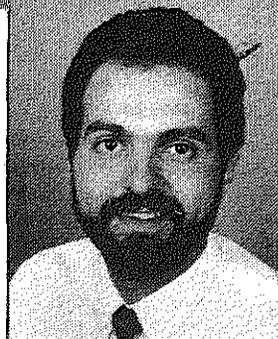
sem preconceitos, impregnando indistintamente pobres, ricos, cultos, incultos, pretos e brancos. Até as mulheres desmoralizando o antigo chavão de que o "futebol é pra macho" vêm ocupando seu espaço. Não se pode negar também que é um dos poucos veículos que per-

mite ascensão social àqueles sem nenhuma perspectiva no devorador sistema capitalista. Nem sempre foi assim. Quando surgiu em 1894 era elitista, cheio de Pullens, Murrays e outros gringos, mesclados a poucos brasileiros abonados e alvos. A democratização, principalmente o desagravo à melanina, começou a engatilhar a partir de 1919, no pé de um mulato claro, genial, descendente de alemães, de nome pomposo: Friedenreich, que marcou o

gol da vitória no Campeonato Sul-Americano daquele ano. Ele foi o primeiro grande ídolo tupiniquim. Mas ele tinha olhos verdes e nome estrangeiro. Foi só um alento, pois em 1921 o presidente Epitácio Pessoa foi contra a convocação de "cidadãos de cor" para a Seleção. A Música Popular estava atenta ao fenômeno que surgia e Pixinguinha compôs um gostosíssimo choro intitulado 1 a 0, louvando o gol do "El Tigre" Friedenreich. O romantismo acabou em 1933 com o surgimento do profissionalismo. No seu caudal veio a mercantilização tanto do craque como do cartola. Um samba antigo mostra com propriedade a mudança:

O Pé de Ouro, Pé de Ouro/Grande jogador/Chega em frente ao gol e pergunta/Quando é o bicho, seu doutor?

Em 1931 ainda vigorava o amadorismo. Isso não excluía que os craques da época recebessem agrado dos dirigentes. Noel Rosa



Agnelo Queiroz
- PC do B

Agnelo incentiva cultura

O brasileiro poderá pagar ingressos mais baratos nos espetáculos culturais. A iniciativa é do deputado Agnelo Queiroz (PCdoB), que apresentou este mês um projeto de lei autorizando o Executivo a conceder isenção do ISS (Imposto Sobre Serviço) a artistas, técnicos e produtores culturais. "O Estado tem obrigação de contribuir com as atividades culturais. 'A cultura é tão importante quanto saúde e educação', justifica o parlamentar. Ele explicou que o projeto que cria incentivo fiscal sobre o ISS é uma

matéria de competência exclusiva do Executivo, mas acredita que com a mobilização dos artistas, dos técnicos em espetáculos de diversões e dos produtores vai garantir a aprovação do projeto e a aplicação do incentivo. Com esse projeto, Agnelo pretende baratear os custos dos espetáculos culturais realizados em Brasília, que acabam sendo repassados para os preços dos ingressos. Um dos motivos alegados pelos empresários culturais é exatamente a carga tributária. "É importante a

isenção de impostos para garantir o acesso da população às produções culturais". Os artistas e técnicos também serão contemplados com a isenção de ISS. Atualmente, a categoria no Rio de Janeiro recebe esse tipo de incentivo fiscal. Agnelo Queiroz é também autor da lei da meia entrada que facilitou o acesso dos estudantes às produções e eventos culturais. Através dessa lei, os estudantes só pagam a metade dos preços dos ingressos em cinemas, teatros, shows e qualquer outro espetáculo cultural.

retrata isso com propriedade em sua bem bolada composição denominada "Quem dá mais" ou "Leilão do Brasil".

Quem dá mais.../Por uma mulata que é diplomata/Em matéria de samba e de batucasa/Com as qualidades de moça formosa/Fiteira, vaidosa e muito mentirosa? /Cinco mil réis... Duzentos mil réis... um conto de réis/Ninguém dá mais que um conto de réis? /O Vasco paga o lote na batata/ E em vez de barata/ Oferece ao Russinho uma mulata. O Vasco é o time da colônia lusa, o que justifica a oferta da mulata como incentivo. Barata ou baratinha era o carro esporte da moda e Russinho jogador vascaíno muito badalado.

Outro atleta do Vasco muito famoso foi focalizado por Wilson Batista, flamenquista doente, e Garcez. Gravado para o Carnaval de 1946 por Linda Batista, foi muito cantado:

Vamos lá que hoje é de graça/No boteco do José/Entra homem, entra menino/Entra velho, entra mulher/ É só dizer que é vascaíno/ Que é amigo do Lelé.

O mesmo Wilson Batista, em 1955, agora com J. Castro, faz apologia dos craques rubro-negros no "Samba Rubro-negro":

Flamengo joga domingo/Eu vou prá lá/Vai haver mais um baile/No Maracanã/O mais querido/Tem Rubens, Dequinha e Pavão/Eu já pedi a São Jorge/Pro Mengo ser campeão.

João Nogueira regravou colocando o samba na máquina do tempo e trocando o nome dos jogadores para Zico, Adílio e Adão. Gal fez o mesmo. Wilson deve ter espumado no caixão.

Recuando mais um pouco vamos até 1938 quando Carmem Miranda gravou "Deixa Falar" de Nelson Petersen:

Você pensava que o "Diamante" fosse jóia de mentira/Para tapear/Você pensava que o "Caboclinho" fosse negro de senzala/Para se comprar.

Só porque viu que ele tem um pé que deixou/O mundo inteiro em revolução/Quando ele bota aquele pé em movimento/Chuta tudo pra dentro e não tem sopa não.

O "Diamante" citado era o apelido de Leônidas da Silva, um dos maiores nomes do futebol brasileiro de todos os tempos. O chocolate "Diamante Negro" é uma homenagem a ele. Virou marca de cigarro. Foi inventor da bicicleta, a jogada acrobática. Nesta Copa de 1938 foi o artilheiro, não tendo jogado a partida contra a Itália quando fomos eliminados. Houve comentários na época de que simulara contusão para não enfrentar os italianos, aliciado que fora por Mussolini, que transformara a Copa num acontecimento político para trombetear as virtudes do fascismo. O samba é portanto um desagravo às calúnias contra o jogador. Moreira da Silva,

com muita "verve" balançava em 1941 com o samba "Doutor em Futebol", de Moacyr Bernardino e Waldemar Pujol:

Eu nasci para ser um craque da pelota/ Não é mentira, nem lorota./Porém o meu amor minha carreira quer cortar/Pra Medicina eu estudar./E me formar em doutor.../Eu hei de me formar um astro verdadeiro./Um perigoso artilheiro/E ser o sucessor do Piriolo/E suplantando o seu Nandinho/E no dribble de corpo/Botar no bolso o meia-esquerda tricolor/Eu vou mostrar o meu valor/O Diamante Negro vai perder seu brilho/A estrela se apagou/Eu quero ser "futiboler"/E não doutor.

A perda das Copas Roca e Rio Branco para Argentina e Uruguai, de maneira bisonha em 1941, deu origem a uma embolada raiosa de Zé do Norte, que livra a cara de poucos:

Essa camada que tem pé de batê sola,/Diz que sabe jogar bola/Mas não sabe fazer gol./ Agora dizem que o culpado foi Lagreca/Que quase levou a breca/Porque foi treinador.../Diamante Negro,/E Zé Procópio é um talento/Dou um viva pro Romeu/E dou um abraço a Nascimento/O resto todo eu não falo/Não comento/Jogador de meia cara/Não se fala no momento.

reverenciá-lo:

Eu, que pego o bonde 12 de Ipanema/Pra ver Oscarito e Grande Otelo no cinema./Domingo no Rian, humm/E deixa eu querer mais, mais paz/Quero um pregão de garrafeira/ZIZINHO no gramado.

Zizinho na sua fase áurea no Flamengo tinha como escudeiro um torcedor fanático: Ciro Monteiro, capaz de obrigá-lo a exercitar um joelho operado, de manhãzinha na praia muito a contra-gosto. Da amizade nasceu o samba "Mestre Ziza". Como puderam observar o futebol impregnava os maiores compositores. Evaldo Rui e Custódio Mesquita não fogem à regra com "Pretinho", de 1944:

Na roda de samba tem fã pra chuchu/Nasceu lá no Largo do Estácio/É fã do Perácio/Não perde um Fla x Flu.

Perácio foi ídolo do Flamengo. Possuía um chute fantástico. Foi pracinha na Segunda Guerra e apesar da fama era muito simplório. Conta Mário Filho que numa recepção ele estava sendo paquerado por uma jovem e não se decidia a ir conversar com ela. Até que incentivado pelos amigos encorajou-se, aproximou-se e largou a cantada: "A senhorita joga sinuca? Dou vinte pontos de vantagem".

Em 1950 aconteceu o maior trauma coletivo da Nação: a perda da Copa do Mundo para os uruguaios em pleno Maracanã. Ary Barroso era um dos empolgados como mostra neste horroroso ufanista, "O Brasil há de ganhar":

É a raça brasileira/Numa festa altaneira/Mostrando que é boa e varonil/Quando o time aparecer/Gritamos até morrer/Brasil. Brasil.

Mas como Deus é brasileiro a alegria em 1954 com o Corinthians conquistando o campeonato do Quarto Centenário e homenageado por Adoniran Barbosa e Blota Jr. no samba "Gol do Amor".

Gol do Baltazar, Gol do Baltazar/Salve o "Cabecinha"/Um a zero no placar.../Fico maluco com a miséria do Gilmar/ Os dribles do Luizinho/ E os gols do Baltazar.

Renato Vivacqua é historiador da MPB



Em 1949 Leônidas da Silva encerrou a carreira, pouco antes da Copa e foi lembrado no samba "Diamante Negro" de Marino Pinto e Mario Rossi, uma dupla competente:

Leônidas da Silva cresceu/Ganhou partidas, louças e laureis/Eu só queria fazer com a cabeça/O que o Diamante faz com os pés.

Em 1942 dois outros respeitados compositores lançaram "E o juiz apitou". Quem gravou o samba de Antônio e Alberto Ribeiro foi o notável sambista Vassourinha, falecido aos 19 anos e injustamente relegado na história de nossa música popular:

Eu torci/como um louco/Até ficar rouco/Nandinho passa a Zizinho/Zizinho cede a Piriolo/Que preparou para chutar/Aí o juiz apitou/O tempo regulamentar (que azar).

Zizinho, "O mestre Ziza", foi outro monstro sagrado. Em 1979 o "proustiano" Rio Antigo, de Chico Anysio e Nonato, volta a

A Caminho do Reino

A incrível trajetória político-religiosa de Victor Coelho (1879-1944)

□ Sérgio Ricardo Coutinho

Quando elaborava a minha dissertação final do curso de graduação em História — acerca da ação social católica do bairro operário carioca de Bangu no início do século — me deparei com um personagem intrigante.

Este era o cônego Victor Coelho de Almeida, primeiro vigário daquele bairro. Fora ordenado em Roma onde se formou em Filosofia e Teologia, pela Universidade Gregoriana, como aluno do Colégio Pio Latino-Americano. Antes de assumir a comunidade de Bangu, tinha sido reitor do Seminário Maior do Rio de Janeiro e exercia outras atividades de confiança como examinador do clero e superior de religiosas (1).

Na sequência da pesquisa sobre a ação da Igreja naquele bairro, encontrei uma circular de 1919 do Vigário-Geral da Arquidiocese do Rio, comunicando a todo o clero secular regular da excomunhão de Victor Coelho por ter se tornado "público e notório a sua apostasia da fé católica", tendo também aderido ao protestantismo do qual se tornou "ardoroso apologista" (2). Sabia, também, que o nosso personagem tinha várias publicações, como artigos em jornais e livro. Tive a idéia de procurar seu nome na Enciclopédia de Literatura Brasileira e, para minha surpresa, encontrei seu nome, uma pequena biografia que me informava

que Victor Coelho havia retornado ao catolicismo em 1928 e fundador da Academia Goiânia de Letras (3).

Essas três informações me motivaram a aprofundar a pesquisa sobre Victor Coelho. Consegui fontes valiosas que proporcionaram um projeto para a pós-graduação em História da Universidade de Brasília. A justificativa para este estudo está no fato de que a reconstrução da trajetória deste homem possibilitará lançar luzes sobre as possibilidades e as restrições das ações humanas no interior de uma sociedade complexa. Meu objetivo é recuperar os "acontecimentos" de vida de Victor Coelho e relacioná-los com as "estruturas" social, econômica, política e cultural na qual estava inserido.

Assim, meu trabalho estará dividido em três grandes momentos que refletem, no meu modo de ver, as principais fases de Victor Coelho de Almeida, ou seja, quando estava a "serviço da Igreja" como sacerdote católico, depois como um "ex-padre" nos quadros do protestantismo e, finalmente, quando, "arrependido", volta ao catolicismo.

Victor Coelho de Almeida nasceu no dia 8 de setembro de 1879 no Rio de Janeiro, descendente de duas tradicionais famílias da aristocracia imperial —

as famílias do Conselheiro Thomaz Coelho e do historiador e político alagoano Mello Moraes.

Ficou na Capital Federal até aos dez anos de idade, quando foi para Paris viver com sua avó que passava por dificuldades. Antes de ir para a França, Victor Coelho tinha manifestado desejo de ser padre para sua mãe, porém durante os dois anos em que viveu na Europa frequentou, ao lado de sua avó, conferências e cultos evangélicos.

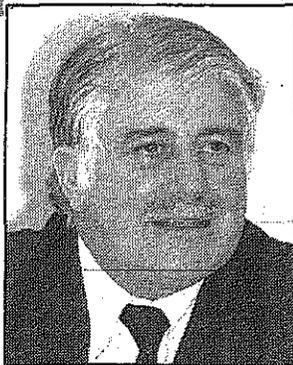
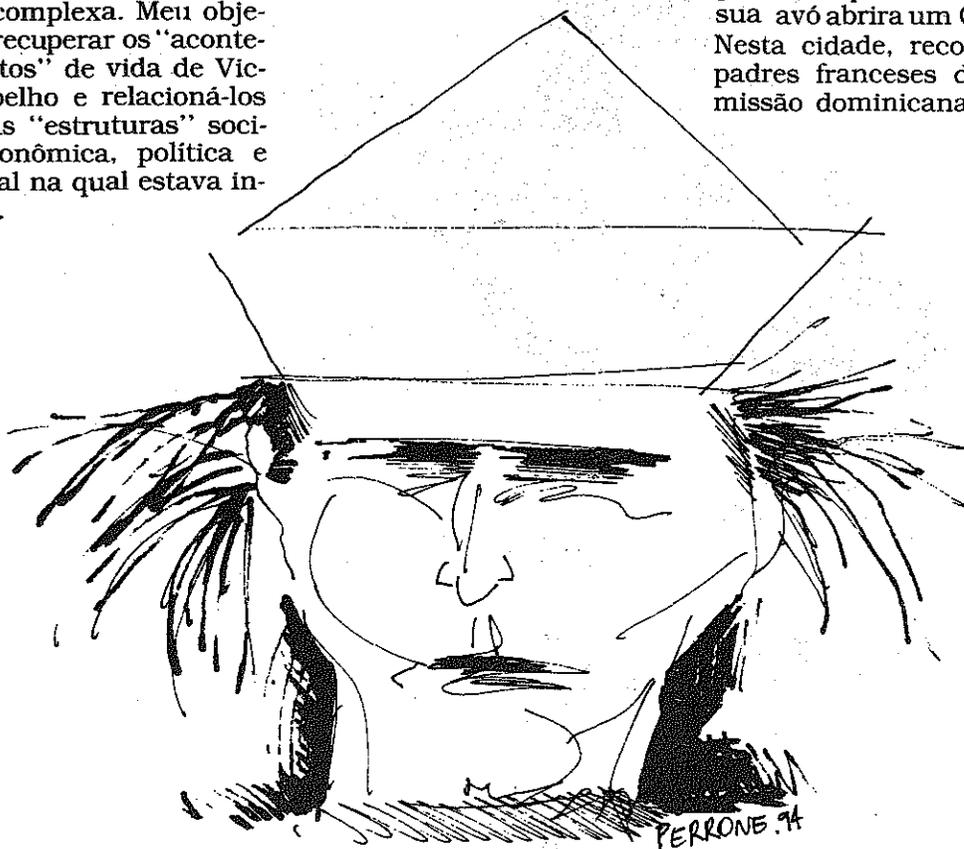
Retorna ao Rio em 1891 (também a avó, um pouco mais tarde) e no ano seguinte vai para Araxá, onde sua avó abriu um Colégio. Nesta cidade, reconheceu padres franceses de uma missão dominicana. Estes

lhes aconselharam a fazer os estudos secundários no Seminário de Goiás. O vigário também fez o mesmo, dizendo-lhe ainda que após o término dos estudos podia seguir a carreira que quisesse.

Em 1892, sem ter ainda a mínima idéia se queria realmente abraçar a vida clerical, dava entrada no Seminário de Vila-Boa (hoje Goiás Velho). Um ano mais tarde é que começou a concordar com sua "vocação" sacerdotal.

Por volta de 1895, sua mãe lhe escreve lamentando informar que não tinha mais condições financeiras para custear os estudos no Seminário. O reitor do estabelecimento chamou-o e disse que, em vista do seu procedimento e aplicação, tomaria para si o cargo de todas as despesas e que o mandaria para Roma estudar às custas dele até a conclusão do curso.

Muitos dos "melhores" jovens, para irem a Roma, eram, via de regra, escolhidos pelos bispos diocesanos após consulta aos reitores e diretores espirituais dos seminários. Iam para o Colégio Pio Latino-Americano, cujo objetivo era oferecer aos futuros quadros do primeiro escalão latino-americano uma formação ajustada à política recém-implantada de "romanizar" as igrejas nacionais (4). Victor Coelho estava incluído neste rol



Salviano
Guimarães
-PSDB

Porque criei o DF Letras

O **DF Letras** está completando a sua 12.^a tiragem como uma publicação consolidada e consciente de sua responsabilidade no papel de difundir, ampliar e contribuir para o debate da cultura em todas as suas formas. A cultura é a base do desenvolvimento e, como tal, existe sem que você precise dar a ela — no sentido mais amplo da palavra — nenhum instrumento. A cultura existe a partir da nossa própria existência, ela é a expressão dos nossos hábitos e das nossas relações.

As instituições que se prezam e sabem a importância da cultura como base do desenvolvimento têm que proporcionar os meios de difusão cultural. O que significa isso? Significa apoiar, para que os cidadãos que também estejam preocupados, que estejam produzindo sobre qualquer manifestação, tenham como difundir isto. Então, o Estado tem que ser responsável e precisa apoiar a difusão cultural. O Estado não faz cultura, apenas dá o apoio necessário para que ela se desenvolva e se propague.

E foi dentro desta perspectiva, como presidente da Câmara Legislativa do DF, de uma instituição que reconhece que a cultura é a base do desenvolvimento e precisa do apoio para acontecer e, baseado nessa realidade é que propus a criação do suplemento **DF Letras**, um veículo de difusão de todas as atividades que acontecem nessa área. Não trata apenas do aspecto linguístico mas há espaços também para o desenho, a memória e um pouco da nossa história, do nosso passado, de todas as bases que lançaram a nossa cultura.

dos "melhores" e embarca para Roma em 1897.

Após sete anos de estudos, sai diplomado como doutor em Filosofia e Teologia pelo Pio Latino e pela Universidade Gregoriana. Victor retorna ao Brasil, mais especificamente ao Rio, solicitado pelo cardeal Joaquim Arcoverde. Em fevereiro de 1904 nomearam-no reitor do Seminário do Rio e, alguns meses depois, recebe o título de cônego da Catedral. Contava apenas pouco mais de 24 anos, e ocupava o 3º cargo mais importante da Arquidiocese, abaixo apenas do cardeal e do bispo-auxiliar.

O cônego passa a se dedicar aos estudos sociais e à questão operária. Desde Roma que a questão social o preocupava. Pensou em realizar o plano de Leão XIII em um centro operário no Rio, por isso recusou as paróquias da Glória e de São João Batista (Botafo-go) pelo curato que seria criado dentro dos limites da fábrica de tecidos Progresso Industrial do Brasil em Bangu.

Assume a paróquia no dia do seu aniversário em 1908. Desenvolve grande atividade: cria a freguesia de Realengo, fundou associações religiosas, círculos de estudos sociais, manteve um boletim paroquial gratuito e fundou um semanário católico para os operários chamado "A Voz do Povo".

No final de 1911, vai transferido para o centro do Rio onde se estabelece na paróquia de Santa Rita.

Em janeiro de 1913, durante uma reunião do Conselho de Vigilância, Victor Coelho entra em desentendimento com o bispo-auxiliar, D. Sebastião Leme, e o padre Júlio Maria sobre a criação ou não de ligas eleitorais católicas ao invés de um Partido Católico nacional que tinha sido idealizado pelo cônego.

Este conflito provocou a demissão de Victor Coelho de todas as obras, conselhos, jornais e sociedades católicas que atuava em sinal de protesto. Um ano depois, largou a batina e fugiu para o interior de Minas Gerais em companhia de uma ex-cantora do coro de Santa Rita. A partir daí, inicia-se a vida do "ex-padre".

Victor Coelho tentou a vida como farmacêutico e professor no interior de Minas, São Paulo e Bahia até 1919. Sua vida não foi nada fácil, principalmente após o nascimento de sua

filha e da descoberta do seu paradeiro pelo bispo-auxiliar de Campinas, Monsenhor Mamede. A pressão que a Igreja fez para que retornasse ao antigo posto e o conseqüente abandono da família foi muito violento.

De volta ao Rio, ele e sua esposa foram assistir uma série de conferências do Rev. Álvaro Reis, pastor da Igreja Presbiteriana, durante a semana santa de 1919. Nas várias conferências que assistiu após aquelas, uma chamou a atenção. Um ex-padre, Hippolyto Campos, falou sobre o verdadeiro sacerdócio de Cristo. Isso foi a gota d'água nas convicções católicas de Victor.

Sua abjuração pública foi publicada nos jornais "A Razão", "O Paiz" e "Jornal do Comércio", além de ter sido reproduzida em folhetos e vendidos pelos "camelôs" no centro do Rio. O título da conferência era: "Porque abjurei a Igreja Romana".

Faz palestras em São Paulo e sofre ameaças de morte. No Rio, faz nova conferência agora no bairro operário de Bangu. O padre do lugar (um velho amigo de Victor) contratou capangas para assassiná-lo. Sua palestra causou grande confusão e por pouco não retornava com vida, ele e sua família. Este

fato se deu em plena greve dos têxteis em toda a Capital Federal. Isto motivou sua "excomunhão" pelo cardeal Arcoverde.

De 1920 a 1925, foi assessor imediato de Álvaro Reis no presbitério do Rio. Além disto, passou a escrever para o jornal "Puritano" e lançou o mensário "O Ex-Padre". Em junho de 1925 morre Álvaro Reis e a vaga de pastor fica vaga. Nas eleições de outubro, dos 415 votos em jogo, Victor Coelho foi proclamado o novo pastor com uma votação esmagadora de 245 votos contra os 76 do segundo colocado.

Os derrotados criam muitos empecilhos para a tomada de posse. Alguns membros da Presbiteriana convencem Victor a fundar uma outra igreja denominada de "Igreja Presbiteriana Livre", sendo que o pastorado ficaria sob sua responsabilidade. Em 1926 estava criada a nova denominação. A partir daí, começa a se decepcionar com a "politicagem" dos membros da Igreja Livre e no final de 1927 abandona o protestantismo.

Victor Coelho estava "sedento do serviço de Deus" e com sérios problemas conjugais e financeiros. Procura Dom Leme, agora cardeal do Rio, em fins de 1928, tentando

uma volta ao catolicismo. Diz ao bispo que se divorciaria de sua mulher e que iria para Goiás onde pudesse trabalhar pela "construção do Reino", além de participar de explorações mineradoras em busca de ouro e diamantes.

Após um retiro espiritual em Nova Friburgo (RJ), Victor Coelho diz publicamente que "errou, supondo acertar". Estava de volta ao catolicismo (5).

Em meados de 1929, Victor inicia, no Liceu de Goiás, sua atividades educadoras, conquistando a cadeira de Filosofia por concurso. Em 1931, funda a Escola Normal de Anápolis e, no mesmo ano, lança em Bonfim (Silvânia), como redator-chefe, o "Brasil-Central", órgão da diocese de Goiás. Tinha neste jornal uma coluna chamada "Protestantices" onde combatia "os planos dos expansionistas yankees semeadores de heresias".

A atividade política de Victor se intensifica em Goiás. A pedido do arcebispo D. Emmanuel Gomes de Oliveira, foi ele participar do Congresso do Partido Social Republicano do estado (dez/1932).

No início de 1933, fez excursões a Pirenópolis, Anápolis, Bela Vista, Pires

do Rio, Santa Cruz, Ipameri e Catalão para organizar a Liga Eleitoral Católica (LEC). Em represália à sua atividade política, o interventor de Goiás, Pedro Ludovico, demitiu-o do cargo de Inspetor do Ginásio Anchieta em 1934 e nomeou, por intermédio do Governo Federal, um sobrinho seu.

Este fato obrigou Victor Coelho a cooperar com outros políticos na criação de um partido de oposição chamado de "Coligação Libertadora". Em julho daquele ano, participou do Congresso Político em Ipameri, como representante da LEC, impugnou a chapa dos deputados federais, por ter sido incluído um comunista, que tinha escrito violentos artigos contra o catolicismo, "não poupando a Deus e nem a N. S. Jesus Cristo".

Foi eleito deputado estadual, por Campo Formoso, à Constituinte goiana em 1935, sendo encarregado de redigir os anteprojetos relacionados à educação e à economia.

Ficou na política até o término do seu mandato em 38. A partir daí, a história de Victor Coelho entra em um período de "trevas", pois temos poucas informações, porém sabemos que se tornou cofundador da Academia Goiana de Letras em 1939, ocupando a cadeira de nº 3.

Nem mesmo a sua filha, D. Talitha Coelho de Almeida, em depoimento, conseguiu nos fornecer informações precisas da vida de seu pai neste período. Ela só voltou a encontrá-lo nos dias em que ele estava prestes a morrer.

Victor Coelho de Almeida morreu no dia 3 de novembro de 1944, vitimado por insuficiência cardíaca.

NOTAS

1 - SANTOS, Ferreira dos. **A Archidiocese do Rio de Janeiro**, RJ, Leuzinger, 1914, pp. 402-403.

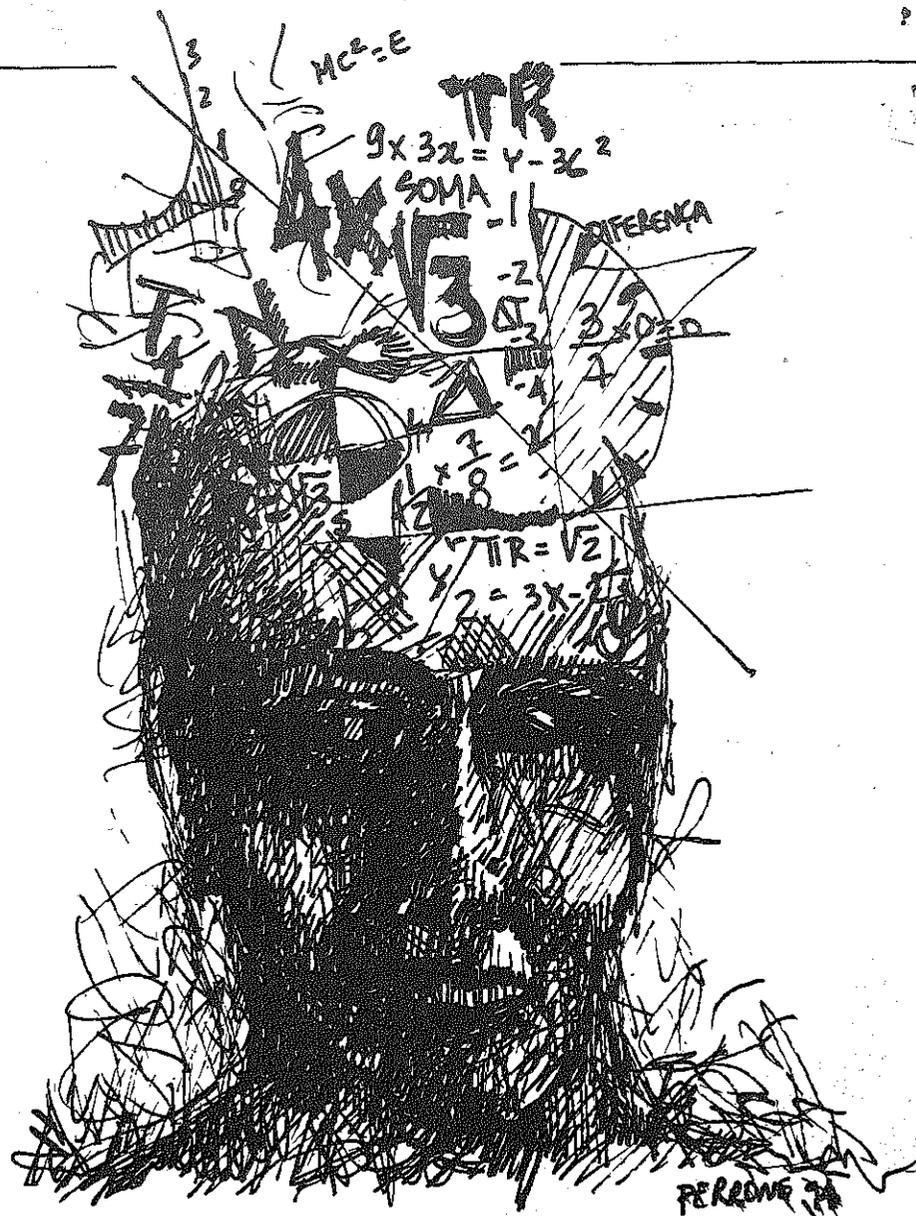
2 - **Aos Rvms. Snrs. Párocos, Capelães, Superiores Religiosos e Confessores**, RJ, Typ, Martins de Araújo, 1919.

3 - COUTINHO, Afrânio (dir.) **Enciclopédia de Literatura Brasileira**, RJ, FAE, 1989, p. 191.

4 - MICELI, Sérgio. **A Elite Eclesiástica Brasileira**, RJ, Bertrand Brasil, 1988, pp. 86-87.

5 - **A Tribuna** (Campinas), 06/02/1932.

□ Sérgio Ricardo Coutinho - Mes-
trando em História do Brasil pela
Universidade de Brasília



História de uma Fazenda:

A "Bagagem" de Corumbá de Goiás

□ Ramir Curado

O viajante que seguindo pela Estrada Real deixava Corumbá rumo a Meia Ponte, deparava a certa altura com uma imponente fazenda, cujo nome derivava do ribeirão que banhava as suas terras férteis: Bagagem. E se este peregrino, conhecedor da hospitalidade goiana resolvesse ali pernoitar, poderia ouvir à luz do lampião, e entre um gole e outro de café ali mesmo produzido e torrado, a história dessa fazenda que aqui narraremos até a atualidade.

O Sargento-Mór colonial

O primeiro proprietário do Sítio da Bagagem foi, segundo a tradição, o Sargento-Mór Antônio José de Campos. Nascido nos primórdios do século XVIII na Freguesia de Santo André da Vila de Castelo de Ferreira de Avis em Portugal. Aos trinta anos de idade ele deixou o lar de seus pais, Antônio de Abrunhosa e Isabel de Almeida para "fazer-se ao mar", indo em busca das ricas jazidas auríferas cujo roteiro recebera dos irmãos Mafra e que situavam-se no interior do Brasil, na bacia de um rio que os nativos da terra chamavam de "Corumbá". Tendo chegado ao distrito corumbaense provavelmente em 1734, pouco tempo depois Campos descobriu ouro no Ribeirão Bagagem, tributário do Corumbá, junto ao qual



erigiu uma casa residencial de "3 lanços" e "4 águas" que media aproximadamente 18 metros de frente por 25 metros de lado e em cujas paredes de pau-a-pique havia portas de gonzo com 2,30 m de altura. Ao lado edificou também as senzalas para os cativos.

Defronte a casa-grande Antônio José instalou um engenho movido à tração animal, uma vez que além dos garimpos de ouro, ele possuía nesse sítio uma plantação de cana-de-açúcar como atividade econômica suplementar. Aliás, a tradição afirma que Antônio José era um em-

presário extremamente dinâmico, levantando sempre de madrugada para dirigir as suas múltiplas atividades. O Sargento-Mór possuía um físico atlético, uma vez que passava parte considerável do dia cavalcando seus cavalos, indo de uma propriedade para outra, já que chegou a

possuir 28 garimpos de ouro, sendo 26 no Distrito de Corumbá e dois em outros pontos do Julgado de Meia Ponte, um dos quais no longínquo Rio do Peixe.

Segundo a tradição, Antônio José de Campos possuía cabelos loiros, barba ruiva e olhos azuis, medindo 1,90m de altura, denotando-se claramente a sua ascendência visigótica. Era dono de um caráter enérgico, mas suas atitudes eram conciliatórias. Seus escravos eram todos batizados, e recebiam os últimos sacramentos no fim da vida, não havendo amasiados entre eles. Tendo erguido às suas custas a Capela de N. S. do Bonfim em Meia Ponte, para ela trouxe a imagem de Cristo crucificado vinda da Bahia juntamente com a imagem de N. S. da Penha de França, que doou para a capela de Corumbá.

Também em seus sítios preferidos Campos tinha suas capelas particulares. Eram eles o Sítio do Córrego Euzébia (Tapera Grande), o Sítio do Buraco, o Sítio Cachoeira do Corumbá (Salto) e o Sítio da Bagagem. O oratório desse último tinha um altar de madeira em forma de uma pirâmide de degraus cortada verticalmente ao meio, no qual ficavam diversas imagens entre as quais duas merecem destaque. A primeira delas é a N. S. da Conceição que possuía policromia em ouro e que segundo o Pe. André Wingen possuía "uma



Maria de Lourdes Abadia - PSDB

Um espaço inestimável

Vejo com muita emoção esta edição especial do "DF Letras", comemorativa, pelo transcurso de um ano de existência. Neste período foram editados artigos e entrevistas de valor cultural e político inestimável. O "DF" foi o primeiro jornal da Câmara Legislativa, abrindo um espaço inovador e resgatando, também, a História da Região Centro-Oeste. Ele estava

fazendo falta, num cenário brasiliense em que as iniciativas, na área naufragaram, frustrando muitas expectativas. As mais diversas opiniões foram amplamente divulgadas pelo jornal. A edição sobre a Lei Orgânica é digna de elogios, ficando gravada para a posteridade como um marco de nossa História política. Sob a responsabilidade da Coordenadoria

de Editoração da Vice-Presidência e a colaboração da Coordenação de Comunicação Social da Presidência — ambas da Casa —, o "DF Letras" esconde, no seu produto final, grande criatividade e capacidade de inúmeros funcionários abnegados em seu trabalho. Parabéns a toda a equipe pelo excelente serviço prestado não só ao Distrito Federal, mas também à cultura do País.

anatomia característica do alto barroco apresentando um conjunto muito harmonioso, devendo ser proveniente das escolas de escultura mineira". Isto nos leva a crer que tal imagem deve ter pertencido à sogra de Antônio, dona Maria Cerqueira D'Assunção, que era natural da Freguesia de N. S. da Conceição de Congonhas, Bispado de Marian, Minas Gerais e que chegou a Meia Ponte ainda criança, em 1732, junto com seu pai o tenente Clemente da Costa e Abreu, um dos primeiros moradores do solo meia-pontense. A outra imagem de grande valor existente nesse oratório era a de Santo Antônio de Lisboa, um dos padroeiros onomásticos de Antônio José, esculpida em madeira e de tamanho pequeno ela era guardada em uma caixa de madeira cilíndrica que lhe servira de embalagem durante a longa viagem de Campos, da sua aldeia portuguesa até o Distrito de Corumbá.

Antônio casou em 1756 com Ana Timótea Curado, filha do tenente José Gomes Curado e irmã de Joaquim Xavier Curado, então com 10 anos de idade. Joaquim ingressou depois na carreira militar e foi o primeiro goiano a conquistar o generalato, tendo ocupado diversos cargos públicos importantes como o de governador e de deputado por Santa Catarina. Xavier Curado teve ainda atuação decisiva no processo de independência do Brasil e recebeu o título de Conde de S. João das Duas Barras, Antônio José e Ana tiveram 12 filhos, um dos quais — Jeronymo José de Campos — manifestou ainda criança vocação para o sacerdócio, sendo por isso enviado para um seminário em Portugal. Porém quando já cursava teologia resolveu vir até Goiás para despedir-se de sua família já que pretendia ingressar na vida monástica em Portugal. Chegando em Meia Ponte aconteceu-lhe de ficar conhecendo uma moça chamada Bárbara Maria da Silva, filha do Capitão João da Silva Ribeiro, por quem se apaixonou e desistindo de sua vocação sacerdotal, com ela se casou no dia 30 de maio de 1787 na Igreja de N. S. do Rosário de Meia Ponte. Tinha Jeronymo 19 anos de idade e Bárbara 17 anos.

O Padre Reordenado

Jeronymo escolheu o Sítio da Bagagem como sede

principal de seus negócios e apesar de ter vivido na fase de decadência da mineração também dedicou-se a essa atividade. Tendo herdado do pai não só as características físicas — era alto, loiro e de olhos azuis — mas também o modo de agir equilibrado e as atitudes morigeradas e conciliatórias, é natural que tenha conseguido igualmente ser bem sucedido nos empreendimentos econômicos. Jeronymo possuía uma tropa com a qual importava mercadorias adquiridas no nordeste e no leste brasileiro, dedicando-se também, à semelhança de seu pai, ao comércio, demonstrando nas suas atividades econômicas o seu bom senso administrativo. Na Bagagem Jeronymo José manteve as plantações de cana e a produção açucareira e, ao que tudo indica, a produção aurífera, só que em menor escala.

Com a morte de Antônio José de Campos ocorrida a 3 de junho de 1795, o Sítio da Bagagem passou a pertencer de direito a Jeronymo. Antônio faleceu ainda lúcido aos 90 e poucos anos de idade, sendo seu corpo sepultado na Capela de N. S. do Bonfim em Pirenópolis. Na década subsequente o Sítio da Bagagem continuou a prosperar estando possivelmente no rol dos imóveis rurais exportadores de produtos agropastorais para outras localidades goianas, situados no Distrito de Corumbá, dos quais nos fala Silva e Souza em sua Memória Histórica. Um fato porém veio mudar a vida de Jeronymo. É que no dia 7 de novembro de 1805 sua esposa faleceu em consequência do 96º parto

que tivera. O viúvo, tomando essa morte como um castigo por não ter seguido a sua vocação sacerdotal, distribuiu os seus filhos com os seus irmãos e em 1807 ordenou-se padre, tendo exercido o paroquiato em Cavalcante. Mais tarde porém, regressou à Bagagem onde viveu os últimos anos de vida, tendo falecido a 9 de junho de 1840, sendo sepultado na Capela N. S. do Bonfim, Jeronymo possuía uma imagem do Menino Jesus com policromia em ouro junto a qual teve início a tradição da trezena de Natal que vai do dia 25 de dezembro até o dia de reis, imagem esta que ainda hoje é entronizada no presépio de suas trinetas em Corumbá.

As filhas de Jeronymo e Bárbara: Ana Inocência, Bárbara Maria e Antônia Mariana não se casaram, continuando a viver no Sítio da Bagagem até o fim de suas vidas. A Bagagem era então uma imensa propriedade rural só justificando ser chamada de sítio pela proximidade do arraial de Corumbá. Suas dimensões colossais podem ser vistas no Registro Paroquial organizado em 1856 no qual esse sítio foi o primeiro a ser registrado. Seu limite norte situava-se na vertente do Córrego de João Gomes no Ribeirão da Prata, e o sul 1,3 km abaixo no Ribeirão Balão. Porém sua maior extensão era no sentido leste-oeste pois enquanto que do lado do nascente terminava na confluência do Ribeirão Bagagem no Rio Corumbá (portanto dentro do limite suburbano do arraial de Corumbá), do lado do poente findava em um campo situado além do

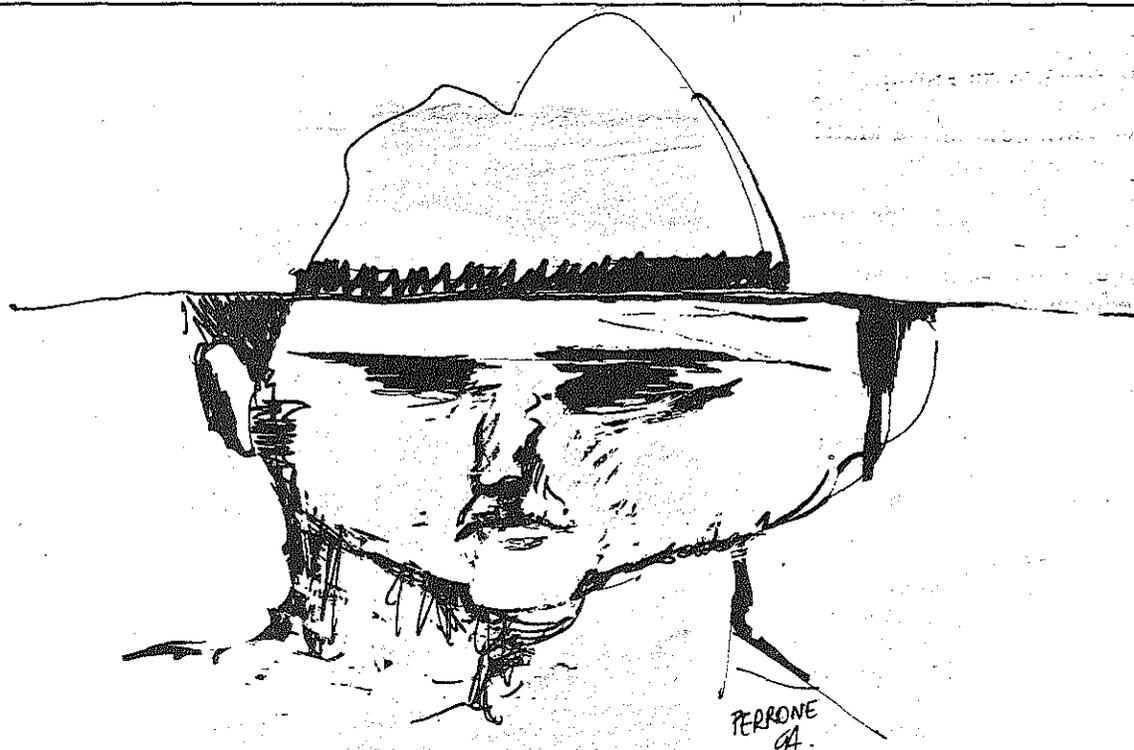
Mato Seco por onde passava a Estrada Real rumo a Meia Ponte e que distava 8 km do seu limite sul. Porém com a partilha dos bens imóveis do Pe. Jeronymo ocorrida após a sentença judicial proferida a 1º de dezembro de 1865 o Sítio da Bagagem sofreu uma grande redução em sua área e em especial nas terras situadas mais a Oriente, continuando entretanto a ser um imóvel com dimensões consideráveis.

As moças solteiras

Não sabemos a quem o Pe. Jeronymo confiou a direção da Bagagem quando abraçou a carreira sacerdotal. O certo é que a sua filha mais velha — Ana Inocência de Campos — a quem chamavam de Donana da Bagagem, tinha 10 anos quando da morte de sua mãe e somente alguns anos depois é que pôde assumir a administração desse imóvel rural. Na década de 1820 a Bagagem passou por uma crise econômica notada por Cunha Matos em seu "Itinerário", no qual fala da decadência do Engenho do Pe. Jeronymo. Tal situação que afetou na época outras fazendas goianas foi depois superada graças principalmente ao zelo e à visão administrativa de Donana. Esta moça era extremamente laboriosa iniciando as tarefas cotidianas às 4 e pouco da manhã. O resultado de tal esforço pode ser visto na "Conta dos Dizimos" do ano de 1854 no qual ela declarou possuir na Bagagem 2 poltrinhos, 3 bezeros, 6 alqueires de feijão e 100 alqueires de milho. Nessas lidas ela contava com o auxílio das suas duas irmãs e principal-

mente dos seus escravos que recebiam dela um tratamento digno, comparável ao dos camaradas e das criadas dos tempos atuais. Desses cativos sabemos os nomes de Manoel, crioulo, por ela adquirido em sociedade com suas irmãs em 1832; Gregório da Costa, Maria da Costa, Paulo Crioulo e Florinda Crioula que herdada de seu pai por ocasião da partilha dos bens semoventes e móveis em setembro de 1840; Maria, de cor parda, nascida em 1822 e Piedade, de cor parda, nascida em 1850 sendo que estas duas últimas foram vendidas em setembro de 1876 para César Augusto Gaúdie Fleury, esposo de sua sobrinha, a quem entregou no fim da vida a administração da Bagagem. Vale destacar que na mesma ocasião Donana vendeu a César outras duas escravas: Maria, de cor preta nascida em 1812 e Florinda, também de cor preta com 36 anos de idade, e que cremos ser as mesmas que constam "na folha de partilha" de 1840. Isto nos permite constatar que Maria da Costa aos 28 anos foi avaliada em 400\$000 e que aos 64 anos de idade o seu valor caiu para 200\$000 enquanto que Florinda com 1 ano de idade valia 100\$000 e aos 36 anos passou a valer 400\$000.

Muito religiosas, as três moças da Bagagem realizavam todos os anos a trezena de Natal em sua residência de Corumbá. Foram muitas as doações que fizeram para a Igreja Matriz de N. S. da Penha de Corumbá, cuja reforma e ampliação foi realizada por seu irmão caçula o Padre Manoel Inocência da Costa Campos, que em 1840 tornou-se o primeiro vigário da paróquia de N. S. da Penha. Entre as doações feitas por elas ressaltamos a lâmpada de prata para o Santíssimo Sacramento que Ana Inocência mandou fabricar no Rio de Janeiro e na qual foram empregadas 1.140 oitavas de prata, colocada no referido templo a 26 de fevereiro de 1856. Nesse mesmo ano foi entregue ao vigário Inocência o legado de Bárbara Maria de Campos, falecida no dia 22 de julho de 1854, no valor de 600\$000 e que serviu para custear metade do valor total da torre que este mandou erguer ao lado esquerdo da Igreja Matriz de Corumbá, sendo que o restante da despesa com essa construção foi custeado pelo próprio vi-



gário. É interessante notar que a doação de Ana Inocência importou em 602\$790, ou seja, quase o mesmo valor do legado de sua irmã.

Ana Inocência sobreviveu às duas irmãs mais novas em 25 anos, tendo, ao falecer, deixado todos os bens à sua sobrinha, afilhada e filha de criação de Maria das Dores Curado Fleury que era filha do seu irmão Comendador João José de Campos Curado e de Dona Ana das Dôres Fleury. Donana morreu no dia 22 de dezembro de 1879 aos 84 anos de idade e foi sepultada no Cemitério Paroquial de Corumbá de Goiás, tendo sido a última pessoa de sua irmandade a falecer.

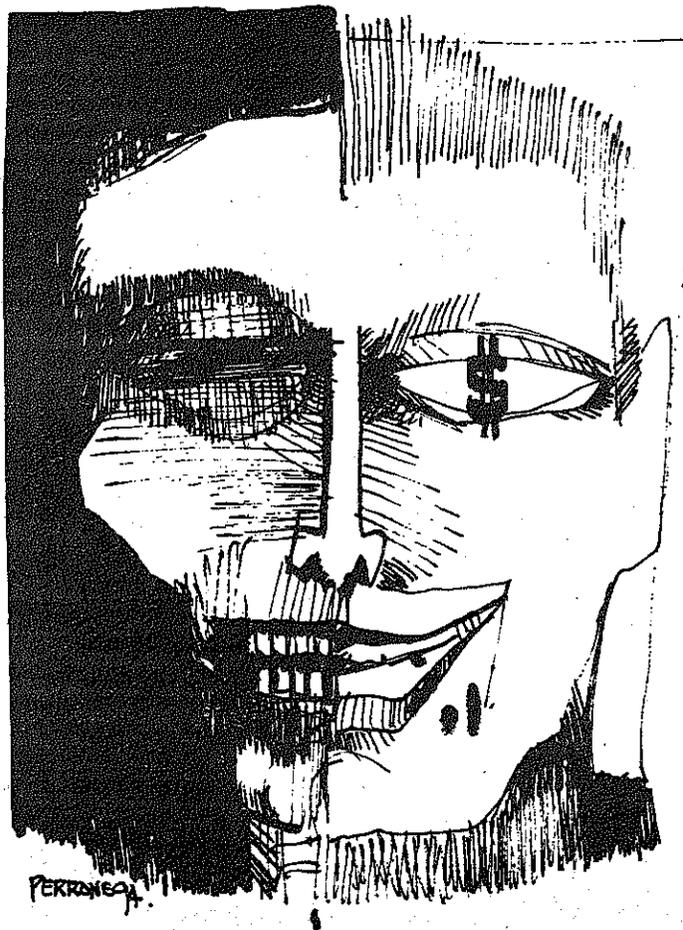
A herdeira e o primeiro César

A nova proprietária da Bagagem, Maria da Dores Curado, ali residia desde antes do seu casamento com o seu primo materno, César Augusto Gáudie Fleury, ocorrido na Igreja Matriz de N. S. da Penha de Corumbá no dia 12 de setembro de 1871, estando a noiva com 26 anos de idade. Maria das Dôres, que era chamada pelo seu de Dona Nenê dedicava-se aos serviços da Fazenda, sem contudo descuidar-se das leituras, tendo possuído na Bagagem uma biblioteca na qual havia principalmente obras sacras. Alguns desses livros chegaram às nossas mãos: "Respostas Concisas e Familiares Às Objeções Mais Vulgares Contra a Religião" de MGR de Ségur, editado em Portugal no ano de 1874 e ofertado a César em 1879 e o "Manual do Cristão" de Goffiné, editado no Rio de Janeiro em 1900 e adquirido por Maria das Dores no ano seguinte. Nenê foi membro-fundadora das Irmandades leigas do Apostolado

da Oração e da irmandade do Rosário da Paróquia de N. S. da Penha de Corumbá, para cuja Igreja Matriz doou uma imagem de São Domingos no ano de 1904, sendo que a referida imagem chegou a Corumbá alguns dias após o seu falecimento, ocorrido no dia 26 de junho daquele ano. Maria das Dores e César tiveram 6 filhos, sendo 4 homens e 2 mulheres, entre os quais César Dunstan e Ana Inocência que mais tarde administrariam, esse sítio.

A nova casa

No ano do falecimento de Donana, César iniciou a construção de uma nova casa-sede na Fazenda Bagagem. Essa nova edificação era bem maior que a casa construída por Antônio José de Campos que se encontrava muito estragada e apresentava as desvantagens de ser muito úmida e de situar-se num local muito baixo, tendo sido demolida posteriormente. A nova moradia iniciada por César em 1879 foi construída com adobes ali mesmo fabricados, possuindo telhado de quatro águas, sendo que os portais da frente e do oitão esquerdo possuíam vergas de arco abatido. O piso da sala era de tijolo e o da varanda assoalhado, havendo ainda cômodos com piso de terra batida e um saguão de lajes. Sua localização deveu-se ao fato de César querer fazer junto dela galpões para depósito e dois novos monjolos, uma vez que a casa velha possuía apenas um e o novo local, por ser mais alto, permitir o aproveitamento melhor da água para este fim. A nova fisionomia da Fazenda Bagagem foi assim descrita por um dos irmãos de Maria das Dôres, Antônio F. Curado em 22 de junho de 1881: "Estamos de falha



hoje na Bagagem. Tudo aqui está mudado completamente e muito tenho apreciado. A casa tem ótimos cômodos e é bem construída. O quintal é imenso e está bem plantado. O César tem trabalhado muito e fez na Bagagem velha uma transformação para melhor".

A principal atividade econômica implementada por César na Bagagem foi a cafeicultura, já que as terras desse sítio eram propícias ao plantio de café e esse produto era então o principal artigo de exportação do Brasil. Em 1884 ele exportou 95 arrobas de café para a capital de Goiás. César recebia também a colheita de outros cafeicultores para pilar, sendo

que em 1883 seu cunhado Francisco Herculano Fleury Curado enviou para a Bagagem 40 alqueires de café para serem pilados. Fleury tinha também atividades pecuárias em seu sítio e no lançamento de imposto sobre a Produção de Gado Vacum e Cavalares do Município de Corumbá, feito em 1891, vemos que os 15 bezerros e 5 poltros que possuía na Bagagem, colocavam essa propriedade como o 5º maior rebanho do município em ambas as categorias de animais de cria. Voltando a estudar a agricultura organizada por César Augusto na Bagagem, veremos que em 1904 sua produção cafeeira estava classificada em 28º lugar entre as 412

propriedades rurais do município de Corumbá que produziam tal gênero agrícola, e que correspondia a 10% da produção do maior plantador de café do município que, diga-se de passagem, tinha suas roças na Malícia, ou seja, numa parte da Fazenda Bagagem que fora vendida anos antes. Em 1905 havia onze mil pés de café no Sítio da Bagagem e a colheita encheu o pátio lajeado que servia para secar esse produto, para depois preencher totalmente as grandes tulhas nas quais o café ficava guardado até ser vendido.

Porém as atividades de César Gáudie não se limitavam à administração da Bagagem e das propriedades rurais que adquiriu no município de Pirenópolis. Tendo cursado o Liceu de Goiás até o 4º ano, César era também um homem culto e ligado à vida política, tendo sido eleito deputado provincial em setembro de 1889 e vice-presidente do Estado de Goiás em 1912. No âmbito municipal foi Juiz de Paz no tempo do Império e Presidente do Conselho de Intendentes no início da República, além de Intendente Municipal de Corumbá de 1907 a 1911, quando realizou importantes melhoramentos nessa cidade. Entre as múltiplas atividades de César Augusto é oportuno relembrar uma tropa de animais de carga para facilitar o escoamento da produção de sua fazenda e também para prestar serviços a terceiros, e que nesse último mister a sua tropa foi escolhida para trazer de Uberaba para Pirenópolis, e depois dessa cidade para o Torto, os apetrechos da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil. Diversos membros dessa comissão estiveram no Sítio da Ba-



**Benício
Tavares - PP**

DF-Letras é Canal de Difusão Cultural

A Câmara Legislativa do Distrito Federal, apesar de seus incompletos 4 anos, já é referência política, de cidadania. As eleições de 3 de outubro atestam este fato. A Câmara Legislativa, por outro lado, já está inserida no contexto artístico-cultural de Brasília, importante espaço físico para essas manifestações, foco difusor da mais autêntica cultura não só da cidade, como do Planalto Central que a acolhe. O **DF-Letras**, que comemora, com esta edição, o seu primeiro aniversário, é o instrumento incontestado disso, dando a esta Ca-

sa qualificação para sua missão de representar e lutar pelo engrandecimento da comunidade em que está inserida.

O papel que vem sendo desempenhado pelo **DF-Letras**, no entanto, transcende o aspecto cultural, quando lembramos que a Câmara Legislativa ainda prioriza a sua integração na sociedade que a recém recebeu. Mostra esta publicação que o universo e o campo de ação do Poder Legislativo é mais amplo que o político-institucional. O **DF-Letras**

significa a presença desta Câmara Legislativa na história do Distrito Federal e sua importância na formação e no fortalecimento das raízes de um povo que se forma como produto da união de várias culturas, como é o caso de Brasília, e de quem o **DF-Letras** já se consolida como seu instrumento de comunicação. Para quem tem uma missão tão significativa, as felicitações pelo seu primeiro aniversário devem vir traduzidas em manifestação do mais profundo respeito e admiração.

gagem, inclusive Luiz Cruls, que tornou-se amigo de César Fleury e com quem trocou idéias sobre a demarcação do local da futura capital do Brasil, local este que César visitou na sua companhia.

O segundo César e o auge da fazenda

Com o falecimento de César Augusto Gáudie Fleury ocorrido a 2 de abril de 1914, em pleno mandato de vice-presidente do Estado de Goiás e aos 65 anos incompletos, o Sítio da Bagagem passou para seu filho César Dunstan Curado Fleury então com 35 anos de idade. César — pai, foi sepultado no Cemitério de Corumbá, no mesmo túmulo de Donana da Bagagem e de sua esposa, César Dunstan que até aquela época trabalhava como tropeiro, mostrou à frente de sua nova tarefa um extraordinário senso administrativo, dando novo impulso à Bagagem, tendo inclusive reincorporado, através de compras, algumas terras que já haviam pertencido a esse imóvel. Sob a sua direção a Fazenda Bagagem transformou-se em uma verdadeira autarquia, produzindo todos os gêneros alimentícios de subsistência e ainda exportando grande quantidade de café ali produzido. Dunstan também dedicou-se à criação de gado tendo chegado a possuir um rebanho de 81 rezes bovinas, além de mulas, cavalos e suínos. Para se ter uma idéia do crescimento da produção econômica da Bagagem durante a administração de Dunstan pode-se comparar a classificação recebida no lançamento de impostos municipais em 1925, quando essa fazenda foi classificada como imóvel rural de 2ª classe e ficou em segundo lugar na lista dos maiores contribuintes rurais, pagando um imposto equivalente a 60% daquele devido pela fazenda colocada em primeiro lugar.

Em 1930, quando a Bagagem foi elevada a imóvel de 1ª classe seu proprietário pagou o mais alto imposto rural do município e sobrepujava a fazenda classificada em segundo lugar em 21%.

Dunstan também se dedicou às atividades políticas em Corumbá, ocupando os cargos de Vice-Intendente Municipal, Conselheiro Municipal, Juiz Distrital e Juiz Municipal. Foi ainda durante quase quatro décadas o chefe po-

lítico de Corumbá onde foi presidente do Diretório local do PSD, tendo chegado a ocupar a vice-presidência do diretório estadual desse partido e ainda a vice-presidência estadual do PSP. No início da década de 20 Dunstan, juntamente com o seu primo Antônio Felix Curado, promoveu a construção da primeira rodovia ligando Corumbá a Anápolis e a Pirenópolis, tendo mantido linhas de transporte de veículos para passageiros e cargas entre essas localidades durante 25 anos. Foi ainda o encarregado da construção do trecho da linha telegráfica situada entre Santa Luzia e Corumbá.

Como cristão, César Dunstan foi sempre assíduo nos deveres religiosos, tendo mandado fazer o atual cruzeiro colocado em frente à Igreja Matriz de Corumbá no ano de 1935, e também encabeçado, juntamente com o seu filho José Hercílio Curado Fleury e com os senhores João Paulino Gornes Parente e Dr. Alceu Galvão Velasco, o levantamento de recursos para o concerto do sino da Matriz de N. S. da Penha de sua cidade, que havia rachado. Assim como seu pai, integrou a Irmandade do Santíssimo Sacramento de Corumbá que fora fundada por seu tio - avô, padre Manoel Inocêncio da Costa Campos em 1847. Aliás, a tradição de se participar dessa confraria por parte dos antepassados de Dunstan começou com o seu pentavô Clemente da Costa e Abreu que em 1757 era o provedor da Irmandade do Santíssimo em Meia Ponte, da qual também participou o Padre Jeronymo, e João José, sendo que esse último tanto naquela localidade como em Corumbá, onde foi um dos primeiros integrantes. Dunstan foi

ainda vicentino, muito colaborando com o Asilo e com a pobreza em geral de sua terra.

Tendo casado em dezembro de 1908 com a sua prima ana Joaquina Fleury Curado que possuía residência em Corumbá, o casal teve oito filhos, sendo que o primogênito José Hercílio Curado Fleury diplomou-se em Direito no Rio de Janeiro, tendo exercido a advocacia em Goiás e em São Paulo e também cumprindo mandato de deputado estadual em Goiás. Chamado a exercer importantes cargos no governo federal, representou o Brasil por três vezes na Organização Internacional do Trabalho em Genebra, Lisboa e Madrid. Hercílio quando exerceu a função de Deputado Constituinte goiano no ano de 1947, liderou na Assembléia Legislativa a campanha pela mudança da capital federal para o Planalto Central. Dunstan conseguiu ainda formar o seu segundo filho — Sylvio do Rosário Curado Fleury — em medicina, tendo ele exercido sua profissão em Belo Horizonte onde ainda trabalhava prestando serviços médicos gratuitos ao Hospital da Previdência Social função esta que exerce há mais de 35 anos. Dedicou-se ele ainda à pesquisa histórica.

Apesar de sua família numerosa e dos serviços rurais e na casa da cidade, Ana Joaquina, que tinha o apelido de Senhorita quando solteira — não descuidava das atividades culturais, religiosas e sociais. Versada em línguas estrangeiras, cujas revistas e jornais recebia de seu irmão André Curado, Joa-

quina possuía um profundo conhecimento sobre a geografia da Europa Central. Também era apreciadora da história e da música, tendo ganho de seu esposo, no ano de 1912, um piano importado de Paris, trazido para Corumbá em carro-de-boi, no qual executava um vasto repertório musical. Integrante do Apostolado da Oração e da Irmandade do Rosário, doou para a Matriz de Corumbá uma imagem de N. S. do Rosário. Seu falecimento ocorreu em 25.8.1963.

Na administração do Sítio da Bagagem, Dunstan contou ainda com a ajuda de sua irmã Ana Inocência Fleury Brandão — apelidada de Anita, com a qual repartiu, durante várias décadas, a administração da fazenda e a quem amparou nos momentos difíceis da vida. Dunstan faleceu a 9 de abril de 1951 e Anita em 1960. Através de seu inventário ficamos sabendo que César Dunstan deixou, entre outros bens, três currais, três pastos junto da casa e cinco invernadas, sendo que o Sítio da Bagagem tinha então uma área de 1.150,80ha.

Sucedeu Dunstan na administração da Bagagem o seu filho Mario Curado Fleury, então com 33 anos de idade, sob cuja direção continuou a produzir café, açúcar, arroz e feijão além de produtos de origem pecuária, tendo porém de lutar contra a escassez e carestia de mão-de-obra.

Mário casou-se em 1958 com Ana Adairce Abrantes. Eleito vereador em 1966 pela Arena, exerceu mais outros dois mandatos, tendo ocupado a vice-presidência da Câmara Municipal de Corumbá.

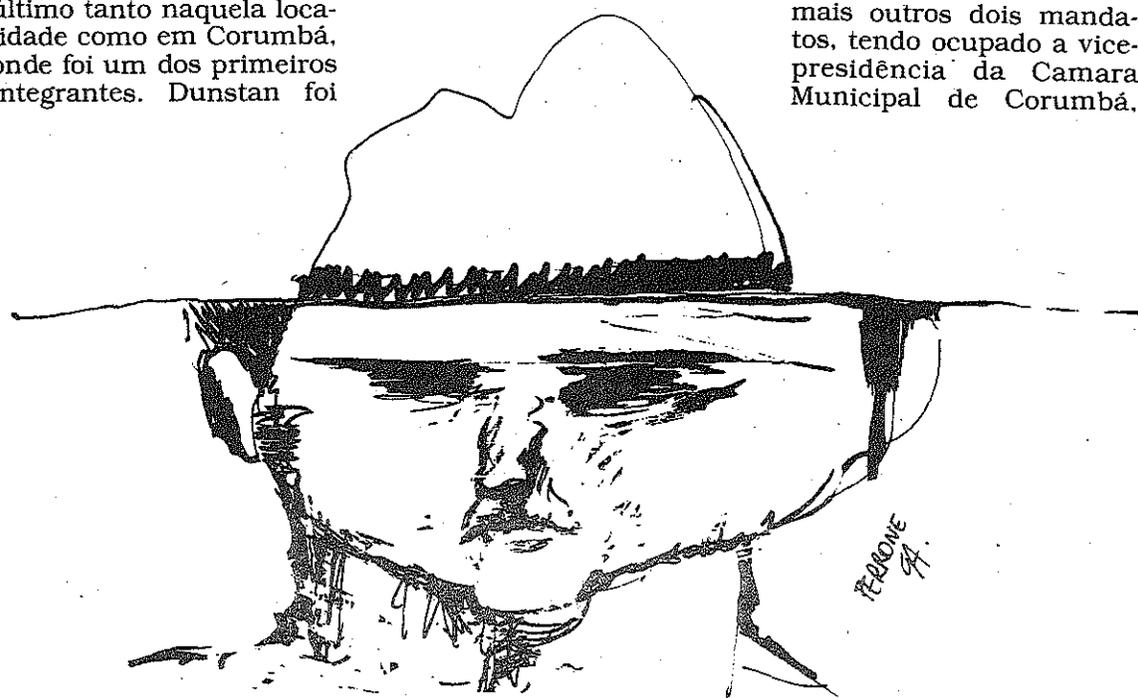
Mário integrou a Irmandade do Santíssimo Sacramento e a Conferência de São Vicente de Paula e em 1949 foi Imperador da Festa do Divino de Corumbá, à semelhança de seu pai que no ano de seu nascimento — 1918 — exerceu a mesma função. Adairce sua esposa, foi sua constante companheira, tanto nos serviços rurais como na militância política, tendo ocupado a Secretaria de Educação Municipal. Seu falecimento ocorreu a 2 de janeiro de 1978 aos 42 anos de idade. Mário e Adairce tiveram 4 filhos sendo o primogênito do casal — José César Abrantes Curado — é hoje o proprietário da sede da fazenda.

Em fevereiro de 1987 o Sítio da Bagagem foi partilhado entre os herdeiros de César Dunstan dos quais hoje apenas 2 filhos — Mário e Alair — 3 netos: José César, Leonardo e Mário Celso, ainda possuem terras na Bagagem.

José César casou-se em 1986 com Rosimeire Ferreira Pio, tendo sido eleito no último pleito municipal vereador e em seguida, Presidente da Câmara Municipal de Corumbá, cargo que exerce atualmente, possuindo ainda na cidade uma máquina de beneficiar arroz. Sua esposa exerce atualmente uma das secretarias da Câmara de Vereadores e cursa o Colégio de 2º Grau de Corumbá. No que refere-se ao Sítio da Bagagem hoje com dimensões bem reduzidas, José César possui plantação de hortaliças que destina à comercialização local e criação de gado leiteiro.

A Fazenda Bagagem onde existiam ricos e prósperos garimpos nos primórdios da formação de Corumbá e onde vicejou depois uma pujante agricultura de exportação, conserva a tradição histórica e política de várias gerações de corumbaenses ilustres. O velho casarão edificado em 1879 é um marco do desenvolvimento econômico de Corumbá de Goiás e deve ser preservado já que suas paredes guardam inúmeras recordações de outras épocas. E foi inspirado na sua infância passada nessa fazenda que Hercílio Fleury fez este soneto com o qual encerramos nossa crônica histórica:

“No Sítio Bagagem
No peito da noite
tristonho bate o monjolo
pilando saudade.”





Ao
DF LETRAS
Câmara Legislativa do DF
SAIN - Parque Rural Norte Brasília-DF

7 0 0 8 6 8 0 0

Junqueirópolis, 14 de junho de 1994.

Prezado Senhor,

Pela presente, venho solicitar de Vossa Senhoria a gentileza de informar acerca da assinatura do "DF Letras", o qual pude conhecer lendo o Jornal "Do Leitura" do Estado de São Paulo.

Certo da atenção por parte de Vossa Senhoria, antecipo meus agradecimentos e na oportunidade que se me apresenta, envio-lhe meus votos de estima e consideração.

Clóvis Mendes, 20 anos
funcionário públ. estadual
2º ano Direito
RG-22.504.650-7

Imo. Sr. Redator da Revista DF Letras

Tive oportunidade de conhecer a revista DF LETRAS e achei excelente o nível de conhecimento que pode ser obtido através da leitura de suas matérias.

Por esta razão solicito de V.S.ª a fineza de incluir meu nome na relação dos que recebem esta revista.

Antecipadamente agradeço.

Maurício Maciel Valença
Av. Rodrigues de Abreu-131
Bairro Maurício de Nassau
CEP 55.000.000
Caruaru-Pe.

Caruaru, 6 de junho de 1994.

Florianópolis, 20 de junho de 1994

Prezado Nelson Pantoja — editor DF-Letras

Acabo de receber (e já li com o mesmo interesse dos anteriores) o novo número do DF-Letras. A cada número ele está melhor, com colaborações de real interesse. E num momento em que o espaço para a cultura se fecha, é bom saber que órgãos como o Letras abre espaço para a divulgação da coisa cultural. Espero que ele se mantenha por longo tempo, contribuindo para a divulgação de nossas coisas.

Esclareço o "acabo de receber", já que a data do Letras é 30 de março: ele veio endereçado à Editora da Universidade (Caixa Postal) onde não mais me encontro. Estou, agora, na Superintendência da Fundação Franklin Cascaes, órgão de cultura do município.

Gostaria, claro, de continuar recebendo o jornal. E gostaria, se possível, que além de exemplar para a Fundação, outro fosse remetido para meu endereço particular.

Espero que lhe tenha chegado o último número da Folha de Cultura, jornal da Fundação.

Aqui ao dispor, abraços

Fundação Franklin Cascaes
R. Tenente Silivera, 293 — 2º andar —
Ed. Reflex
88010-301 — Centro — Florianópolis —
SC

Brasília, 25 de maio de 1994.

Ilustres Editores do DF-Letras

Recebo, com satisfação, o DF-Letras — suplemento cultural do Diário da Câmara Legislativa — conquista que vem incentivando a criação literária em nosso meio intelectual.

O DF-Letras, no seu último número, traz, entre apreciáveis publicações, a entrevista do escritor e poeta Diniz Félix dos Santos, incansável batalhador das Letras, ilustre editor de "Poetiké" — significativo movimento de poetas a desferrolhar portões dos longes.

Agradeço a gentileza das remessas do DF-Letras.

Atenciosamente,

Líli Portugal Magnavita-
Escritora

Pereira Barreto, 16 de junho de 1994

Caríssimo amigo Sr. **Nelson Pantoja**

Movido pela intensa admiração que advem do excelente DF Letras, maior agora com a ampliação do espaço, magnificamente preenchido com a participação de grandes nomes da nossa literatura, venho através desta parabenizá-lo, assim como a todos os demais responsáveis pela redação do DF Letras.

Valiosíssima a entrevista com o poeta, trovador e dinâmico agitador cultural Diniz Félix dos Santos, cuja dedicação consagrada ao movimento poético vem obtendo resultados importantes, principalmente, agregando valores dispersos com "Poetiké", que objetivava o resgate de preciosos valores da nossa cultura.

Conduzida magistralmente por V. S.ª a entrevista vem a premiar aos leitores do DF Letras, trazendo esclarecimentos de grande importância sobre o movimento literário brasiliense, seu reflexo em todos os estados brasileiros e

Nelson Pantoja,

Li, neste fim de semana, o "DF Letras".
Aplaudo o gesto e o propósito.
Em tempos de **extermínio** dos suplementos literários, a decisão da Câmara Legislativa somente merece que a gente bata palmas.
É o que faço aqui, na maior alegria.
Vá em frente.

Abraço especial do
Min. Marcos Vilaça

além fronteira, envolvendo aqueles que se dedicam às Letras.

Como tão bem lembrou o amigo, focalizando "As ivações do suplemento" evocando o mestre Monteiro Lobato em sua afirmativa: "Um país se constrói com homens e livros", o DF Letras, sem dúvida, cumpre papel importante na prática dessa máxima, possibilitando-nos apreciações de vulto, primeiro com Victor Alegria, depois com Diniz Félix dos Santos. Porém, além dessas preciosas matérias, não podemos deixar de manifestar nosso apreço pelas igualmente valiosas contribuições de Ronaldo Cagiano (**Movimento Verde**), Cassiano Nunes (A Presença do Brasil na Cultura de Cabo Verde), Ronaldo de Melo e Soza (O Idílio Leopardiano do Transfinito), entre outras que nos encheram os olhos, nas duas últimas edições do DF.

Por tudo que afirmamos acima, não poderíamos deixar de manifestar o nosso reconhecimento e parabenizá-los pelo brilhante trabalho que fazem em prol da cultura brasileira.

Cordiais saudações e um forte abraço

Carlos Moreira Santos

São Paulo, junho/1994

Prezada Rose Mary Miranda,

Mais uma vez escrevo para agradecer-lhe pelo constante envio do DF Letras, o qual vem melhorando a cada novo número.

Recebi os nºs 10 e 11, (aguardo o 12). Envio junto a esta, mais alguns poemas, para quando houver possibilidade de publicação. Aqui, continuo torcendo para que o DF Letras continue sempre ativo e aberto aos novos escritores.

Obrigado, e até breve.

Atenciosamente,

Antonio Medrado

Brasília, abril 94

PARAÍSO DO TOCANTINS, 19 DE MAIO DE 1994.

Srs Editores,

É com imenso prazer, que acuso o recebimento de mais um belo número do DF.

Poderia até afirmar que o DF — Letras já faz parte da minha vida. Belas reportagens, belos artigos, ensaios, sem falar nos saraus de poesias; expostas a nossos olhos.

Parabéns, que vocês se constituam em altaneira exceção.

Caro Editor, junto estou enviando um pequeno Ensaio Literário, para sua apreciação e possível publicação. É um ensaio simples mas, devemos difundir a importância que foi e é o nosso serviço de correio.

Principalmente para nós poetas.

Na certeza em contar com vossa valiosa colaboração desde já envio os meus agradecimentos.

Sem mais para o momento, reiteramos nossos votos de estima e alto apreço.

Atenciosamente,

CÉSAR LUSTOSA,
Poeta,
Secretário financeiro.

SÃO PAULO, 09 de Maio de 1994.

Senhores(as);

Perguntado a um colega de classe sobre a origem de um ótimo trabalho escolar apresentado, este me respondeu que o havia copiado em parte do "DFLetras" que conseguira através de outra pessoa.

Sendo estudante de Ciências Sociais (e pretendo historiador), escrevo esta pedindo informações a respeito do "DF Letras". Como adquirir (se é isto possível), o que é necessário etc...pois Artigos como o que me foi apresentado são de extrema importância para o que faço e o que ainda pretendo fazer.

Agradeço pela atenção e aguardando resposta:

Aryowaldo Paulo Muccido
Rua Pantoja nº 388
CEP 03343-000 — São Paulo-SP

Taguatinga, 10 de maio de 1994
Sr. Nelson Pantoja

Parabéns pela entrevista feita ao confrade Diniz Félix dos Santos.

Suas perguntas inteligentes e oportunas, às vezes embutidas de sutil ironia, proporcionaram ao ilustre acadêmico respostas diplomáticas, decentes, apropriadas, fugindo ao lugar comum de culpar autoridades pela falta de apoio à cultura do Distrito Federal.

Mais uma vez ficam demonstrados a competência e o talento do entrevistado.

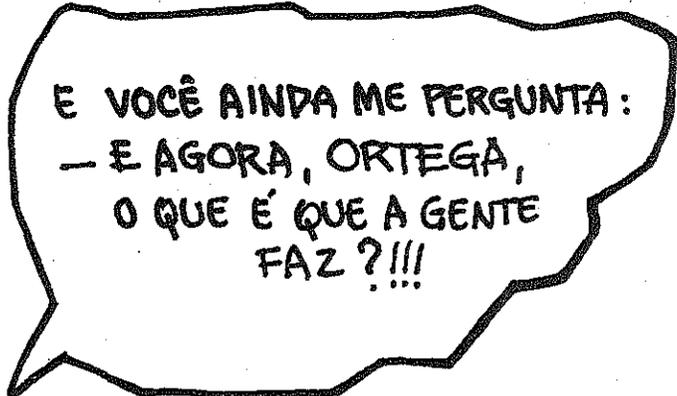
Parabéns também pelo jornal DF Letras, que está cada vez melhor.

Cordialmente,
Nara N. Silva
Presidente da Academia
Taguatinguense de Letras
(recentemente eleita)



ORTEGA
o pragmático

Perrone



M. PERRONE . JUN/94



CPMTRATP Mº 3956/91
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

IMPRESSO